

Maira Elisa Cassimiro Martins Morais

**TRANSBORDAÇÕES NAS PRÁTICAS COTIDIANAS DAS BORDADEIRAS DA
CIDADE DE BARRA LONGA – MINAS GERAIS APÓS O ROMPIMENTO DA
BARRAGEM DE FUNDÃO**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade
Federal de Minas Gerais – UFMG

2021

Maira Elisa Cassimiro Martins Moraes

**TRANSBORDAÇÕES NAS PRÁTICAS COTIDIANAS DAS BORDADEIRAS DA
CIDADE DE BARRA LONGA – MINAS GERAIS APÓS O ROMPIMENTO DA
BARRAGEM DE FUNDÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Linha de pesquisa: Identidade, Sociabilidades e Práticas de Lazer

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cristiane Miryam Drumond de Brito

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade
Federal de Minas Gerais - UFMG

2021

M827t
2021

Morais, Maira Elisa Cassimiro Martins

Transbordações nas práticas cotidianas das bordadeiras da cidade de Barra Longa – Minas Gerais após o rompimento da barragem de fundão. [manuscrito] / Maira Elisa Cassimiro Martins Moraes – 2021.

170 f.: il.

Orientadora: Cristiane Miryam Drumond de Brito

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 154-166

1. Lazer – aspectos sociais – Teses. 2. Identidade cultural – Teses. 3. Cultura popular – Teses. I. Brito, Cristiane Miryam Drumond de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6: nº 3132, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
 ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
 CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER
ATA DA 163ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO
MAIRA ELISA CASSIMIRO MARTINS MORAIS

Às 14h30min do dia 06 de julho de 2021 reuniu-se de forma virtual (via videoconferência pela plataforma “Google Meet”) a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho “*TRANSBORDAÇÕES NAS PRÁTICAS COTIDIANAS DAS BORDADEIRAS DA CIDADE DE BARRA LONGA – MINAS GERAIS APÓS O ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE FUNDÃO*”, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Prof. Dr. Cristiane Miryam Drumond de Brito, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Profa. Dra. Cristiane Miryam D. de Brito (Orientadora)	X	
Prof. Dr. Jose Alfredo de Oliveira Debortoli (UFMG)	X	
Profa. Dra. Raquel de Magalhães Borges (UFJF)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: **APROVADA**

O resultado final foi comunicado publicamente, para a candidata pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidenta encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 06 de julho de 2021.

Banca

Prof. Dra. Cris ane Miryam Drumond de Brito
 Prof. Dr. Jose Alfredo de Oliveira Debortoli
 Profa. Dra. Raquel de Magalhães Borges

Documento assinado eletronicamente por **Jose Alfredo Oliveira Debortoli**, **Professor do Magistério Superior**, em 07/07/2021, às 09:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

https://sei.ufmg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=867640&infra_sistema=... 1/2 13/07/2021 SEI/UFMG - 0823785 - Ata de defesa de Dissertação/Tese

Referência: Processo nº 23072.233021/2021-02

SEI nº 0823785



Documento assinado eletronicamente por **Raquel de Magalhães Borges, Usuário Externo**, em 07/07/2021, às 10:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Crisane Miryam Drumond de Brito**, **Professora do Magistério Superior**, em 12/07/2021, às 19:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0823785** e o código CRC **C46D06D0**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, acima de tudo, pela oportunidade inimaginável a mim concedida de realizar a conclusão deste trabalho. Veio Dele a inspiração desde o início e permaneceu até sua conclusão.

Aos meus amados filhos Ricardo, Tabatha e Felipe. Por meio de suas vidas, me fortaleço a cada dia e, mais uma vez, deixo para vocês esta herança, o estudo.

Ao meu esposo, Angelo, pela compreensão, apoio incondicional e carinho durante essa trajetória.

À minha amada, preciosa e vitoriosa mãe, Gilka, pelos seus ensinamentos de fé e esperança e por ter reconhecido em mim um potencial que, muitas vezes, nem eu mesma via.

À minha querida orientadora, Cristiane Drumond, parceira que acreditou e abriu portas para mim desde o início, dando-me a oportunidade de crescer como pessoa, por meio de nossa convivência, e como aluna, sendo aprendiz de seus infindáveis conhecimentos.

A todos os professores que passaram pelo meu caminho, somando e multiplicando saberes com a maior disposição em compartilhar o que de melhor foi conquistado por eles.

À minha irmã, Gilka, brilhante professora, que me auxiliou nos momentos imprescindíveis durante minha escrita.

Ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL) em especial, na pessoa do Danilo Ramos, pelo atendimento preciso e eficiente. Grande Danilo!!

Aos colegas mestrandos das turmas 2019 e 2020, pela parceria no decorrer das disciplinas e pelo compartilhamento de tantos conhecimentos diferenciados.

Às bordadeiras entrevistadas que, generosamente, cederam seu tempo e suas histórias, tão imprescindíveis para a construção e conclusão deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho de dissertação propõe discutir os impactos causados às bordadeiras de Barra Longa pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana - Minas Gerais, ocorrido em 2015. Para tal, optou-se por uma pesquisa qualitativa, implementada por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas, *in loco*, em uma aproximação direta com as bordadeiras. O objetivo foi verificar se houve modificações nas práticas cotidianas, inclusive relacionadas ao lazer, das bordadeiras de Barra Longa, após o rompimento da barragem, bem como a centralidade do bordado e se esta atividade é capaz de ressignificar locais e memórias. Para estabelecer uma correlação entre a temática do lazer e o bordado com o referido desastre, buscou-se compreender a origem do bordado e seu caminho até a chegada em Barra Longa, uma vez que, na cidade, essa arte traz em si vários significados, como tradição familiar, fonte de renda, lazer e lugar de autonomia. Dados sobre o dia da tragédia serviram para trazer à tona o desespero das pessoas, a falta de conhecimento em relação à presença de uma mineradora próxima à cidade e a falta de apoio das empresas responsáveis pelo ocorrido. Foram entrevistadas nove bordadeiras, com faixas etárias diversificadas, num período de dois dias consecutivos. Os resultados das entrevistas foram divididos por categorias, o que permitiu uma análise mais próxima da realidade vivida. Assim, foi possível concluir que Barra Longa é hoje uma cidade adoecida, tanto em relação aos impactos negativos causados ao meio ambiente, quanto em relação à saúde física e emocional de seus habitantes. Um dos impactos relevantes foi a perda de histórias familiares contadas através dos bordados, que eram passadas de geração em geração. Ademais, o quadro agravou-se diante de perdas também materiais e da negligência das empresas Samarco, Vale e BHP Billiton, que não deram voz aos atingidos e, até o momento de realização do presente estudo, não haviam remediado os estragos provocados pela lama. Em relação ao lazer, verificou-se um comprometimento nos espaços públicos onde as bordadeiras gostavam de bordar e, em alguns casos, uma mudança no estilo de bordar. Desse modo, apesar de tantas adversidades, conclui-se que o bordado significa, para elas e para toda a região, uma fonte de lazer, de resgate, de alegria e de renda. Por outro lado, a convivência com as bordadeiras e os dados das entrevistas permitiram constatar impactos ambientais imensuráveis, que o tempo jamais conseguirá remediar.

Palavras-Chave: Bordado. Lazer. Tragédia. Impacto Ambiental. Rompimento de barragem.

ABSTRAT

This dissertation work proposes to discuss the impacts caused to the embroiderers of Barra Longa by the rupture of the “Fundão” dam in Mariana - Minas Gerais occurred in 2015. To this end, we opted for a qualitative research implemented through semi-structured interviews, in loco, in a direct approach with the embroiderers, aiming to verify if there were transformations on their daily social and leisure practices after the dam breakdown, as well as the centrality of embroidery and if it is capable to reframe places and memories. To establish a correlation between the leisure theme and embroidery with the aforementioned disaster, we sought to understand the origin of embroidery and its path until its arrival at Barra Longa, since, in this city, this art carries with it several meanings, as the family tradition, source of income, leisure and place of autonomy. Data from the day of the tragedy, served to highlight people's despair, their lack of knowledge about the presence of a mining company close to the city and the lack of support from the companies responsible for what happened. Nine embroiderers with different ages were interviewed in a period of two consecutive days. The results of the interviews were divided by categories, which allowed a closer analysis of the reality. Therefore, it was possible to conclude that Barra Longa is now a sick city, due to the negative impacts caused to the environment and the physical and emotional health of its inhabitants. One of the relevant impacts was the loss of family stories told through embroidery that were passed down from generation to generation. Furthermore, the situation worsened due to material losses and the negligence of the companies Samarco, Vale and BHP Billiton, which did not give a voice to those affected and, until the moment of this research, had not remedied the damage caused by the mud. In relation to leisure, it was perceived a commitment in public spaces where embroiderers liked to embroider and, in some cases, a change in embroidery style. Despite so many adversities, it was concluded that, for them and for the entire population of the region, embroidery means a source of leisure, redemption, joy and income. On the other hand, living with the embroiderers and the data from the interviews allowed us to verify immeasurable environmental impacts, which time will never be able to remedy.

Keywords: Embroidery. Leisure. Environmental Tragedy. Dam Breakdown.

LISTA DE SIGLAS

ABBA	Associação Barralenguense de Bordadeiras e Artesãos
ACG	Associação de Cultura Gerais
AEDAS	Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social
ANM	Agência Nacional de Mineração
APL	Arranjos Produtivos Locais
BH	Belo Horizonte.
BHP	<i>Broken Hill Proprietary Limited</i>
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEXBARRA	Comissão Externa do Rompimento de Barragens
CFEM	Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais
DNPM	Departamento Nacional de Produção Mineral
EEFFTO	Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MASP	Museu de Arte de São Paulo
MG	Minas Gerais
MME	Ministério de Minas e Energia
OMS	Organização Mundial da Saúde
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PPGIEL	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer.
RIMA	Relatório de Impacto Ambiental
SERVAS	Serviço Social Autônomo
SPFW	São Paulo <i>Fashion Week</i>
SUPRAM	Superintendência Regional de Regularização Ambiental
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Peças bordadas para o desfile da São Paulo <i>Fashion Week</i>	16
Figura 2 - Desfile da São Paulo <i>Fashion Week</i> (2018).....	16
Figura 3 - Mapa do percurso da lama	26
Figura 4 - Agulhas de osso.....	31
Figura 5 - Colcha indo-portuguesa bordada no século XVI.....	31
Figura 6 - História do bordado - Damas da corte	32
Figura 7 - Arte gráfica Casa das Artes	51
Figura 8 - Chegada de Maira (pesquisadora) e Cristiane (orientadora) à Casa das artes	52
Figura 9 - Logomarca da Associação barralanguense de Bordadeiras e Artesãos...55	
Figura 10 - Pano de prato e toalha de rosto bordados pela bordadeira RBFF	59
Figura 11 - Pontos de Bordado Livre.....	64
Figura 12 - Interior da casa de AMP	67
Figura 13 - Vista da porta da casa de AMP	67
Figura 14 - Vista da rua da casa de AMP	68
Figura 15 - Quadro pintado por AMP – Vista de sua casa	68
Figura 16 - Bolsa bordada por AMP	69
Figura 17 - Quadros da mãe de RBFF	72
Figura 18 - Colcha e toalha de mesa deixados como herança pela mãe de RBFF...72	
Figura 19 - Praça Manoel Lino Mol, principal de Barra Longa.....	85
Figura 20 - Praça tomada pela lama	86
Figura 21 - Barra Longa totalmente alagada no dia do rompimento	101
Figura 22 - Imagem da parte de baixo da casa do filho de DFFB, onde funcionava a clínica veterinária	102
Figura 23 - Lama = Lixo tóxico, solo infértil	105
Figura 24 - Lavanderia da casa de DFFB.....	111
Figura 25 - Diagrama dos problemas de saúde	113
Figura 26 - Foto da perna de IFL, lesionada no dia rompimento	114
Figura 27 - Placa de lançamento da reconstrução da Praça Manoel Lino Mol.....	118
Figura 28 - Manifestação nas ruas de barra Longa.....	130
Figura 29 - Hotel Xavier aguardando restauração.....	134

Figura 30 - Imagem de um morador da cidade em protesto, após cinco anos de espera	135
Figura 31 - Vestidos bordados pelas Meninas da Barra.....	140
Figura 32 - Bordado realizado por AMP para SPFW.....	141
Figura 33 - Meninas bordadeiras de Barra Longa – Projeto As Mudanças.....	141

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Escolaridade das participantes.....	53
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1 Práticas culturais e desastres ambientais	20
2.2 Bordado e lazer	30
2.3 Ambiente integral e bem-viver	37
2.4 Saúde, lazer e ambiente integral.....	43
3 OBJETIVOS.....	46
3.1 Objetivo geral	46
3.2 Objetivos específicos	46
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	46
4.1 Cuidados éticos	47
4.2 Critérios de inclusão.....	47
4.3 Natureza da pesquisa	48
4.4 Coleta de dados	48
4.5 Análise dos dados	49
5 BORDADOS: UM SENTIDO PARA A VIDA.....	51
5.1 Bordado: princípios, origens e algumas histórias	59
5.2 Meu lazer é meu bordado	73
5.2.1 Mulheres bordadeiras e a desvalorização do trabalho feminino	77
5.3 Dia D: rompimento da barragem de Fundão – Linha do tempo	81
5.4 Depoimentos: o ambiente importa	93
5.5 Perdi tudo. E agora? O que farei?	98
5.5.1 Saúde, o que fizeram com ela? Também perdi	107
5.6 Invasão de Barra Longa – mudança brusca na rotina de uma cidade	117
5.6.1 Onde e como eu gostava de bordar antes do rompimento?	121
5.7 E agora que tivemos tantas perdas, quem vai nos socorrer?	126

5.7.1 Samarco e Renova: o silenciamento	132
5.7.2 Projeto Meninas da Barra - As Mudanças - Ronaldo Fraga e Renova - um breve alento para grandes dores	139
6 CONCLUSÃO	144
REFERÊNCIAS.....	147
APÊNDICE I.....	159
APÊNDICE II.....	161

1 INTRODUÇÃO

Além do bordado ser a minha voz, ele é a voz de muitas mulheres, e ultimamente tenho pensado muito nisso. Quando bordo, estou conectada com todas elas, sem barreiras no espaço/tempo.

Patrícia de Deus (2018).

Minha trajetória como servidora na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO – UFMG), bem como minha formação acadêmica em Gestão Ambiental, permitiu-me desenvolver interesse por estudos do lazer associado ao meio ambiente, o que se consolidou a partir do convite da Prof.^a Dr.^a Cristiane Drumond, docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Estudos do Lazer (PPGIEL/EEFFTO/UFMG), para frequentar uma de suas aulas ofertadas como disciplina isolada.

A frequência a essa e a outras disciplinas isoladas, desde o ano de 2015, voltadas para os temas lazer e meio ambiente, despertou o desejo de participar do processo seletivo de pós-graduação em Estudos do Lazer na EEFFTO-UFMG. A proposta de um projeto de pesquisa sobre as bordadeiras de Barra Longa, cidade localizada próxima à cidade de Mariana – Minas Gerais, onde ocorreu o rompimento da barragem de Fundão, em 2015, contribuiu para meu ingresso no programa.

O interesse pelas bordadeiras de Barra Longa surgiu a partir de uma reportagem produzida e veiculada pela emissora de televisão Rede Globo – Jornal Hoje, que foi ao ar no dia 23 de abril do ano de 2018. O foco da reportagem era mostrar, a partir da iniciativa e do olhar do artista Ronaldo Fraga,¹ as memórias, o traçado e o bordado, por meio de um diálogo estabelecido entre o saber e a moda, e de uma leitura que os relacionava ao rompimento da barragem de Fundão. Segundo o artista, seu interesse pelo bordado mineiro e o projeto desenvolvido com as bordadeiras partiram de um desejo em aprofundar nesse universo, onde a técnica vai além do mercado, se encontra no âmago da criação e da originalidade de um bordado bem feito, cuja paixão atravessa gerações e traz à tona memórias seculares.

¹ Estilista graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pós-graduado pela *Parsons School* (NY) e *Central Saint Martin* (UK). Entrou na moda, ou ofício da moda, pelo desenho, pelo registro gráfico, pela possibilidade da construção de memória gráfica, pelo diálogo da memória gráfica para vestir.

Essa história nasceu quando fui convidado para ir até lá conhecer um grupo de bordadeiras. Cheguei, dei o nome ao projeto, que se chama Meninas da Barra Longa² (a gente fala meninas, mas tem bordadeiras de 80 e poucos anos ali). No primeiro encontro, pedi que elas trouxessem bordados que caíram em desuso, que elas guardavam de forma preciosa, e uma delas, que é a mestra e está com princípio de Alzheimer levou uma camisolinha de batismo que todos os primos dela tinham usado. Em Minas tem muito disso, de uma peça passar de uma pessoa para a outra na família. “Mas a minha era muito mais bonita”, ela disse. E eu perguntei “Cadê a sua?”. “A lama levou”, ela respondeu. “Então, vamos bordar outra para a próxima geração”, eu falei. Acho que é isso o que tem que ser feito agora. Já se falou muito da tragédia pela tragédia. Agora, a gente corre um risco de viver uma tragédia cultural também, além da ambiental. É um saber que está se perdendo por vários motivos. Um deles é que, por serem estigmatizadas pela história, as pessoas estão recebendo suas indenizações e indo embora. Acho que isso merece uma vitrine. (FRAGA, 2018, n.p.).

Ronaldo Fraga (2018) propõe às bordadeiras que explorem, por meio do bordado, uma história que se entrelaça na busca pela identidade, resiliência e superação de barreiras, após o desastre ambiental, caracterizado por ser um evento que afeta negativamente uma sociedade ou ecossistema em algum nível, provocado por ação humana. O artista, por meio do projeto “Meninas da Barra -As Mudas”, desafia as bordadeiras no sentido de confeccionarem peças exclusivas, utilizando técnicas denominadas *Richiliê*³ e Ponto livre,⁴ no intuito de ilustrar a flora existente naquela região, antes da destruição provocada pelo rompimento da barragem. Em alusão ao nome do projeto desenvolvido por Ronaldo Fraga, adotarei o termo “meninas” para me referir às bordadeiras, a partir de agora, ao longo do texto.

Recriando a flora existente na região através de linhas e agulhas, o bordado dá voz às bordadeiras. Em seu livro intitulado “A Invenção do Cotidiano: Morar e Cozinhar”, Michel de Certeau (1996), ao falar sobre hábitos alimentares, menciona os cotidianos invisíveis, silenciosos e repetitivos de tarefas realizadas que têm origem em hábitos herdados e costumes repetidos, ou seja, fazer assim porque sempre se fez assim. Traçando um paralelo com as práticas de bordados, apesar de compreender, muitas vezes, técnicas e práticas comuns herdadas, o bordado pode

² O grupo, formado em 2017, é constituído por cerca de 30 mulheres de 17 a 80 anos, e desempenha um importante papel na remuneração das famílias, além de colaborar com o fortalecimento da economia local (PROJETO, 2019).

³ Tipo de bordado com características bem tradicionais. O nome adveio do Cardeal *Richelieu*, que fazia parte da corte do Rei Luís XIII da França. É sabido que, naquela época, o referido religioso chegou a criar oficinas para o preparo desse tipo de trabalho manual destinado à monarquia.

⁴ Existe uma diversidade de técnicas de pontos de bordados para decorar os mais diversos tipos de tecido. Na técnica de ponto livre, não existe uma regra rígida, o que mais importa é a criatividade. Basta passar os desenhos ou escritas escolhidas para o tecido, geralmente através do papel carbono, e começar a bordar.

ser objeto de ressignificação, cuja expressão manual revela a vida de pessoas e fatos ocorridos.

Figura 1 - Peças bordadas para o desfile da São Paulo *Fashion Week*



Fonte: BBC Brasil (2018).

Figura 2 - Desfile da São Paulo *Fashion Week* (2018)



Fonte: BBC Brasil (2018).

As peças bordadas em tecidos pelas bordadeiras mineiras foram expostas por Ronaldo Fraga no desfile ocorrido na 45ª edição do São Paulo *Fashion Week*⁵ (SPFW), em 2018. A iniciativa foi desenvolvida pela Associação de Cultura Gerais

⁵ O São Paulo *Fashion Week* é um evento que teve início em São Paulo no ano de 1996 e se chamava Morumbi Fashion Brasil. É o maior evento de moda do Brasil e o mais importante da América Latina, além de ser a quarta maior Semana de Modas do mundo, depois de Paris, Milão e Nova York.

(ACG), que tem o estímulo da Fundação Renova⁶ e é conhecida por elaborar projetos de transformação social em várias partes do país.

Como forma de incentivar a economia local e manter as tradições do município de Barra Longa, a Fundação Renova se juntou à ACG nas ações de transformação social em Barra Longa. Para o especialista em Programas Socioeconômicos da Fundação Renova, Francisco Lima, viabilizar o acesso das bordadeiras ao setor econômico é garantir a geração de renda bem fundamentada na tradição. (BORDADEIRAS, 2018, n.p.).

Após o desastre, foi estabelecido um modelo de governança que conta com a presença de 70 entidades dedicadas ao processo de reparação dos danos causados pelo rompimento da barragem de Fundão, dentre as quais está a Fundação Renova, financiada pela Samarco, que responde pela mobilização em prol dessa reparação. A fundação propõe que todas as decisões envolvendo o processo de reparação dos danos causados pelo desastre devem ser tomadas em conjunto, reunindo a comunidade local, técnicos e especialistas de diversas áreas de conhecimento socioambiental e científico do Brasil e do exterior, perfazendo um total de sete mil pessoas (FUNDAÇÃO RENOVA, 2019). Assim, ações voltadas para a restituição de bens materiais perdidos fazem parte das atividades da Renova.

As famílias como a de Francisca, que estão retornando para a zona rural, tinham a opção de reconstruir o imóvel em seu próprio terreno. Além da casa, elas vão receber outras estruturas que foram perdidas, como curral, galinheiro, chiqueiro e horta. “As famílias também recebem alimento para os animais compatível com a área do terreno perdida para a lama, de forma que não tenham prejuízo enquanto o local não é liberado para uso”, explica Thiago Santos, analista social da Fundação Renova (CARVALHO, 2019, p. 3).

O interesse que orientou o presente estudo, para além do bordado, está no contexto instaurado e imposto às bordadeiras após o rompimento da barragem de Fundão. Ademais, interessam as consequências provocadas pelo desastre em suas entrelinhas, nas quais famílias perderam suas identidades, sua saúde, seus lazeres, suas casas e outros bens materiais, o que, certamente, abalou suas historicidades e tradicionalidades.

Também, nesta investigação, será analisado o bordado como trabalho, lazer e processo cultural da região. Entender o bordado como atividade de lazer envolve

⁶ Organização sem fins lucrativos, mantida pelas empresas mineradoras responsáveis pela barragem rompida - Vale, Samarco e a BHP Billiton, criada para buscar soluções e reparar os impactos causados pelo rompimento da barragem de Fundão.

a satisfação e o desejo dos seus praticantes. Numa reflexão sobre o que há em comum entre as diversas formas de se entender uma prática específica como lazer, Marcellino (2007) relaciona-a a processos de escolhas, de conteúdo, de opções e conhecimentos a respeito das alternativas oferecidas pelo lazer.

O lazer, no entanto, está muito além de um conceito ou objeto, pois pode ser compreendido, também, como prática social, na qual enfatiza a arte, o corpo, a responsabilidade compartilhada e a centralidade das relações (DEBORTOLI, 2012). O direito ao lazer é um bem inegociável, tão fundamental quanto o trabalho e encontra-se na busca de identificação com cada realidade vivida.

Estudar a vivência do lazer como atividade não funcionalista experienciada pelas bordadeiras de Barra Longa, após o rompimento da barragem, bem como suas nuances, pode ser um ponto importante no resgate de suas historicidades, tradições e cidadania.

Na edição de agosto do Jornal Terra da Gente (CARVALHO, 2018a, p.15), encontramos alguns depoimentos de bordadeiras, dentre os quais destaca-se o da aprendiz mais jovem do grupo, Mirella Souza Costa, de 17 anos, que “pegou gosto pelo bordado vendo a rotina da mãe e da avó”. Ela relata que “não teve problema em conciliar estudos e costura”. “Me programei para ter aula particular de manhã, ir à escola à tarde e bordar à noite. Acredito que o bordado precisa ser mais valorizado. Para mim, ele é cultura, lazer e terapia”.

Atividades de lazer, consideradas como espaços de desenvolvimento pessoal e social, contribuem no sentido de oportunizar transformações nas relações sociais, configurando-se como espaço de construção, vivência e resgate de cidadania das pessoas (SAMPAIO *et al.*, 2011).

As condições sociais instauradas na região, a partir do rompimento da barragem de Fundão, levam-me ao desejo de observar e dialogar com as partes envolvidas, no sentido de conhecer possíveis mudanças em seus comportamentos e nas escolhas dos espaços onde bordar, bem como outras consequências decorrentes desse rompimento.

A preservação da cultura local, as mudanças no cotidiano e nas relações diretas entre o homem e o ambiente onde se insere justificam esta pesquisa e conduzem-me aos seguintes questionamentos: o bordado pode ser considerado como espaço capaz de contribuir para a reconstrução da vida cotidiana das bordadeiras, após as consequências causadas pelo desastre de Fundão? O bordado

é uma prática de lazer para as bordadeiras de Barra Longa? Houve modificações nas práticas sociais relacionadas ao ato de bordar? O bordado é capaz de reconstruir memórias, identidades e preservá-las?

A centralidade desta pesquisa, na busca de respostas para esses questionamentos, está nos relatos das bordadeiras. Portanto, o presente estudo, de caráter qualitativo, utiliza ferramentas como entrevistas semiestruturadas e gravações que, posteriormente, foram transcritas na sua integralidade, respeitando o anonimato dos atores envolvidos. Para tanto, foi fundamental a aproximação da pesquisadora com as bordadeiras, por meio do diálogo e da observação, na busca de estabelecer uma correlação à temática do lazer e entender como ele se constituiu após o referido desastre ambiental. A hipótese deste estudo é que, associado ao lazer, o bordado pode ser espaço de resistência e cidadania nesse novo cenário.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A proposta de uma pesquisa é buscar informação que não se sabe e que é preciso saber. Este trabalho se baseia em critérios preestabelecidos de investigação e fundamenta-se em autores e fontes fidedignas, que abordam os temas a partir de seu conteúdo de interesse.

Temas relevantes como práticas culturais (CANEDO, 2009; MELO, 2015), questões ambientais (CEXBARRA, 2016; PROSDOCIMI, 2015; SOUSA 2020), bordado (LOURENÇO, 2012; SILVA, 2006), lazer (DUMAZEDIER, 1976; GOMES, DEBORTOLI, 2010; 2014), bem viver (ACOSTA, 2016; KRENAK, 2018; LIMA, 2016) e saúde (SILVA; SCHRAIBER; MOTA, 2019) foram o norte para iniciar essa trajetória.

A ordem proposta para as abordagens se deu a partir da necessidade de conhecer e esclarecer cada tema antes mesmo de serem investigados in loco, bem como sua relevância para esta pesquisa.

2.1 Práticas culturais e desastres ambientais

Devido a sua grande extensão territorial, o Brasil apresenta-se com uma diversidade cultural que varia de acordo com as especificidades de lugares, pessoas, histórias peculiares e condutas que acompanham a realidade local, preservando muitas tradições. De acordo com Daniele Canedo (2009), definir cultura não é uma tarefa singular, tendo em voga seu nível de multidisciplinaridade com enfoques distintos.

Até o século XVI, o termo cultura era geralmente utilizado para se referir a uma ação e a processos, no sentido de ter “cuidado com algo”, seja com os animais ou com o crescimento da colheita, e também para designar o estado de algo que fora cultivado, como uma parcela de terra cultivada. A partir do final do século passado, ganha destaque um sentido mais figurado de cultura e, numa metáfora ao cuidado para o desenvolvimento agrícola, a palavra passa a designar também o esforço despendido para o desenvolvimento das faculdades humanas. Em consequência, as obras artísticas e as práticas que sustentam este desenvolvimento passam a representar a própria cultura. (CANEDO, 2009, p. 1).

Observa-se que, no Brasil, as comunidades não são uniformes e tendem a se adaptarem, se modificarem e se desenvolverem de acordo com o território no qual estão inseridas, bem como as condições oferecidas por ele. A partir daí, surgem as

diversidades culturais, que produzem saberes que podem ser transmitidos às gerações futuras.

Cultura é um conceito múltiplo. Para facilitar nossa compreensão, nós a definimos como conjunto de normas, valores, hábitos, representações que norteiam a vida de todos os indivíduos em sociedade. Quando nos referimos às diferentes manifestações (cinema, artes plásticas, música, teatro, dança, esporte etc.), um dos elementos constituintes da cultura, nós as denominamos de linguagens culturais. [...] O conceito de cultura está intimamente ligado às expressões de autenticidade, integridade e liberdade. Ela é uma manifestação coletiva que reúne heranças do passado. Por isso mesmo, tem que ser genuína, isto é, resultar das relações profundas dos homens com seu meio, sendo por isso o grande cimento que defende as sociedades locais, regionais e nacionais contra as ameaças de deformação ou dissolução de que podem ser vítimas. (MELO, 2015, p. 37).

Borges, Brito e Bautista (2008) afirmam que saberes culturais estão sendo reconhecidos e validados pela comunidade científica nacional e internacional, mesmo que de forma parcial. Devido a esse reconhecimento e considerando que o Brasil é um dos maiores produtores de recursos minerais do mundo, o grande desafio da gestão ambiental talvez seja considerar e conciliar questões socioambientais com a segurança do trabalho e a exploração econômica do bem mineral e outras riquezas, inclusive as culturais e especialmente nas comunidades próximas às áreas exploradas, uma vez que a mineração é geradora, em potencial, de diversos impactos ambientais.

Durante as explorações, principalmente quando se trata de lavra à céu aberto,⁷ impactos ambientais⁸ negativos são observados sobre a vegetação, a fauna, o solo, as águas subterrâneas e, principalmente, sobre as comunidades do entorno. São observadas, também, alterações significativas, como agressão visual, poluição do ar, processos erosivos, depósito de rejeitos e mudanças no perfil topográfico local (CEXBARRA, 2016).

Quando se fala em impacto ambiental, têm-se a ideia equivocada de existirem apenas impactos negativos, porém, segundo Christofollett *et al.* (2012, p. 33) a atividade minerária proporciona também impactos positivos, “dentre estes, geração de empregos, desenvolvimento regional e aumento da receita dos governos

⁷ A lavra a céu aberto ocorre quando são identificados depósitos de rochas ou minerais em profundidade relativamente pequena em relação à superfície. Esse método extrativo não requer a perfuração de túneis, que caracterizam a mineração subterrânea. (LAVRA, 2020).

⁸ O impacto ambiental refere-se exclusivamente aos efeitos da ação humana sobre o meio ambiente. Existem vários tipos de impactos no meio ambiente, inclusive os positivos.

estaduais e municipais pela arrecadação do CEFEM (Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais)". Essas receitas, contribuem para o estudo dos impactos sociais do município arrecadador, devendo os recursos serem destinados, exclusivamente, a projetos cujos benefícios se revertam, direta ou indiretamente, para a comunidade local, na forma de melhorias na infraestrutura, na qualidade ambiental, na saúde e na educação (CEFEM, 2012).

Os membros das comunidades envolvidas nesses cenários vão se adaptando e, por vezes, acabam se beneficiando dessas interferências, estabelecendo uma relação de ambiguidade, tendo em vista os danos causados e a possibilidade de geração de emprego e renda. "[...] quando a empresa se instala com a mineração, ela interfere nas falas da comunidade, e tudo passa a ser o empreendimento da empresa neste lugar," (PROSDOCIMI, 2015, p. 44). Ao se estabelecerem em determinado território, as empresas estão sujeitas aos bônus e ônus de suas empreitadas, dentre eles estão as crises, que resultam do dinamismo de uma sociedade humana e possuem configurações específicas, variando de acordo com cada região. No dicionário, a palavra crise é definida como "manifestação repentina de ruptura do equilíbrio; fase difícil, grave, na evolução das coisas, dos acontecimentos das ideias; período de instabilidade financeira, política ou social." (FERREIRA, 2000, p. 276).

No Brasil e no mundo, convivemos, de tempos em tempos, com desastres ambientais, muitas vezes considerados crimes ambientais responsáveis por diversas modificações no modo de vida de muitas comunidades e por crises instituídas como consequência desse tipo de tragédia, inclusive abalando, de forma definitiva, as bases que sustentam o seu bem-estar. Dentre os diversos contextos instaurados por desastres ambientais, estão a interrupção no cotidiano dessas comunidades e das sociedades, o que envolve tanto perdas materiais e econômicas, como afeta a cultura local e a saúde global. (FREITAS, *et al.*, 2019).

Os desastres ambientais mais devastadores são os provocados pelo extrativismo mineral, devido a suas especificidades. Apesar de sua relevância para o desenvolvimento socioeconômico das sociedades humanas, a mineração é considerada uma ameaça ao meio ambiente. No Brasil, as atividades minerárias se iniciaram com a exploração do ouro nos tempos coloniais e, atualmente, o país é um dos principais produtores de minérios do mundo, com aproximadamente 70 substâncias minerais. Normalmente, são utilizados recursos hídricos para lavagem

da terra e extração desses minerais, restando apenas os rejeitos – considerados como lama tóxica, que precisam ser depositados em um local específico que se denomina barragem. (SOUZA, 2020).

Além de tudo isso, a mineração desperta muitas preocupações devido ao aumento nos conflitos socioambientais, com riscos incalculáveis até mesmo para localidades mais distantes de onde as áreas de mineração foram estabelecidas. É importante destacar que esse tipo de empreendimento tem se beneficiado da flexibilização e do relaxamento nas áreas de fiscalização, planejamento, construção e operacionalização das obras em desenvolvimento, apesar da instauração da PEC 65/2012 (BRASIL, 2012), juntamente com outras leis que pretendem regulamentar o campo da mineração.

A PEC 65/2012, aprovada em abril de 2016, pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado; a discussão acerca do Novo Código da Mineração proposto pelo Ministério das Minas e Energia; o Projeto de Lei 654/2015 em tramitação no Senado Federal; e o Projeto de Lei 2.946/2015, aprovado pela Assembleia Legislativa de Minas Gerais em dezembro de 2015. (ZHOURI, *et al.*, 2016, p.36).

A intensão da nova legislação é viabilizar a preservação do meio ambiente com desenvolvimento, por meio da implementação de planejamento estratégico e de novos prazos para respostas quanto aos pedidos de licença.

O que se pode observar, a partir dos últimos acontecimentos relacionados a rompimentos de barragens, são inúmeras inconsistências nas fiscalizações. O senador Randolfe Rodrigues, ao analisar a proposta apresentada pela PEC 65/2012 (BRASIL, 2012), afirmou que o documento se tratava de “um acinte, é quase uma provocação. Na prática, acaba com o licenciamento ambiental”. A crítica do senador também focalizou o fato de a PEC ter sido aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça sem quórum suficiente e sem debate. Porém, o autor da PEC, o senador Acir Gurgacz, questiona a má interpretação do texto proposto e reafirma que a PEC visa trazer eficácia aos licenciamentos, pois o foco das fiscalizações têm sido, até então, os erros cometidos pelas empresas e constatados após sua execução e não sua prevenção. Assim, o senador conclui, dizendo que, “é preciso trazer as questões ambientais para o campo da prevenção. Que se realizem bons estudos. E que, depois de dada a ordem de serviço, não haja paralisação das obras.” (DEBATE, 2020, n.p.).

Nos últimos anos, no estado de Minas Gerais, ocorreram importantes rompimentos de barragens de mineradoras, como o da Mineração Rio Verde, em Nova Lima (2001); a Mineração Rio Pomba, em Cataguases/Miraí (2007); a Mineração Herculano, em Itabirito (2014); a Barragem de Fundão, em Mariana (2015) e a Barragem de Mina Córrego do Feijão, em Brumadinho (2019), com registros de impactos ambientais negativos imensuráveis, evidenciando as inconsistências nas fiscalizações (PINHEIRO, *et al.*, 2019, p.12).

Eventos dessa magnitude não podem ser considerados fatalidades, mas se configuram como tragédias anunciadas ou até mesmo crimes. Ao construírem grandes barragens com sucessivos alteamentos, as empresas mineradoras assumem riscos cada vez maiores, fazendo com que as comunidades locais se sujeitem a eles, apesar da possibilidade de se comprometerem a preservação do meio ambiente e a manutenção da dignidade, do bem viver, do bem-estar e do prazer dos moradores.

A Samarco Mineração S.A. é uma sociedade de economia fechada, fundada em 1973, que promove operações de extração mineral, processamento secundário, até o transporte transoceânico de *pellet feed – fino do minério* - e pelotas de minério de ferro⁹ (WANDERLEY *et al.*, 2016).

A Samarco se organiza como *joint venture societária* – uma associação entre duas empresas independentes dotadas de personalidade jurídica. Desde 2000, ela é dividida igualmente entre Vale (50%) e BHP Billiton Brasil Ltda. (50%), a subsidiária brasileira do grupo anglo-australiano BHP Billiton. Entretanto, o formato organizacional específico da Samarco assumiu para a anglo-australiano o caráter de uma *non operated joint venture*, de maneira que a responsabilidade operacional recai sobre a Vale. (WANDERLEY, *et al.*, 2016, p. 31).

A atividade minerária consiste em processos de pesquisa, exploração, extração e beneficiamento de minérios. A BHP Billiton, acionista da Vale com 50% de participação, com sede em Melbourne, na Austrália, é considerada líder mundial em extração e processamento de recursos minerais, petróleo e gás. A empresa processa e exporta mundialmente produtos de grande valor para o mercado de *commodities*,¹⁰

⁹ Pelotas são pequenas bolinhas de minério de ferro usadas na fabricação do aço. Elas são feitas com uma tecnologia de processamento térmico que utiliza os finos gerados durante a extração do minério, que antes eram reservados por não terem aplicação direta na siderurgia. A essa tecnologia de produção se dá o nome de pelletização (VALE, 2017).

¹⁰ São produtos de origem agropecuária ou de extração mineral, em estado bruto ou pequeno grau de industrialização, produzidos em larga escala e destinados ao comércio externo. Seus preços são determinados pela oferta e procura internacional da mercadoria.

como minério de ferro, carvão metalúrgico e cobre. A Vale, por sua vez, possui sede no Brasil, e é líder mundial na produção e “exportação de minério de ferro, pelotas e níquel”, bem como de diversos outros minerais, como cobre, bauxita, alumina, alumínio, potássio, caulim, manganês e ferroligas. A empresa também atua na “siderurgia, energia e logística – com ferrovias, portos, terminais e infraestrutura de última geração.” (VALE, 2021, n.p.).

A competência, o reconhecimento internacional e o histórico de grandes conquistas minerárias da Vale não foram suficientes para evitar o rompimento ocorrido na barragem de Fundão, em Mariana - MG, no dia 5 de novembro de 2015. Sessenta e dois milhões de litros de rejeitos de mineração de ferro se deslocaram através e ao longo das águas do Rio Doce, alcançando 500 km de distância até chegar ao oceano (JACOBI; CIBIM, 2015).

Sem nenhum plano de contingenciamento a ser acionado por parte da empresa, sequer um alarme, a perda de vidas só não foi maior devido à solidariedade das pessoas residentes daquele local e de trabalhadores da própria empresa. Vale destacar que o número de vidas perdidas só não foi maior porque o desastre aconteceu durante o dia, por volta de quatro e meia da tarde, o que permitiu que o resgate começasse a ser realizado no mesmo dia, enquanto ainda havia visibilidade (PINHEIRO *et al.*, 2019).

O material formou uma onda de aproximadamente 10 metros de altura, que deixou um rastro de destruição e morte por onde passou. Dezenove pessoas faleceram e milhares de outras pessoas foram atingidas direta e indiretamente. Trabalhadores da Samarco e de empresas terceirizadas estão entre as vítimas desta tragédia. Houve destruição total de comunidades rurais, de terras férteis da agricultura familiar, além da contaminação de cursos d'água da região, atingindo toda a extensão do rio Doce e provocando danos a cerca de 500 quilômetros de distância do epicentro do rompimento. (PINHEIRO *et al.*, 2019, p.12).

Observe no mapa (Fig. 3), a trajetória percorrida pela lama após o rompimento da barragem, que aponta a cidade de Barra Longa como a segunda a ser atingida, após a cidade de Gesteira. Desde a barragem de Fundão até o mar, são 660 quilômetros de impacto direto na calha do rio Doce, sobre a fauna, a flora e os usuários das águas da bacia.

Figura 3 - Mapa do percurso da lama



Fonte: Equipe ONB (2021).

O rompimento da barragem despejou rejeitos na água, produzindo o assoreamento pela lama, nos rios e riachos da bacia do rio Doce, causando danos ambientais e sociais imensuráveis e irreversíveis. No distrito de Bento Rodrigues, a cerca de 2 km de onde ocorreu o rompimento, 85 famílias perderam casas, 17 pessoas morreram e três permanecem desaparecidas. (JACOBI; CIBIM, 2015).

Para melhor entendermos a gênese de toda essa história, a construção da barragem de Germano ocorreu na década de 70, objetivando intensificar a extração mineral nas regiões onde se localizam os municípios de Mariana e Ouro Preto – Minas Gerais. A partir daí, a exploração caminhou a passos largos e, nos anos 80, já apresentava sinais de exaustão, colocando em risco tanto as condições ambientais da água e dos biomas, como a vida da população local e das regiões adjacentes. E, exatamente nesse período, iniciam-se as operações na Mina Alegria, com resultados negativos sobre o modo de vida da população de Bento Rodrigues. A Mina Alegria atua como protagonista do recebimento dos rejeitos de Fundão. Após o desastre, em 2015, seu funcionamento foi embargado. A Samarco mantinha, até 5 de novembro de 2015, duas barragens para estocagem dos rejeitos resultantes do processo de extração e beneficiamento do minério de ferro em sua unidade de Germano - MG (PASSOS; COELHO; DIAS, 2017).

Desde os anos 80 até o rompimento da barragem de Fundão, em 2015, a Samarco parece não ter se preocupado com a diminuição de riscos de um rompimento e suas consequências.

Depois do desastre, ainda em curso, muito tem sido revelado sobre os problemas que detonaram essa bomba. Dentre eles, denúncia feita na imprensa de que pelo menos desde 2013 a Samarco sabia que a tragédia poderia acontecer. O Ministério Público de Minas Gerais descobriu que o risco da barragem de Fundão se romper havia sido anunciado à mineradora em anos anteriores, e que nenhuma medida cautelar foi tomada. A investigação mostra ainda que vários fatores determinaram seu final trágico (SANTOS, 2017, p. 65).

Apesar de ser uma atividade incontestavelmente necessária ao desenvolvimento socioeconômico da contemporaneidade, a mineração é ainda uma atividade que precisa passar por mudanças nos conceitos relacionados às atividades exploratórias dos recursos naturais, principalmente no que se refere ao desenvolvimento de tecnologias de ações não predatórias, na busca da diminuição de riscos e impactos negativos ao meio ambiente. Visando ações dessa natureza, no ano de 2018, o então presidente Michel Temer assinou um novo decreto regulatório para as atividades minerárias.

[...] no dia 12 de junho, em cerimônia no Palácio do Planalto, os decretos que atualizam o Código de Mineração e trazem novas regras para a Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais - CFEM. Os decretos modernizam o atual Código de Mineração, de 1967, com exigências ambientais mais rígidas e regras para melhorar o ambiente de negócios do setor, além de destinar recursos de compensação a municípios que são impactados pela atividade mineradora, embora não sejam produtores. (DECRETOS, 2018, n.p.).

Porém, acima de leis e decretos está o seu cumprimento. Nesse sentido, é importante garantir investimentos em fiscalizações rigorosas e uma gestão eficaz dos recursos minerais, essencialmente no que tange às questões socioambientais e de segurança dos trabalhadores dessas atividades.

A Samarco mantinha, até 5 de novembro de 2015, duas barragens para estocagem dos rejeitos resultantes do processo de extração e beneficiamento do minério de ferro em sua unidade de Germano (MG). A mais nova delas era a de Fundão, inaugurada em 2008, com estocagem de 55 milhões de metros cúbicos. As barragens foram construídas em linha com a Política Nacional de Segurança de Barragens (Lei 12.334/2010), com inspeções de segurança próprias e equipes de operação em turno de 24 horas, para manutenção e monitoramento. As licenças de operação eram

regularmente concedidas pela Superintendência Regional de Regularização Ambiental (SUPRAM) – a última inspeção antes do rompimento foi realizada em julho de 2015. Em setembro do mesmo ano, laudos foram entregues para os órgãos competentes, indicando condição operacional segura para as barragens. Lamentavelmente, mesmo com os procedimentos de gestão de riscos associados às barragens, essas medidas não foram capazes de antever o rompimento. (SAMARCO, 2016, p. 64).

Sobre o rompimento da barragem em 2015, provocado pela Samarco, a Vale e a BHP Billiton, no vale do rio Doce, e seus aspectos econômicos, políticos e socioambientais, Wanderley *et al.* (2016) sugere considerar duas hipóteses para explicar a situação. A primeira diz respeito à pressa para iniciar operações, aproveitando os preços elevados e deixando aquém questões relacionadas à qualidade das contratações de serviços. A segunda considera a pressão sobre as agências ambientais reguladoras em liberar projetos com maior celeridade. Percebe-se que, entre 1910 e 2015, houve o crescimento de ocorrências de rompimentos de barragens e aumento em relação à sua extensão territorial, corroborando as hipóteses mencionadas por Wanderley *et al.* (2016). Assim, os autores afirmam que

Assumindo suas plausibilidades, deve-se considerar que, se a volatilidade dos preços é uma característica intrínseca ao mercado de minérios, assim também seria o rompimento das barragens. Dessa forma, os diversos episódios de rompimento das barragens de rejeitos, em particular os de elevada gravidade, não deveriam ser vistos como eventos fortuitos, mas como elementos inerentes à dinâmica econômica do setor mineral, internos aos processos capitalistas de acumulação por espoliação e de reprodução ampliada do capital (WANDERLEY *et al.*, 2016, p. 31).

Lições devem ser adquiridas no desastre da Samarco/Vale/BHP Billiton e elas dizem respeito ao modo de atuar de boa parte das empresas, cuja preocupação maior está em reduzir ou eliminar, ao máximo, as responsabilidades civis e criminais e, ao mesmo tempo, garantir a valorização de suas ações no mercado global (FREITAS *et al.*, 2019).

Nesse sentido, mudanças urgentes são necessárias nos sistemas regulatórios para liberação de funcionamentos de barragens, visando à prevenção de desastres dessa natureza. De outro lado, é necessário apresentar maior agilidade e precisão nas respostas e reparações para aqueles que direta ou indiretamente sofreram perdas de vidas humanas, ambientais e materiais.

A atividade de mineração no Brasil [...] precisa ser desenvolvida num ambiente de total sintonia com os pressupostos da sustentabilidade e

segurança jurídica, a exemplo do que ocorre nos países de primeiro mundo, valorizando, em primeiro lugar, a relevância dos aspectos socioambientais. (CEXBARRA, 2016, p. 4).

A importância de considerar aspectos socioambientais, com a devida relevância, na prevenção de tragédias como a ocorrida em Fundão está no fato de que comunidades inteiras, atingidas, são obrigadas a mudar seu cotidiano e tudo o que nele está contido, a partir de um desastre ambiental sem precedentes.

Dentre as comunidades atingidas pelo rompimento em questão, está a de Barra Longa, que experimentou essa mudança em seu cotidiano, após a invasão repentina da lama que destruiu parte da cidade. O que se observou, a partir de então, foi um aumento na circulação de pessoas, voluntários e trabalhadores, com seus caminhões, tratores e escavadeiras, envolvidos no processo de auxílio nas primeiras horas após a tragédia e posteriormente, na reconstrução dos municípios devastados pela lama.

Durante as obras de reparação, as equipes retiraram o material e ainda seguem consertando os estragos. Os moradores relataram que a grande movimentação de caminhões e máquinas nas ruas estava gerando trincas ou aumentando as que já existiam (CARVALHO, 2018b, p. 6).

Barra Longa, assim como Mariana e Bento Rodrigues, passou de uma cidade interiorana, pacata e tranquila a um verdadeiro canteiro de obras. É exatamente nesse contexto que está localizado o nosso objeto de estudo - as bordadeiras de Barra Longa e sua arte.

Através de um contato informal com a bordadeira MAL,¹¹ que mora na cidade de Barra Longa e é membro da Associação Barralonguense de Bordadeiras e Artesãos (ABBA), obtive alguns relatos sobre suas observações a respeito das mudanças ocorridas no comportamento das bordadeiras. Ela destacou mudanças na utilização dos espaços públicos, praças e portas das casas, antes usados pelas bordadeiras como pontos de encontro e lazer para confecção de seus bordados. Após o desastre, porém, foram ocupados por trabalhadores da empresa Samarco. Essa e outras observações corriqueiras permitiram constatar que o rompimento da barragem alterou o modo de vida não só dessa comunidade de bordadeiras, mas de toda a cidade de Barra Longa e das regiões adjacentes.

¹¹ Ao longo do estudo, as participantes serão identificadas pelas siglas de seus nomes, a fim de resguardar sua identidade.

Portanto, a proposta desta pesquisa é perceber onde, como e quais foram as mudanças implementadas, avaliando os impactos negativos relacionados ao rompimento da barragem, considerando seus moradores, seu cotidiano, sua saúde e a prática do bordado como fonte de lazer.

Importa descortinar espaços, tempos e maneiras de fazer dessas mulheres bordadeiras. O propósito do presente estudo é avaliar as relações intersubjetivas que essas mulheres estabeleceram entre si e verificar, considerando esse novo ambiente em que foram inseridas, se houve ruptura na constituição de suas identidades e se os processos de reconstrução buscam a preservação tanto do ambiente como de suas práticas de lazer e bordado.

2.2 Bordado e lazer

A história do bordado indica que ele é tão antigo quanto a humanidade e tem sido apreciado pelo homem há 30 mil anos a.C. Essa constatação surgiu a partir de um fóssil encontrado na Rússia, que tinha as vestes adornadas com grânulos de marfim (LOURENÇO, 2012).

O bordado pode muito bem ter tido origem já na Pré-História, se considerarmos a atitude do homem do mesolítico em unir as peles para se aquecer com fios de alguma resistência; muitas vezes baseados no aproveitamento de fibras animais e vegetais onde lhe foi permitido criar alguns pontos de adorno que ainda hoje são utilizados, como a costura de fio duplo, a espiralada e o ponto adiante (SILVA, 2006, p.1).

Leandro Dias Lourenço (2012) reitera que os primeiros bordados, além de surgirem na pré-história, foram iniciados com o ponto denominado ponto cruz, utilizado por homens que moravam em cavernas para costurar as vestes feitas de peles de animais. Agulhas eram feitas de ossos e as linhas feitas de tripas de animais ou fibras vegetais.

A maioria das artes têxteis e trabalhos com agulhas surgiram no Oriente Médio, inclusive as técnicas da arte dos bordados manuais, que atravessaram os séculos até a contemporaneidade. Posteriormente, as práticas de bordados passaram a ser utilizadas por gregos, que apreciavam a beleza e o luxo, sendo esses os protagonistas da transmissão dessa arte aos Romanos, que passaram a utilizar tecidos em lã, recortados e bordados para decorar os seus vestidos (LOURENÇO, 2012).

Figura 4 - Agulhas de osso



Fonte: A Gabiroba (2014).

O aperfeiçoamento da arte de bordar seguiu-se até a Idade Média, período em que a atividade era preferencialmente feminina, no entanto, não podemos afirmar que o bordado era apenas realizado por mulheres. Há relatos que, no século XVI, já existiam homens que bordavam, por exemplo, na cidade de Lisboa em Portugal (SILVA, 2006, p.1).

Ao longo da História, os Bordados Portugueses tiveram diversas influências vindas do exterior, de grandes centros polarizadores das grandes correntes artísticas. Os países onde existiram os centros mais importantes entre os sécs. XII e XVI foram: a Inglaterra, a Itália, a França, os Países Baixos, a Alemanha, a Espanha e a Suíça (SILVA, 2006, p. 2).

Figura 5 - Colcha indo-portuguesa bordada no século XVI



Colcha Indo Portuguesa bordada no Sec. XVII

Fonte: Bordados Universal (2021).

Entretanto, na maioria dos casos, quando se estuda a história do bordado, ela se entrelaça com a história das mulheres, trazendo suas marcas em diferentes espaços-tempos, através de gestos femininos que buscam realçar o amor, a saudade, a solidão, as necessidades e as possibilidades, mas também a exploração a que são submetidas há séculos (CHAGAS, 2010).

Figura 6 - História do bordado - Damas da corte



Fonte: Bordados Universal (2021).

Os bordados podem ser classificados como eruditos ou populares, sendo estes baseados em técnicas e motivos tradicionais, com caráter diversificado por regiões, de modo que não é possível universalizar. Nos bordados eruditos, há influências artísticas dos vários países de onde são originários, de modo que, no bordado erudito, há uma leitura do mundo com conhecimentos vastos e não apenas regionais (SILVA, 2006).

No início do século XX, com o surgimento das máquinas de costura reta e de pedal, o trabalho do bordador era com movimentos de pernas e braços, apresentando pouco rendimento comparado às outras formas de bordar. Somente a partir do surgimento das máquinas de costuras industriais,¹² em *zigue-zague*, na década de 50, foi conferida uma maior produtividade ao trabalho, exigindo do

¹² As máquinas de costura industriais são bastante utilizadas por profissionais que trabalham na confecção de roupas, bem como em reformas tanto nas indústrias quanto em ateliê ou mesmo em casa, para uso próprio ou para prestar serviços como autônomo. E o zig zag é um tipo de acabamento específico para tecidos de malha, e recolocação de elásticos.

bordador mais habilidade e agilidade, o que não ocorria anteriormente, pois o movimento do bastidor¹³ tem que ser manual (LOURENÇO, 2012).

Introduzida no Brasil pelos portugueses, a arte de bordar é considerada atividade antiga, passada de mãe para filha. O amor ao traçado sustenta essa tradição que, atualmente, sofre a ameaça de morrer pelas mãos das gerações mais jovens, submetidas a um ritmo de vida acelerado, que impõe uma condição que contrasta com a dedicação e a entrega que a arte de bordar requer.

Ainda hoje podemos encontrar, em guardados antigos de família, paninhos bordados, peças em tecido feitas por habilidosas mãos de avós, bisavós e tataravós ou por elas compradas ou recebidas de presente e conservadas por algum motivo especial, formando uma espécie de museu privado sentimental. Atualmente, diante de uma vida corrida e com demandas de praticidade, esses “paninhos”, como eram chamados, não estão mais em uso. Alguns os consideram um excesso, outros, uma cafonice. E assim, descansam e amarelam-se no fundo de muitas gavetas. Mas basta que alguém os resgate, para que as lembranças venham à tona, as mãos se reconfortam com suas superfícies macias, os olhos se percam pelos desenhos minuciosos e delicados, ou mesmo extravagantes e imaginativos, promovendo uma experiência estética própria aos ambientes domésticos (MALTA, 2015, p.1).

O bordado, por vezes, revela vertentes étnicas como, por exemplo, as matrizes culturais brasileiras, com suas influências europeias, indígenas e africanas. Como está relacionado às formas de fazer coisas artesanais, partindo de diferentes grupos sociais, incluindo a culinária, as festas e outras tradições locais, pode-se dizer que o bordado é patrimônio cultural imaterial. As organizações nacionais e internacionais afirmam ser relevante para a cultura, em nível global, a temática do patrimônio cultural material e imaterial, alcançáveis e inalcançáveis. Esses são considerados “manifestações ou testemunho significativo da cultura humana, reputados como imprescindíveis para a conformação da identidade cultural de um povo.” (ZANIRATO; RIBEIRO, 2006, p. 252).

A eclosão da Segunda Guerra Mundial e a instituição da Organização das Nações Unidas em 1945 mostraram a emergência de estabelecer os direitos e os deveres dos habitantes do planeta. Passo seguinte foi a criação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura — Unesco, em novembro de 1946, para intervir, em escala mundial, nos campos da educação, da ciência e da cultura. As prerrogativas da Unesco

¹³ Aparelho para bordar, composto de um caixilho de pau com tiras de lonas que sustentam e retesam o estojo por bordar.

ganharam especial sentido após a emissão da Declaração Universal dos Direitos Humanos em dezembro de 1948, que estabeleceu o direito à educação e à cultura como prerrogativas mundiais. (ZANIRATO; RIBEIRO, 2006, p. 253).

É importante manter boas condições sociais, econômicas e ambientais, para que comunidades, etnias e grupos culturais possam ter os seus saberes salvaguardados para garantirem a sua continuidade. Nesse aspecto, o papel do poder público torna-se imprescindível, no sentido de garantir a preservação dessas heranças culturais.

Considerando a importância dessa manutenção, este estudo apresenta a comunidade e a cultura das bordadeiras da cidade de Barra Longa, localizada no interior do estado de Minas Gerais, a 172 km da capital desse estado brasileiro - Belo Horizonte. Barra Longa possui uma população de pouco mais de 5.000 habitantes, nasceu com a fundação de uma capela erguida no século XVIII e viveu sob a dependência administrativa do município de Mariana. Em 1857, passou a ser distrito de Ponte Nova; já em 1870, volta novamente a integrar o velho município de Mariana. Em outubro de 1923, Barra Longa passa outra vez à jurisdição do município de Ponte Nova e, por força do Decreto-lei nº 148, de 1938 (MINAS GERAIS, 1938), o distrito elevou-se em definitivo à categoria de Município. As principais atividades que foram desenvolvidas no arraial foram a exploração do ouro de aluvião até então abundantes nos rios. Posteriormente, com a decadência do ouro, a agricultura se desenvolveu na região, devido à fertilidade das terras (IBGE, 2017).

Barra Longa é conhecida por sua hospitalidade tipicamente mineira; sua culinária, incluindo a produção artesanal de cachaça, queijos; suas manifestações culturais, como folia de reis, cavalgadas; sua beleza cênica, promovida por cachoeiras, e suas tradicionais festas, que atraem muitos turistas. Dentre seus principais atrativos, está a atividade de bordado, que ocupa a segunda posição em geração de emprego e renda, de modo que Barra Longa é denominada como a capital brasileira da renda.

Barra Longa é terra de bordadeiras, doceiras e agricultoras, mas é também lugar de mulheres que ajudam as pessoas com credices e tradições populares. Elas curam pela reza, pela mistura de chás medicinais ou pela prática de trazer crianças ao mundo. Mas, sobretudo, pela força da fé e pelo conhecimento da natureza (CARVALHO, 2018b, p.4).

Muitas vezes, às mulheres, foi preterido o direito de acesso à educação, restando-lhes trabalhar para sobreviver, cuidar de filhos e dos afazeres domésticos. Porém, são essas mulheres que carregam em seu cotidiano, marcas que dão significado à sua existência. O bordado as desafia no sentido de trazer uma nova forma do fazer, sem a hegemonia do saber preestabelecido. Apresenta-se como herança, perpetuando gerações, muitas vezes, marcadas por lembranças valiosas. Os bordados dão vida a essas vidas e podem, sim, ser utilizados como expressão de uma existência (CHAGAS, 2010).

Falando da existência humana, onde trabalho e lazer estão inseridos, o sociólogo francês Joffre Dumazedier (1976), em suas proposições teóricas, compreende o lazer como um conjunto de ocupações opostas ao trabalho profissional. Além disso, pontua que o lazer seria um fenômeno característico das sociedades urbano-industriais, excluindo, assim, a fruição do lazer das comunidades e suas culturas tradicionais e rurais. Apesar dessas concepções de lazer serem consideradas até os dias de hoje como uma referência para os estudos acadêmicos, Christianne Gomes (2004) as contesta:

É importante enfatizar que, na vida cotidiana, nem sempre existem fronteiras absolutas entre o trabalho e o lazer, tampouco entre o lazer e as obrigações profissionais, familiares, sociais, políticas. Afinal, não vivemos em uma sociedade composta por dimensões neutras, estanques e desconectadas umas das outras, como o conceito de lazer proposto por Dumazedier, nos faz pensar (GOMES, 2004, p.121).

Portanto, a qualidade de vida e o bem viver merecem atenção e, necessariamente, perpassam o universo do lazer. No caso específico das bordadeiras, observa-se que o trabalho com bordados, traz dignidade e não representa apenas uma fonte de renda para satisfazer suas necessidades materiais, mas também suas necessidades pessoais, inclusive correlacionadas ao lazer, conferindo-lhes autoconhecimento, prazer e descanso.

Acosta (2016) afirma que o bem viver está relacionado a criar alternativas de desenvolvimento, considerando-o como parte de uma árdua jornada, forjada em lutas populares e ideias defendidas por “grupos tradicionalmente marginalizados, excluídos, explorados e até mesmo dizimados” (ACOSTA, 2016, p. 70).

Essa noção apresentada por Acosta (2016) propõe uma alternativa à ideia clássica de desenvolvimento associada a um crescimento econômico e

antropocêntrico, fortemente marcado no século XX, especificamente no discurso em 1949, do 33º presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, empossado após a morte de Franklin Roosevelt. Em seu discurso de posse, Truman definiu a maior parte do mundo como subdesenvolvida e, desde então, fortaleceu o marco ideológico no qual o desenvolvimento é a meta a ser alcançada, tendo como modelo o estilo de vida norte-americano, carregado de valores europeus (LIMA, 2020).

Nesses termos, o bem viver, então, aparece como uma proposição questionadora desse desenvolvimento que está esgotado e nos aponta que não é mais possível reverenciar o atual modo de produção e consumo, concebido como legítimo e baseado em acumulação de bens materiais. Desse modo, o bem viver propõe também estabelecer um diálogo permanente e construtivo com saberes tradicionais e com a ancestralidade, bem como estabelecer uma relação entre saberes científicos e culturais, ultrapassando a condição existencial individual do ser e buscando identidades coletivas e diversas culturalmente (MENDES; MARQUES, 2020). Outro aspecto a ser considerado é a necessidade romper com o dualismo sociedade-natureza e pensar na autonomia dos territórios com suas próprias identidades culturais, sem serem 'obrigados' a seguir tendências uniformizantes (LIMA, 2020).

A partir dessa perspectiva, este estudo pretende analisar o saber cultural do bordado como fonte de identidade coletiva, lazer e suas principais modificações após o rompimento da barragem de Fundão. Assim, surge como provocação, uma vez que a manutenção desses saberes culturais exclusivos de determinadas comunidades, no caso as bordadeiras de Barra Longa, pode trazer à luz nuances importantes desse novo contexto, inclusive quanto à preservação de memórias histórico-familiares.

Um campo de relações em que as práticas dos sujeitos estão ligadas ao seu cotidiano não pode ser considerado estático, pois constitui-se no modo particular de suas interações, por isso é chamado de vivência cultural (LUCE; DEBORTOLI; GOMES, 2010).

As bordadeiras de Barra Longa podem nos apontar aspectos tensionados entre o bem viver, suas vivências culturais e o desenvolvimento econômico, principalmente diante da destruição da natureza, com o rompimento da barragem, e da ideia de desenvolvimento que toma a natureza como recurso a ser explorado e não como sujeito de direito proposto pelo bem viver.

É importante, também, considerar o lazer a partir de duas abordagens. Primeiro, em contraposição ao trabalho e segundo, como uma necessidade humana, em uma dimensão cultural constituída, que engloba valores e interesses individuais e/ou de grupos e tende a integralizar seu contexto histórico, social e cultural (GOMES, 2014).

O Lazer, mais que um conceito ou objeto, é tomado como um processo, como uma maneira de viver, enfatizando a arte, o corpo, a corresponsabilidade e sensibilidade com a vida e com o mundo na centralidade das relações. Anuncio uma reflexão sobre as práticas de Lazer estabelecendo relações com os diferentes tempos da vida, em especial, compreendendo a jornada de vida reconhecida como percurso de desenvolvimento, de sabedoria, de constituição de habilidades de viver (DEBORTOLI, 2012, p. 3).

Partindo da subjetividade mencionada por Debortoli (2012), em relação ao seu entendimento do que seja lazer, Gomes (2014) reafirma que conceitos expressam formas nomeadas por cada pessoa a partir dos distintos fenômenos, numa representação da realidade. A partir dessas afirmações, pretendo investigar o lazer presente no ato de bordar dessas mulheres bordadeiras, considerando que essas artistas podem, sim, estar incluídas na fruição do lazer, visualizando o ato de bordar a partir de uma perspectiva contra-hegemônica e geradora de transformação. “Assim, o lazer é uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais lúdicas contextualizadas e historicamente situadas.” (GOMES, 2014, p. 3).

Importa encontrar respostas para as interações entre o lazer e o bordado e investigar se as bordadeiras reconhecem na arte de bordar uma fonte de lazer, num diálogo entre os saberes adquiridos através da tradição passada de mãe para filha. Além disso, interessa-nos questionar se o rompimento da barragem de Fundão interferiu nas práticas comportamentais de suas vivências.

2.3 Ambiente integral e bem viver

A Lei n. 6.938, de 31 de agosto de 1981, dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins, mecanismos de formulação e aplicação (artigo 3º, inciso I) e define meio ambiente como “o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas.” (BRASIL, 1981). Nessa mesma lei (artigo 3º, inciso II),

encontra-se o conceito de danos ambientais, que aparece como a “degradação da qualidade ambiental e alterações adversas das características do meio ambiente.” (BRASIL, 1981).

Sendo essas as características e definições legais e específicas para “meio ambiente”, que englobam a vida em sua totalidade e não pela metade, como sugere o nome em si, permito-me denominá-lo como “ambiente integral”,¹⁴ até porque, diante do ocorrido em Fundão, a destruição se deu em quase sua totalidade e não pela “metade”.

Diante do exposto, é essencial superar a separação que existe entre o ser humano e a natureza, uma vez que esse pode ser um dos maiores desafios da humanidade para preservação de sua existência. Alberto Acosta (2016, p. 27), a respeito dos direitos da natureza incluídos na Constituição equatoriana de 2008, fala que “a relação com a Natureza é essencial na construção do Bem Viver” e que devemos ter uma postura biocêntrica, onde “todos os ecossistemas e seres vivos – possui um valor intrínseco, ontológico, inclusive quando não tem qualquer utilidade para os humanos.” (ACOSTA, 2016, p. 27).

Deixemos claro que, tal como reza a Constituição equatoriana, o ser humano, ao ser o centro das atenções, é o fator fundamental da economia. E, nesse sentido, resgatando a necessidade de fortalecer e dignificar o trabalho, abole-se qualquer forma de precarização trabalhista. No entanto, esse raciocínio está incompleto. E aqui surge um elemento-chave: o centro das atenções não deve ser apenas o ser humano, mas o ser humano vivendo em comunidade e em harmonia com a Natureza (ACOSTA, 2016, p. 27).

O Brasil, devido aos sucessivos e recentes desastres ambientais provocados por rompimentos de barragens, coloca-se cada vez mais distante da harmonia mencionada por Acosta (2006). Esses desastres dizimaram cidades e comunidades inteiras de forma irreversível, com danos diretos e indiretos sobre habitats, hábitos e coabitantes de áreas rurais e urbanas, incluindo seres humanos, atingindo até mesmo áreas de proteção ambiental. A mineração é, sem dúvida, uma das geradoras em potencial de diversos impactos negativos no ambiente integral.

Na fase de exploração, a lavra a céu aberto ocasiona impactos sobre a vegetação, a fauna, as águas superficiais e subterrâneas, o solo e as

¹⁴ Total, inteiro, sem diminuições ou restrições. Que se apresenta com todos os seus componentes e propriedades originais (FERREIRA, 2000, p. 483).

comunidades de entorno da atividade. A atividade provoca ainda a alteração do perfil topográfico local, agressão visual, processos erosivos, ruídos, formação de depósitos de rejeitos, poluição do ar pelo lançamento de particulados para a atmosfera e o comprometimento da qualidade da água pela contaminação por produtos químicos. A lavra subterrânea, entre outros impactos, pode provocar danos às rochas adjacentes por desmoronamentos e explosões, danos à saúde dos trabalhadores devido às condições ambientais nas galerias e poços de transporte e interferência sobre o patrimônio espeleológico e arqueológico local (ACOSTA, 2016, p. 35).

A exploração baseada em obter fins inesgotáveis de recursos naturais torna urgente reconsiderar o valor do crescimento material e pode levar-nos ao suicídio coletivo. Essa busca infinita do ser humano pelo desenvolvimento em prol do consumo desenfreado, por um “bem-estar” material e um estilo de vida dominante coloca em segundo plano sua segurança, identidade e liberdade. Existe uma relação assimétrica de poder, caracterizada pela expansão e conquista do capitalismo, cuja existência entre sujeitos e o lugar é totalmente desgarrada da terra pela violência colonial. O individualismo provoca a separação do humano em relação ao lugar, sendo esse, suporte da vida (ACOSTA, 2016).

A instalação de empreendimentos minerários em locais próximos a pequenas cidades vem carregada de promessas falaciosas de uma vida “próspera e digna”, porém, ilusória e irreal, oferecida pelos grandes centros urbanos. Entretanto, Rafael Prosdocimi (2015, p. 43), em entrevista à Célia Dias, do Jornal Espaço Aberto,¹⁵ ao falar sobre os desastres socioambientais e seus impactos, principalmente na vida dos jovens e idosos residentes nessas áreas ocupadas por mineradoras, conclui:

O jovem acaba sendo um ator muito relevante porque boa parte da população local entende que o projeto iria trazer emprego, renda e perspectivas futuras. Então, há todo um envolvimento voltado para a preparação dos jovens. Os diretores propondo cursos técnicos instalados de acordo com as necessidades do empreendimento e todo um discurso de que os jovens podiam se preparar melhor para ocupar lugares importantes na empresa (PROSDOCIMI, 2015, p.43).

Sendo assim, e partindo dos acontecimentos e da devastação provocados por rompimentos de barragens nos últimos anos em Minas Gerais, percebe-se que o capitalismo arrebatador deixa de lado a dignidade humana, num total desrespeito ao ambiente integral e ao bem viver. Importa valorizar e dignificar esse ambiente

¹⁵ O Espaço Aberto foi fundado em 20 de novembro de 1987 e nasceu da iniciativa de um grupo de jornalistas, publicitários e outros profissionais do extinto Jornal Cidade de Santos, do Grupo Folha, que circulou até 15 de setembro de 1987. (ESPAÇO ABERTO, 2021).

integral, longe da exploração exacerbada em prol desse capitalismo. O ideal de dignidade talvez esteja em valorizar o potencial humano em sua realidade local, com a permanência de uma vida pacata e tranquila, longe de falsas promessas. Prosdocimi (2015, p. 43) afirma que, ao negociar o uso das terras, as empresas utilizam estratégias que “geram angústias, tensionam as relações entre famílias, criam expectativas e, de certo modo, fragmentam as comunidades”. Observa-se que, para negociar a posse de suas terras, o respeito não prevalece. Nesse sentido, são necessárias mudanças garantidoras de uma vida digna, pautada na manutenção da integridade física e psíquica, distantes de um capitalismo esmagador.

O impulso fundamental que inicia e mantém o movimento da máquina capitalista decorre de novos bens de consumo, dos novos métodos de produção ou transporte, dos novos mercados, das novas formas de organização industrial que a empresa capitalista cria (...). A abertura de novos mercados e o desenvolvimento organizacional, (...) ilustra o mesmo processo de mutação industrial (...) que incessantemente revoluciona a estrutura econômica a partir de dentro, incessantemente destruindo a velha, incessantemente criando uma nova (SCHUMPETER *apud* AMORIM; FREDERICO, 2008, p. 3).

Cabe ressaltar que a expectativa gerada pelas empresas nessas pequenas comunidades, em relação a grandes empreendimentos, pode, de certa forma, ser vista como uma alternativa para concretização de sonhos e projetos individuais, assim como para o desenvolvimento daquela localidade. Existe uma estratégia de cooptação, que viabiliza a instalação de mineradoras nessas comunidades, pois todos precisam e desejam um emprego. Também têm lugar nesse debate as questões relacionadas às crises nos preços do minério, que fazem com que as promessas de manutenção e investimentos em segurança nessas localidades se tornem inviáveis e sejam relegadas a segundo plano. Isso obriga a comunidade a rever suas escolhas na vida, principalmente os jovens, cujas expectativas são frustradas, gerando graves conflitos socioculturais (PROSDOCIMI, 2015).

Por outro lado, o empreendimento também já apresentava outros aspectos não positivos, por exemplo, a violência, o problema das águas, drogas. O impacto sobre as pessoas idosas era ainda mais visível, pois sentiam muito o chamado preço do progresso: fim da vida pacata, das portas e janelas abertas, da tranquilidade, da segurança (PROSDOCIMI, 2015, p. 43).

Além dos conflitos dessa ordem há demandas relacionadas à inversão de lideranças, com o estabelecimento de processos decisórios que, teoricamente,

deveriam passar, em primeira instância, pela comunidade local, num envolvimento ativo da sociedade, com direito à voz, de modo que ela não tomasse o lugar de apenas se submeter a estruturas de promessas vazias. Após o rompimento da barragem de Fundão, essa realidade de processos decisórios unilaterais se tornou ainda mais evidente. O desastre veio acompanhado de conflitos, destruiu identidades coletivas, rompeu sonhos e projetos de vida, restando a muitas famílias apenas histórias e memórias. Tudo desapareceu em poucas horas. As subjetividades não aparecem em visões macro, mas sim, nas histórias de cada indivíduo, cujos detalhes passam despercebidos em tragédias dessa natureza. A partir do ocorrido, a comunidade passa a ser escutada pelas autoridades instituídas para a solução dos problemas gerados, porém, suas necessidades básicas se perdem nas anotações em cadernos e não saem do papel (PROSDOCIMI, 2015).

As propostas motivacionais de uma vida melhor, feliz e próspera, oferecidas pelas empresas mineradoras às comunidades envolvidas nesse processo de exploração, são sonhos derramados sobre os ombros daqueles que dificilmente conhecerão outras realidades. Sonhos que, ao longo dos tempos, se esvaem diante de tantos acontecimentos adversos.

A manutenção do bem-estar, em uma trajetória de vida, está diretamente relacionada à preservação do lugar onde se habita e cada sujeito se torna o resultado de sua relação com esse lugar, como um suporte natural. O bem-estar e uma vida com qualidade podem depender de diversas variáveis, dentre as quais estão a condição econômica e sociocultural, além de trazerem consigo satisfação existencial, felicidade como um estado de espírito e afeto positivo (GIACOMONI, 2004).

A avaliação pessoal e subjetiva do indivíduo sobre sua própria existência reforça a importância de escutar os protagonistas dessa tragédia provocada pelo rompimento da barragem de Fundão, que atingiu a cidade de Barra Longa. Nesse contexto, não seria exagero afirmar que tragédias como essas podem oferecer a desconstrução do bem viver, de tal maneira que são necessários novos processos de adaptações à nova realidade. Essa estrutura imposta pela colonialidade não é capaz de gerar bem-estar porque propõe o aniquilamento do outro, ou seja, um explorador que não visa ao bem viver coletivo.

A pauta oculta da modernidade é a colonialidade. Trata-se de uma resposta mais “específica à globalização e ao pensamento linear global”, assim como um

“projeto que não pretende se tornar único”. Como narrativa complexa, “a modernidade teve como ponto de origem a Europa, com vistas a construir uma civilização ocidental em prol de conquistas, dessa maneira, trouxe consigo o seu lado mais obscuro.” (MIGNOLO, 2017, p. 2).

[...] somente podemos entender o Bem Viver em oposição ao “viver melhor” ocidental (ou à *dolce vita* de alguns), que explora o máximo dos recursos disponíveis até exaurir as fontes básicas da vida. Assim, o Bem Viver tem um forte sentido presente, contrapondo-se à iniquidade própria do capitalismo, em que poucos vivem bem em detrimento da grande maioria (ACOSTA, 2016, p.16).

Na ótica economicista, qualidade de vida é avaliada por meio da quantidade de bens, mercadorias e serviços que são produzidos pelas comunidades, porém os cientistas, com seus indicadores sociais, incluem nessa avaliação econômica objetiva um índice de criminalidade reduzido, expectativas de vida respeitando os direitos humanos e uma distribuição igualitária de recursos (GIACOMONI, 2004).

Quando se apropria de objetos e projetos coletivos de existência, através de privação de direitos e encarceramentos, institui-se o que se pode chamar de violência abissal, que “incide sobre os sujeitos coletivos e sobre o lugar como suporte de vida: desmembra, desgarrá, desterra.” (KRENAK, 2018, p.1).

A ecologia política, pela epistemologia contra hegemônica que propomos, é um projeto que reconstrói essa relação entre sujeitos coletivos e a existência orgânica em comum; expõe as estruturas assimétricas de poder que atingem essa relação comum sujeito/ambiente e promovem a individualização/espoliação, com a apropriação do trabalho e das formas ecológicas de subsistência com a construção de um “eu-saqueador”/“eu-aniquilador”, tal como a crítica ao indivíduo patriarcal ocidental “sou, logo conquisto”, de Enrique Dussel, e “sou, logo extermino”, de Ramon Grosfoguel (KRENAK, 2018, p.1).

Uma proposição contra-hegemônica é associar a ecologia política ao bem viver, que se diferencia do viver melhor. É necessário ter uma visão progressista, que preze pela recuperação e pela manutenção da vida em prol do controle das próprias vidas. O que está em jogo é a qualidade de vida, em contraposição aos esquemas centralizadores de poder produtivo, muitas vezes, causadores da destruição do planeta. Urge retomar o bem viver, que certamente transita pelo abandono radical e profundo de visões economicistas como eixos de uma sociedade, e evoluir para outras formas de organização social e política, na busca

de solidificar o compromisso com a defesa da vida, numa visão não antropocêntrica e distante do que hoje considera-se como progresso (ACOSTA, 2016).

É de suma importância encontrar novos indicadores de prosperidade, que levem em consideração não só o aumento da renda per capita, mas a compreensão dos verdadeiros ganhos de qualidade de vida, bem-estar e preservação do ambiente integral.

2.4 Saúde, lazer e ambiente integral

A saúde é um bem de todos, inegociável, e se apresenta como um valor coletivo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde não só como ausência de doenças, mas também como um completo bem-estar físico, psíquico e social, um direito social inerente à condição de cidadania, devendo ser assegurada sem distinção de raça, religião, ideologia política ou condição socioeconômica. De acordo com Silva, Schraiber e Mora (2019), a OMS foi fundada em 1948, após o término da Segunda Guerra Mundial, palco de conflitos sem precedentes, que envolveu direta e indiretamente todos os países do mundo. Na busca por transpor a concepção biomédica existente até então, “[...] verificou-se, com o passar dos anos, que novas definições foram criadas, na construção de alternativas tanto à concepção biomédica quanto à própria definição da OMS.” (SILVA; SCHRAIBER; MOTA, 2019, p. 2).

A definição da OMS, apesar de ser considerada avançada para a época, foi contestada por Segre e Ferraz (1997, p. 539), que a consideram ultrapassada, irreal e unilateral, visto que o termo bem-estar, na perfeição que se apresenta, não é passível de caracterização, além de estar repleto de subjetivismo. Os autores também alegam que é utopia definir "perfeito bem-estar". E fazem uma provocação quando nos convidam a caracterizar perfeição.

Não se deseja, enfocar o subjetivismo que tato a expressão "perfeição", como "bem-estar" trazem em seu bojo. Mas, ainda que se recorra a conceitos "externos" de avaliação (é assim que se trabalha em Saúde Coletiva), a "perfeição" não é definível. Se se trabalhar com um referencial "objetivista", isto é, com uma avaliação do grau de perfeição, bem-estar ou felicidade de um sujeito externa a ele próprio, estar-se-á automaticamente elevando os termos perfeição, bem-estar ou felicidade à categorias que existem por si mesmas e não estão sujeitas a uma descrição dentro de um contexto que lhes empreste sentido, a partir da linguagem e da experiência íntima do sujeito. Só poder-se-ia, assim falar de bem-estar, felicidade ou

perfeição para um sujeito que, dentro de suas crenças e valores, desse sentido de tal uso semântico e, portanto, o legitimasse. (SEGRE; FERRAZ, 1997, p.1).

A condição da existência humana em grupos numa organização social é baseada em renúncias, para fazer jus a certos benefícios, o que gera um constante sentimento de mal-estar. Inevitavelmente, cria-se uma zona de tensão entre indivíduo e civilização, decorrente de um estado de coisas ditado pela “lei do mais forte”, normalmente “injusta e selvagem”. Portanto, onde acredita-se que há natureza, verdadeiramente já existe uma cultura instituída nessa suposta pré-civilização, o que impossibilita falar em “perfeito bem-estar social” sem que haja uma forma de avaliação externa para dar números à saúde, ou seja “qualitativar-se.” (SEGRE; FERRAZ, 1997, p.2).

Assim como a Natureza resulta da separação dos sujeitos coletivos do seu lugar de existência por uma interferência externa, violenta, a partir de uma relação desigual de poder. A expressão do poder na apropriação da “Natureza” constrói uma expropriação tão radical que nos joga todos na condição de miseráveis e pobres: empobrece a paisagem e as pessoas. (KRENAK, 2018, p.1).

Recomenda-se que a ideia de saúde seja considerada em seu contexto social, principalmente em relação ao trabalho e ao meio ambiente, e não somente como ausência de doenças, pois, na contemporaneidade, processos de produção e consumo sobrepõem-se à saúde e ao meio ambiente (PIRES; TOZATO, 2012).

O contexto instaurado em Barra Longa, pela exploração e conseqüente expropriação e saque, inclusive pela invasão da lama, constitui um lugar de poder para os agentes do saque e, inevitavelmente, separam sujeitos de seus ecossistemas para a apropriação da natureza. Destrói, desconstrói, desabriga, e obriga, de forma abrupta, mudanças nas histórias e memórias, provocando adoecimento físico e mental para os atores receptores do caos, ou seja, o lugar do outro passa a ser ocupado pelo sujeito de poder (KRENAK, 2018).

Seria necessário incluir a distribuição igualitária de emprego e renda, criar condições favoráveis de vida e trabalho, qualidade e sustentabilidade do ambiente integral, acesso às redes sociais como suporte social e participação ativa nos processos decisórios locais, de forma a interferir positivamente na saúde, para o bem-estar individual e coletivo.

Também é vã a pretensão de encontrar consenso relacionado à saúde e lazer e tampouco uma definição específica e única para essas variáveis, mas o que se pode observar são as diferentes formas de pensar sobre essas questões, que abrangem toda a humanidade e suas diferenciações. “A concepção sobre o que é saúde varia muito nas diversas culturas do mundo, assim como as crenças sobre o que ocasiona ou não a saúde.” (PIRES; TOZATO, 2012, p.18).

Em contraposição, Tonello e Surdi (2007) relacionam os conceitos de saúde ao lazer, identificando a aproximação de valores como o bem-estar físico e mental, a socialização com familiares, amigos e colegas, o interesse em realizar uma atividade, dentre outros, e convida-nos a questionar: será que o lazer existe sem saúde ou a saúde existe sem lazer? A globalização e o avanço da tecnologia não dão conta de responder a questionamentos ligados à saúde e ao lazer, pelo contrário, estão diretamente relacionados à ausência deles no cotidiano das pessoas. O consumo desenfreado, a produção em larga escala, a ganância a despeito de, e o trabalho exaustivo, quase sempre destinados única e exclusivamente à sobrevivência, delimitam um cenário de estresse generalizado.

Dessa forma, compreende-se que a definição de saúde da OMS está realmente ultrapassada, por fazer distinção entre o físico, o mental e o social, sendo este último, um agente ainda pouco expressivo na construção de valores.

O que se pode observar, quando aparentemente se encontra em alguém um estado de hiper-adaptação mental, é que a vida psíquica desse sujeito, por um outro lado - o lado oculto - encontra-se severamente empobrecida no plano fantasmático. Sua vida onírica e de fantasia parece amortecida, do que resulta um rebaixamento da criatividade e do potencial de intervenção sobre a realidade, no sentido de transformá-la. Esta síndrome dos "normóticos" ou "normopatas" começa a ser percebida por alguns psicanalistas mais atentos e sensíveis, como, por exemplo, por McDougall (1978) e Bollas (1992). Esses sujeitos, exatamente por não contarem com proteção de uma vida psíquica que lhes dê sustentação para enfrentar os acontecimentos traumáticos da vida, são, segundo tais psicanalistas, os mais propensos à somatização. (SEGRE; FERRAZ, 1997, p.539).

Imperceptivelmente, a vida humana é colocada em segundo plano, a saúde deixa de ser prioridade e o lazer, como uma necessidade humana, não se realiza (GOMES, 2004).

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

O objetivo geral do presente estudo é analisar se houve modificações nas práticas sociais de lazer das bordadeiras de Barra Longa após o rompimento da barragem de Fundão, tendo como centralidade o bordado e buscar compreender se essa atividade é capaz de ressignificar locais e memórias.

3.2 Objetivos específicos

- a) Verificar possíveis mudanças nos comportamentos do bordar e dos espaços sociais de lazer das bordadeiras após o rompimento da barragem.
- b) Analisar o bordado como prática social, identitária e coletiva dessas mulheres.
- c) Verificar o bordado como possibilidade de reconstrução da vida cotidiana, espaços e memórias, evidenciando a força do lazer e da arte na experiência de desenvolvimento humano coletivo.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, descreveu-se o processo metodológico utilizado para realizar este estudo. Dessa forma, o primeiro e o segundo tópicos tratam dos cuidados éticos e critérios de inclusão; o terceiro diz da natureza da pesquisa, e o quarto e o quinto tópicos descrevem os procedimentos de coleta, tratamento e análise dos dados, respectivamente.

O fluxo da análise dos dados foi delimitado a partir dos questionamentos iniciais levantados, respeitando os objetivos desta pesquisa e as novas demandas que foram surgindo no desenrolar do processo investigativo, ocorrido durante as entrevistas. O estudo utiliza a metodologia qualitativa, exploratória e interpretativa para ir ao encontro da realidade de vida dessas bordadeiras.

4.1 Cuidados éticos

Após a submissão e aprovação deste projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMG, CAAE – 36256620.6.0000.5149, e antes da realização da entrevista, a pesquisadora informou às entrevistadas os principais objetivos da pesquisa e a maneira como seriam conduzidas as entrevistas, as quais somente foram realizadas após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que garante o sigilo e a possibilidade de a participante retirar-se do estudo a qualquer momento, se assim desejar, bem como obter acesso às informações sobre seus resultados.

Devido à ocorrência da pandemia de covid-19, iniciada em novembro de 2019, durante as entrevistas, tivemos que utilizar, além das máscaras protetoras de nariz e boca, o distanciamento físico, objetivando não comprometer a saúde das entrevistadas e da pesquisadora.

Os nomes das entrevistadas serão mencionados nessa pesquisa através de siglas, visando proteger suas identidades.

4.2 Critérios de inclusão

- a) Bordadeiras que residem na cidade de Barra Longa.

- b) Bordadeiras maiores de 18 anos, que praticam essa atividade de bordado desde antes do rompimento da barragem de Fundão e continuam bordando.
- c) Bordadeiras que vivenciaram o rompimento da Barragem de Fundão.

4.3 Natureza da pesquisa

O presente estudo implementou-se por meio de abordagem metodológica qualitativa, exploratória e descritiva, elaborada em processos dialógicos. Para Freitas e Jabbour (2011), os estudos exploratórios são aqueles nos quais o pesquisador se debruça para conhecer uma determinada realidade ainda não explorada, no intuito de descrevê-la, estudá-la e compreender seus meandros.

A presente proposta configura-se como uma pesquisa de natureza prática, que utiliza a teoria apenas no sentido de embasar a problematização, interessada na produção de conhecimento sobre o bordado como fonte de lazer e resiliência. A elucidação dos fatos se dá através dos depoimentos coletados, que fazem emergir as consequências relacionadas às modificações nas práticas cotidianas das bordadeiras da cidade de Barra Longa – Minas Gerais, após o rompimento da barragem de Fundão.

4.4 Coleta de dados

Para viabilizar a participação dos sujeitos na coleta de dados, foi realizado o primeiro contato, inicialmente por telefone, através de mensagens via aplicativo *Whatsapp*,¹⁶ com a bordadeira MAL, no ano de 2017. Após ser prontamente atendida por ela, essa proposta de trabalho ganhou vida. A partir do cumprimento de todas as etapas exigidas pelo PPGIEL e visando dar sequência à pesquisa, em outubro de 2020, fiz o segundo contato por telefone com MAL. De igual forma, fui atendida e foram estabelecidas as datas para a realização da coleta de dados. Partimos, eu e minha orientadora, Cristiane Drumond, no dia 22 desse mesmo mês e ano, rumo à cidade de Barra Longa, onde permanecemos por dois dias consecutivos. O público-alvo deste projeto só foi atingido devido à colaboração e à intervenção de MAL, que

¹⁶ É um aplicativo de troca de mensagens e comunicação em áudio e vídeo pela internet, disponível para smartphones Android, iOS, Windows Phone, Nokia e computadores Mac e Windows. No Brasil, Índia e partes da Europa, o app é um dos mais populares entre usuários de smartphone (NUVENS, 2021).

utilizou de sua influência com as bordadeiras para contatar e recrutar voluntárias para participar da pesquisa.

Ao chegarmos à cidade, nos instalamos no Hotel Le Milla, localizado no centro de Barra Longa, onde preparamos o material para ir ao encontro das “meninas” na Casa das Artes. O local funciona também como uma loja, destinada a exposição e venda dos trabalhos de bordados, crochê e artesanato em geral.

Na busca de obter maior fidelidade das informações coletadas em campo, utilizamos as entrevistas semiestruturadas para iniciar os diálogos, que foram gravados por meio do aparelho gravador de voz digital Sony Icd-px470 4gb Mp3. Dessa maneira, a pesquisadora conseguiu capturar os dados com maior precisão e fidelidade. Foi solicitada, por áudio, a permissão para gravar os depoimentos e, quando possível e necessário para enriquecer a pesquisa, optou-se por fotografar os sujeitos envolvidos nas entrevistas.

As entrevistas foram direcionadas no sentido de auxiliar na condução dos relatos sobre questões preestabelecidas pela pesquisadora, porém não os engessa, ao contrário disso, têm caráter de conduzi-los à espontaneidade, na tentativa de apreender as revelações e impressões individuais. Os encontros tiveram duração entre 30 minutos e até 2 horas, dependendo da disponibilidade de tempo e respeitando os assuntos demandados por elas. O número de amostragem foi definido a partir do comparecimento das bordadeiras na data e horários agendados.

As gravações foram transcritas na íntegra, o que permitiu capturar e analisar todos os detalhes do pensar de cada ator envolvido nesta etapa da pesquisa. Foram analisados o bordado associado ao lazer e as consequências provocadas pelo derramamento de lama na cidade, dentre elas a ausência de saúde, a invasão de privacidade, as perdas sofridas e o desrespeito à dignidade humana.

4.5 Análise dos dados

Para realizar a análise dos dados, os depoimentos foram transcritos na sua literalidade e, posteriormente, separados por linhas temáticas, que obedeceram às ideias e frases presentes nos discursos que tratam do mesmo tema. A partir daí, os assuntos foram adicionados ao texto, de acordo com a demanda da escrita, sempre buscando utilizar um embasamento teórico de consistência para sustentar as análises. A análise dos dados foi estabelecida respeitando a cronologia dos fatos e

segundo sua ordem de relevância, na medida de seu aparecimento nos discursos dos sujeitos.

O desenvolvimento da pesquisa de campo com as bordadeiras de Barra Longa descreveu as representações do coletivo dessas bordadeiras, compreendendo-as como membros de um processo do bordar cultural da região. Pretende-se trabalhar no campo da complexidade, de modo que, por meio de interações e conexões, busca-se compreender o fenômeno estudado. O foco desta pesquisa está nas relações e conexões estabelecidas entre os próprios depoimentos, a realidade local e a teoria que suporta o debate.

O enredamento da mudança de comportamento perpassa o pensamento complexo e o significado da vida, onde a estrutura oferecida pelo cotidiano e hábitos é obrigada a se refazer, em função de um acontecimento indesejado, como foi o rompimento da barragem de Fundão.

A análise das entrevistas permitiu identificar as seguintes linhas temáticas:

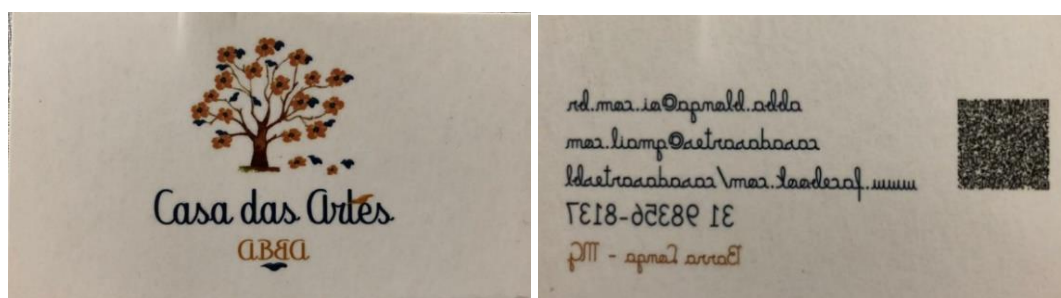
- a) Bordados: um sentido para a vida.
- b) Bordado: princípios, origens e algumas histórias.
- c) Meu lazer é meu bordado.
- d) Bordado: alternativa de resgate, superação e fonte de renda.
- e) Dia D: rompimento da barragem de Fundão – Linha do tempo.
- f) Depoimentos: o ambiente importa.
- g) Perdi tudo. E agora? O que farei?
- h) Invasão de Barra Longa – mudança brusca na rotina de uma cidade.
- i) Onde e como eu gostava de bordar antes do rompimento.
- j) E agora que tivemos tantas perdas, quem vai nos socorrer?
- k) Samarco e Renova: o silenciamento.
- l) Projeto Meninas da Barra - As Mudanças - Ronaldo Fraga e Renova - um breve alento para grandes dores.

5 BORDADOS: UM SENTIDO PARA A VIDA

Como um processo de aprendizado, domínio de técnicas e de repertórios, disciplina do corpo e criação de vínculos, o bordado atua como forma de estar e de ver o mundo, e seus produtos ou resultados são parte integrante da vida de muitas mulheres (BRITO, 2010).

Chegamos, eu e minha orientadora, Cristiane Drumond, no dia 22 de outubro do ano de 2020, à cidade de Barra Longa, onde ocorreram as entrevistas com as bordadeiras, e permanecemos até o dia seguinte. Ao todo, entrevistamos 9 bordadeiras, com média de idade entre 34 e 73 anos, sendo que duas delas, RBFF e DFFB, nos receberam em sua residência e MAL, devido à incompatibilidade de horários, foi entrevistada por telefone, por meio do aplicativo *Whatsapp*. As outras bordadeiras nos receberam na Casa das Artes, local onde funciona o projeto, em parceria com outros 30 artesãos da cidade.

Figura 7 - Arte gráfica Casa das Artes



Fonte: Fotografia da autora (2020).

A Casa das Artes é uma casa simples, de apenas quatro cômodos, dentre os quais estão uma recepção, que funciona como espaço de exposição dos trabalhos das bordadeiras, disponíveis para a venda; duas salas maiores, com mesas redondas que servem como apoio para a confecção dos bordados; uma cozinha pequena e um banheiro. Fomos recebidas carinhosamente por AMP, bordadeira participante do projeto e que muito se orgulha de construir a história do bordado em Barra Longa.

Figura 8 - Chegada de Maira (pesquisadora) e Cristiane (orientadora) à Casa das artes



Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia da autora.

As nove bordadeiras entrevistadas consideram que realizam com maestria seus trabalhos artísticos de bordados, evidenciam a importância de produzirem seus saberes e seus conhecimentos específicos nessa arte. A baixa escolaridade não representa um fator de limitação das suas habilidades. Para Sousa (2019, p. 36), “bordar é expressar afeto por agulhas e, apesar da escrita acadêmica, tentar se aproximar cada vez mais das singularidades humanas, é necessário compartilhar este estudo com histórias e vivências pessoais”.

Quadro 1- Escolaridade das participantes

NÚMERO DE PARTICIPANTES	GRAU DE ESCOLARIDADE
02	Ensino fundamental
05	Ensino médio completo
01	Ensino fundamental incompleto
01	Ensino médio incompleto

Fonte: Elaborado pela autora.

As entrevistadas alegam que o bordado é uma prática feminina na cidade e que desconhecem qualquer pessoa do sexo masculino que pratica essa arte. Apenas ALTV afirmou que sua filha não gosta de bordar, porém borda somente para ajudar a mãe, e seu filho gosta de artesanato, mas não borda, ele tem maior interesse por pintura em cabaça.

Ensino bordado pra minha filha, mas ela não gosta. Ela até me ajuda quando eu preciso. Mas ela não gosta não. Meu menino gosta (De trabalhos manuais). Ele gosta de pintura em cabaça (ALTV).

As escolhas vivenciadas por homens e mulheres sobre o que e como fazer algo, como atividades envolvendo a arte, no caso em questão o bordado, estão ligadas às construções culturais de poder e isso não é um privilégio apenas desse tempo e espaço, estão em todas as esferas da vida.

Não tenho interesse em aprofundar as questões de gênero na arte, no entanto, a título de curiosidade, algumas bordadeiras afirmam que os homens de Barra Longa são muito machistas e que jamais iriam se dispor a bordar, porém, de acordo com Sampaio *et al.* (2011), as questões de arte podem ser culturalizadas.

Os estudos mediados pela categoria de gênero põe em evidência processos de construção do saber visando à desnaturalização daquilo que é cultural e socialmente construído. As matrizes de gênero desenhadas nas culturas são um dos exemplos que têm força de imprimir aos corpos algo que transcende sua anatomia. Os estudos das masculinidades e feminilidades atestam que não há um biológico que não seja culturalizado, bem como o inverso. (SAMPAIO *et al.* 2011, p. 32).

Sampaio *et al.* (2011) demonstram que a desvalorização da arte, sofrida ao longo dos tempos, está vinculada não somente a fenômenos estilísticos, mas também a questões de gênero, de ordens políticas e hierárquicas, construídas socialmente. As mulheres foram privadas de acesso a outros tipos de competência, muitas vezes, vistas como portadoras de ausência de dotes intelectuais e sem condições de originar e realizar grandes artes, normalmente associadas ao estigma do trabalho feminino. A tapeçaria e o bordado eram valorizados na Idade Média, porém, na Idade Moderna, receberam uma simbologia negativa, acompanhada da desqualificação do trabalho feminino, “logo inferior”, e o trabalho manual, “cada dia mais desqualificado” (SIMIONI, 2010, p. 5).

Ao longo do século XIX, montou-se o seguinte círculo pernicioso: as mulheres, vistas como seres intelectualmente inferiores, eram consideradas capazes de realizar apenas uma arte feminina, ou seja, obras menos significativas do que aquelas feitas pelos homens “geniais”, como as grandes telas e/ou as esculturas históricas. (GARIBOLDI, 1989, *apud* SIMIONI, 2010, p. 5).

No ambiente da pesquisa, na academia, a arte do bordado e outras práticas artesanais também eram consideradas à parte, em relação a outras artes, como pintura, escultura e, por isso, eram pouco estudadas e reconhecidas. O não estudo a partir de prismas teóricos que reconhecessem e valorizassem essa arte é associado aos “[...] estigmas de classe, gênero e raça na cultura ocidental.” (DIAS, 2019, p. 52).

Considerada uma atividade fecundada no cérebro e executada pelas mãos, a arte é o resultado de uma ação mental, que dava ao seu criador o título de superioridade, como na pintura, na escultura e na arquitetura. Ao contrário disso, o artesanato normalmente era associado às capacidades inferiores de intelectualidade, sendo os artesãos considerados simples executores, longe, portanto, da imagem do artista criador (SIMIONI, 2010).

Dando prosseguimento aos relatos das bordadeiras, perguntei a respeito da participação delas nos projetos relacionados aos bordados. Algumas disseram fazer parte do projeto Casa das Artes, outras fazem parte tanto da ABBA, quanto da Casa

das Artes. Outras já fizeram parte desses dois projetos e outros de menor duração, mas optaram por abandoná-los e trabalharem por conta própria. Apenas LGR afirma nunca ter feito parte de nenhum projeto, apesar de mostrar o desejo em participar de algum, pois, de acordo com ela, é muito difícil fazer parte desses projetos e, desde sempre, trabalha bordando para terceiros.

As meninas da Associação e as Meninas da Barra, bem dizer, são as mesmas, e eu também participo do outro grupo. Dos dois grupos, a diferença é que lá tem duas integrantes que não participam da Casa das Artes, o resto tudo junto e misturado (ALTV).

Eu não pertencço à Associação por causa das pessoas que tá lá. Você tenta entrar e eles falam assim: que tem que ter uma burocracia danada. Inclusive, teve um negócio de curso de bordado da Associação lá e da Casa das artes, tentei entrar e depois acabei desistindo. Eu tenho vontade de participar (LGR).

É porque é assim, vamos supor: a Margarida recebe a encomenda de toalha. Ela vai e compra a toalha, escolhe o ramo, me dá a linha, aí eu bordo. A encomenda é dela e eu bordo pra ela. Ela pega a encomenda, eu bordo, e ela me paga o valor do bordado que eu bordei e o resto é dela. São quatro pessoas que eu bordo aqui em Barra longa, eu bordo pra Chiquita, mas eu bordo mais mesmo é pra Margarida (LGR).

A ABBA teve sua fundação em maio de 2003, por um grupo de 12 bordadeiras e artesãs, incentivadas pelas bordadeiras antigas dos salões da vovó. Esse saber foi passando de geração em geração, como forma de manter viva a tradição local e de manterem-se conectadas com o conhecimento e as histórias de suas mães e avós. A Associação visa ampliar a geração de trabalho e renda, por meio da produção e venda de produtos artesanais, em especial os bordados feitos à mão e à máquina. A cidade de Barra Longa é conhecida pela beleza e perfeição de seus bordados (ABBA, 2021).

Figura 9 - Logomarca da Associação barralonguense de Bordadeiras e Artesãos



Fonte: ABBA (2021).

Essa Associação fomenta o artesanato em Barra Longa, dando maior visibilidade aos trabalhos realizados pelos artesãos da cidade. Contudo, a bordadeira DFFB, que presidiu a instituição, sem entrar em detalhes, afirmou não ser fácil gerenciar o projeto, e abandonou o cargo devido a problemas que envolvem questões éticas.

Em 2003 que ela foi fundada e registrada (AMP).

Eu já pertenci há muitos anos, quando fundou a associação de bordadeiras, cheguei a ser até presidente, mas eu saí porque é um puxando o tapete do outro por detrás. Então, eu não gosto dessas coisas, aí eu peguei e saí. Agora, eu só entrei no Meninas da Barra porque a Renova tinha oferecido isso para nós. O Projeto Meninas da Barra é tudo a mesma coisa, tudo passando pé por detrás, fazendo os trem errado (DFFB).

Da associação, DFFB já foi até presidente. Só que a Associação aqui de barra Longa não dá. Porque tem um grupinho de umas pessoas, de umas quatro a cinco pessoas, que não trabalham como deviam trabalhar. Então, a DFFB largou e hoje ela entrou na Meninas da Barra, você já ouviu falar? Pois é, ela tá nessa coisa das Meninas da Barra. Só que mesmo assim, ainda é prejudicada. É muito difícil sabe, mexer assim com associação, com vários tipos de pessoas. Tem umas pessoas que não dá. Se vem uma encomenda, pega todas pra meia dúzia. Não é, não tem honestidade. Aqui não tem honestidade. Então, a Denise, a Margarida e mais umas seis pessoas, agora eles até formaram um outro grupo. Denise sabe até explicar melhor que eu, porque eu casquei fora. Fico só mesmo com os bordados, quem vem aqui compra (RBFF).

Quando tem evento a gente faz, ela DFFB vai, participa, mas é muito complicado, muito difícil, porque fica querendo mesmo assim complicar. É sempre te dando rasteira, sempre te dando rasteira, sabe? Um quatro a cinco pessoas. Então, procê não brigar, não vale a pena brigar, aí você vai afastando, vai afastando, sabe? Essa coisa das Meninas da Barra mesmo, essas pessoas tão tirando. E tem uma pessoa, que eu não vou citar o nome, porque eu não quero atrapalhar ninguém, que trabalha pra Renova e que tá também com "colundria" com essas pessoas, sabe? Então, não deixa de prejudicar também, mas eu não quero falar, porque eu não quero atrapalhar emprego de ninguém, né? Eu já tô velha, tem que ajudar e não atrapalhar (RBFF).

Assim como DFFB, RBFF, por várias vezes, menciona questões éticas e de poder envolvendo algumas pessoas do ciclo social de bordadeiras de Barra Longa. Nas concepções de Foucault *apud* Brígido (2013), o indivíduo portador do poder, muitas vezes, tende a levar o outro a fazer, ou não, algo por imposição, mas o poder funciona em rede, de modo que todos os sujeitos envolvidos são diretamente afetados por ele, é sempre relacional, o que dificulta ainda mais a manutenção da relação poder e ética.

As bordadeiras afirmam que, antes do rompimento da barragem de Fundão, já haviam participado de outros projetos e exposições de artesanato, que lhes renderam

um dinheiro para comprarem materiais para a ABBA. Após o rompimento, a associação teve que permanecer fechada devido à invasão da lama.

Nós fizemos projeto, já ganhamos até um dinheiro na mão deles, fomos fazer exposição lá.... Isso antes do rompimento. E ajudou a gente, deu a gente um dinheiro que depois a gente comprou um material pra ABBA né? Isso antes do rompimento (MCP).

Nós temos a ABBA, que ficou fechada lá. Mas ficou fechada mais de ano (MCP).

Ó, nós tivemos participação em uma feira lá em Brasília, que a Renova levou a gente, ano passado. Eu não fui não, foram duas representantes do grupo, então funciona assim, claro, às vezes não dá para levar o grupo todo. Vão alguns representantes. Nós estivemos na feira lá em Vitória do Espírito Santo, lá eu fui, foi muito bom. E outras mais, digamos, na Expominas, nós já participamos duas vezes (AMP).

As entrevistas foram conduzidas partindo de um roteiro preestabelecido, objetivando a ampliação dos discursos e respeitando a liberdade de expressão de cada bordadeira. Na sequência, questioneei a respeito do início do bordado e pude constatar que a maioria delas aprendeu a bordar com a mãe e falam disso com muito orgulho e significado. São lembranças resgatadas através de agulhas e linhas, num saber múltiplo e diverso, que permite reproduzir cenas cotidianas como forma de expressão e interação entre quem borda, o grupo e o local onde se está inserido, até mesmo como uma maneira de reorganizar espaços e novos estilos de desenhos.

Assim, inicialmente, trarei suas historicidades, seus estilos e formas de bordar, visando compreender as trajetórias de vidas relacionadas ao bordar, inclusive como fonte de lazer, antes e após o rompimento da barragem de Fundão. Posteriormente, pretendo discorrer a respeito dos impactos causados pelo rompimento da barragem, avaliando se houve interferências nos estilos de bordar, objetivando dar sentido para esta pesquisa ao conhecer um pouco da vida dessas “meninas”.

Todas as bordadeiras entrevistadas vivenciaram o rompimento da barragem de forma intensa e única, contribuindo, dessa mesma forma, com relatos impactantes, dolorosos e marcantes. Foram dois dias de coletas de dados com riquezas de detalhes e muito aprendizado. Trata-se de histórias contadas sob a ótica dessas mulheres “meninas”, referentes ao que se passou antes, durante e depois da tragédia, cujos efeitos se arrastam até os dias de hoje. Vidas foram profundamente afetadas, isso fica evidente na fala de MAL, que afirma, com muita clareza, que a história da cidade divide-se entre períodos pré e pós rompimento da barragem.

Eu falo que Barra Longa é antes da lama e Barra Longa depois da lama. Eu achei que piorou muito. Nós tínhamos esses hábitos de conversar. Depois que se fica um ano presa em casa, que se tem dificuldade de encontrar com os amigos, com os vizinhos, ficou muito restrito. Acaba você não fazendo mais, ou fazendo menos, então, isso foi muito prejudicado aqui em Barra Longa (MAL).

Os costumes das bordadeiras de Barra Longa de bordar nas portas das casas, na praça, ou seja, em locais públicos, foram deixados após o rompimento. A troca de conversas informais entre vizinhos e amigos e o lazer, de maneira geral, foram comprometidos.

Ah e antes de vir a lama também, eram costumes das mulheres de Barra Longa, eu mesma já fiz muito isso, de costurar na praça, sabe, nas rodas de conversa, nas portas, botar sua cadeira e tudo, fazer o crochê, o bordado à mão, sabe, o crivo mesmo, então a gente juntava muito pra fazer esses bordados. Depois da lama, isso se perdeu na história, sabe, da nossa história, Hoje é muito raro você vê alguém costurando na praça, nas ruas, porque as nossas praças foram todas tomadas pela lama, e hoje nós não temos uma árvore que dá sombra na praça. Hoje não tem como você ficar na praça e nas portas também, hoje ainda tem muita poeira, isso também se perdeu (MAL).

A partir de uma análise subjetiva e unilateral, avalio que minha participação nesta pesquisa, além da produção acadêmica, permite maior envolvimento como mulher artista e bordadeira, uma vez que conheço o sentido de bordar e passei parte da minha infância ao lado de minha mãe, que me ensinou dotes culinários, costura e bordado. Conceber e realizar este projeto, longe da pretensão de me igualar a qualquer uma dessas bordadeiras, sobreviventes de contexto tão adverso, devolveu-me lembranças e uma sensação de pertencimento ao escutá-las. O universo do bordado das “Meninas da Barra” me remete a acontecimentos pregressos de minha vida como aprendiz de bordadeira. Assim, no momento da pesquisa, me identifiquei com esse grupo de artistas.

O saber artístico do bordado foi capaz de revelar mulheres que utilizam essa arte para dar sentido e significado às suas vidas. O bordado revela seu poder de ressignificação após o desastre de Fundão, conferindo prazer aos momentos de angústia e dor vividos por elas.

5.1 Bordado: princípios, origens e algumas histórias

Foi com um pedacinho de pano, uma agulha e restos de linha que tudo se iniciou. Um encontro de gerações através de um fazer milenar: o bordado. As linhas dançam em tecidos em um verdadeiro ballet, cujo resultado é arte perfeita. Retratos desenhados por meio de uma brincadeira de cores, contam histórias de vidas com sinais e sutilezas de detalhes.

Entretecer processos de criação e histórias em visualidades (re)existentes da memória feminina: aqui, bordar significa pontear o tecido da pesquisa, ora transpassando, ora suturando rupturas e rasgos entre espaços da arte e entre gerações de mulheres (SOUSA, 2019, p. 24).

Figura 10 - Pano de prato e toalha de rosto bordados pela bordadeira RBFF



Fonte: Fotografia da autora (2020).

O ato de bordar se inscreve em hábitos de uma sociedade que tem coerências internas e invisíveis. Esta pesquisa tem a pretensão de tornar visível o invisível dessas “meninas” bordadeiras, assim como a forma como foram atingidas pelo rompimento da barragem.

O ensino do bordado se deu, inicialmente, a partir de transmissão oral. Somente a partir da metade do século XX, foram publicados livros e revistas especializadas em transmitir técnicas manuais, quando o bordado passa a obter outros meios de ensino (SOUSA, 2019).

Foram encontrados bordados de origem pré-histórica em Portugal e, nessa época, havia pouca diferenciação entre a técnica do bordado e da costura. As raparigas pertencentes às aldeias portuguesas aprendiam a bordar para

confeccionarem seu próprio enxoval.¹⁷ Porém, em certas regiões, a arte se tornou notória devido às características dos bordados e pela possibilidade de criar pequenas unidades de confecção com vistas ao comércio. Dentre esses bordados com características regionais e maior expressão comercial, estão os de “Castelo Branco, Arraiolos, Nisa, Ilha de S. Miguel (Açores), Madeira, Tibaldinho e Alcafache, Lixa, Guimarães e Viana do Castelo” (SILVA, 2006, p. 3).

É interessante notar que o bordado trazido de Portugal, especialmente da Ilha da Madeira, foi assimilado pelas bordadeiras de Barra Longa, comunidade local que, posteriormente, deram a ele um cunho original e próprio, dando-lhes um formato regional barra-longuense.

A história do bordado de Barra Longa se confirma a partir dos relatos de AMP e MAL, que dão conta da sua origem e contribuem para a compreensão da qualidade desses bordados.

O bordado chegou em Barra Longa desde quando o bandeirante chegou aqui. Quer dizer, antes de ser fundada a cidade. E quando chegaram aqui desbravando, já veio gente bordando. E agora, há pouco tempo, foi descoberto por que que o nosso bordado é tão perfeito. Porque veio com uma família de Portugal, lá da Ilha da Madeira. Diz que a origem do nosso bordado é de lá da Ilha da Madeira. Bom, eu não sei como o bordado é feito lá, mas já ouvi dizer que é muito perfeito. Que lá é a terra do bordado e foi uma família de lá que trouxe o bordado pra cá. Não faço a mínima ideia qual o nome da família. É uma pesquisadora que descobriu isso. Xeretou até descobrir. Quem fundou a cidade foi um tal de Mathias Barbosa.¹⁸ Ele é o primeiro que chegou aqui, né? Acho que é isso mesmo, acho que é Mathias Barbosa mesmo o nome dele. Só que essa família já veio com ele. Mas não era família importante não. Só gostava de bordar. Eu não sei exatamente como era, mas foi o comentário que eu ouvi. Só esse, porque não fui eu que pesquisei, né? Amanhã a MAL fala melhor com vocês sobre isso, tá? (AMP).

Bom, o ano eu não sei não, mas algumas coisas eu sei falar. Quando eu comecei mesmo a me profissionalizar a respeito do bordado, dessa tradição em Barra Longa, eu me envolvi muito assim e procurei me informar. O que acontece: Barra Longa, desde quando os portugueses vieram para o Brasil, ela também foi colonizada pelos portugueses. Nós temos duas professoras de linguística aqui de Barra Longa, que são professoras da UFMG. Elas relataram, na pesquisa delas, que Barra Longa, foi colonizada pela região da Ilha da Madeira, os portugueses da Ilha da Madeira de Portugal. Então, por isso, esse bordado tão aguçado né, esse bordado que todo o mundo tem uma peça bordada em casa e tudo, né? Eu venho de uma família tradicional, eu

¹⁷ Conjunto de peças, geralmente em panos de linho, que eram bordados sob a orientação das mães, que transmitiam às filhas as técnicas que foram passando de geração em geração (SILVA, 2006).

¹⁸ Por volta de 1711 Matias da Silva Barbosa chegou a localidade a pedido do governador da época para combater os índios Botocudos e Acaiabas recebendo em troca vasta extensão de terras, onde se construiu então a Fazenda dos Fidalgos, formando-se um pequeno arraial com o nome de Matias Barbosa. A origem do atual nome da cidade deve-se a confluência dos rios Carmo e Gualaxo do Norte. <https://www.barralonga.mg.gov.br/index.php/prefeitura/historia>

tinha uma avó que fazia crivo antigo, um crivo muito característico da região aqui, e o matiz que também foi e tudo, então, eu acredito que seja isso, né? E aqui, nós tínhamos velhos salões de bordados, que era da Budi, eu não sei o nome dela, sei que era Budi. Era com o Richiliê, o bordado a máquina, naquelas máquinas antigas de pedal ainda. E o salão de Dona Lalá, que era o salão que era bordado matiz, os pontinhos, e tem também o bordado crivo, que foi das minhas parentes, que é o crivo do norte e esse crivo antigo que era de Zica e Marica. Essas coisas que eu sei, assim. Essa Dona Lalá, ela tinha um defeito na perna, mancava, e ela era professora, e quando ela se viu assim, ela não dava conta de trabalhar, ela começou a bordar, bordar enxovias. Vinham pessoas de muitos lugares trazendo o enxoval da família inteira, das moças que iam casar, pra ela fazer, entendeu? Então, o que eu sei é esses relatos, mas se você tiver mais alguma pergunta ou curiosidade, eu me disponho a responder, tá? E hoje nós continuamos a tradição desse bordado e isso estende a todo território, entendeu. Nas comunidades rurais, nós temos muitas bordadeiras. Tem o crochê, que é muito bem feito aqui em Barra Longa, e aqui também tinha uma família que fazia essa franja, hoje eles chamam de macramê, antigamente eles falavam franja de brólia ou de abrolhos, não sei, eles falavam brólia aqui em Barra Longa. Tinha uma família que fazia este trabalho de brólia aqui em Barra Longa, que hoje eles chamam de macramê (MAL).

Somente a título de curiosidade, MAL enriquece seu relato, trazendo a informação da existência de outra tradição da cidade de Barra Longa, a alfaiataria. Ela reforça a importância de se preservar esses saberes considerados por ela como relíquias.

E aqui, interessante que não só o bordado em si, mas tinha o pessoal, alfaiates, meu pai era alfaiate, então, nós tínhamos alfaiates aqui, sabe? Tem um senhor, até hoje vivo, aqui em Barra Longa, ele é filho do Seu José Alecrides, ele chama José também, a família dele tinha uma casa de alfaiate. Ele era o costureiro aqui de Barra Longa e fazia ternos maravilhosos! Tinha muita coisa bacana, sabe? Muita coisa bacana mesmo, muita coisa bacana! Então, assim, sabe, eu acho que é isso que eu tenho pra falar com você, não me recordo se tinha outras coisas (MAL).

A história das bordadeiras de Barra Longa se configura no universo cultural feminino, ou seja, o bordado naturalizado como parte da vida da mulher. Nesse sentido, Malta (2015) contribui com dados sobre a existência dessa cultura, inclusive em colégios femininos.

O aprendizado em casa e nos colégios femininos reforçava a ideia de naturalização da costura na vida da mulher oitocentista, quase como algo atávico ao feminino. Toda jovencinha recebia seu pedaço de pano, onde aprendia seus primeiros pontos, com a mãe ou uma instrutora, e armazenava os motivos preferidos em uma espécie de mostuário e prova de percurso. Muitos desses panos se transformavam em quadros e adornavam os quartos de costura e de dormir ou foram guardados como lembrança, como um emblema dos pendores da mocidade (MALTA, 2015, p. 7).

No processo de aprendizagem, a professora oferecia o modelo e as cores e a principiante se esforçava em ver e aprender a fazer, procurando alcançar a perfeição da mestra. Tanto o lado direito quanto o avesso do bordado deveriam receber o mesmo tratamento em termos de capricho.

Eu... sempre bordava alguma coisinha, não tinha muito o que bordar não, porque a gente não tinha muito recurso... aliás não tinha recurso nenhum. Depois, com dez anos, eu fui pro colégio. Lá no colégio, num orfanato... porque eu queria estudar e não tinha escola lá na roça, eu tinha uma prima que estudava lá nesse colégio e arrumou uma vaga pra mim. Eu era bem pequenininha, lá as meninas tinham um horário de trabalhos manuais. Mas eu era tão “impirriada”, tão pequena que ninguém me dava confiança. Não adiantava, ninguém tinha confiança de por linha e agulha na minha mão lá. Aí o que que eu fazia? Arrumava uma agulha, às vezes aparecia uma “aduladeira”, me dava uma agulhinha, eu catava as linhas que elas jogavam no chão, dos bordados, pegava os paninhos, roupinha de boneca e bordava. Era o recurso que eu tinha, não tinha dinheiro, não podia comprar material pra bordar nada, então, meu recurso era esse, né? Bordava. Minhas bonequinhas tinham enxovalzinho todo bordado. Tudo com pedacinho de linha, e foi assim que eu fui... (AMP).

O colégio interno foi o recurso possível para AMP querer alçar voos maiores do que sua realidade lhe permitia, uma realidade sem recurso. A educação em colégios internos seguia o modelo de educação para moças, com aulas de trabalhos manuais, preparando as mulheres para o lar, com objetivo de produzir jovens prendadas (CHAGAS, 2007). À AMP, até isso lhe foi negado e ela teve que lutar, aprendendo com linhas que catava no chão ou que eram doadas pelas “aduladeiras”.

Os primeiros passos para aprender a bordar perpassam um senso de aprendizado comunitário, preservando a tradicionalidade familiar e local, e merecem ser tomados como um lugar de liberdade.

Quando se estuda grupos sociais, como é o caso das bordadeiras de Barra Longa, por vezes, pode-se encontrar práticas culturais como as descritas por Canedo (2009), quer dizer, práticas que cuidam de algo, porém, esse algo pode ser estendido ao cuidado com a família, por exemplo, bordar peças que são passadas de geração em geração, como memórias afetivas.

Nos bordados, as mulheres, normalmente subservientes às vontades e aos mandos de seus cônjuges, utilizavam as rodas de costura ou até mesmo o trabalho solitário como forma de controle, de poder e de autonomia sobre suas criações, uma vez que a sociedade brasileira, fortemente patriarcal, não delegava a elas nem a

decoração doméstica, teoricamente tida como da competência do mundo feminino (MALTA, 2015).

A aproximação de laços através da transmissão de saberes de agulha caracterizam a prática do bordar, circunscrita em um espaço doméstico, compartilhando gerações e trazendo uma outra dinâmica à vida familiar. Apesar de instituir a domesticação feminina, com confinamento da mulher no espaço doméstico, esta prática acabou por reforçar a coletividade entre mulheres que passavam o dia reunidas, tecendo juntas, longe dos homens, contando histórias, assumindo poder sobre sua própria produtividade e autonomia de criação (SOUSA, 2019, p. 36).

Frequentemente, o ato de bordar se inicia com pequenos riscos, pontos simples bordados à mão, roupinhas de bonecas, paninhos para enfeitar. Nesse caminhar, as bordadeiras se desenvolvem aprendendo pontos mais elaborados e, ainda que isso seja de grande valor, não dispensam o uso das máquinas de costuras com as quais fazem pontos específicos, como é o caso do *Richiliê*, que não podem ser bordados à mão.

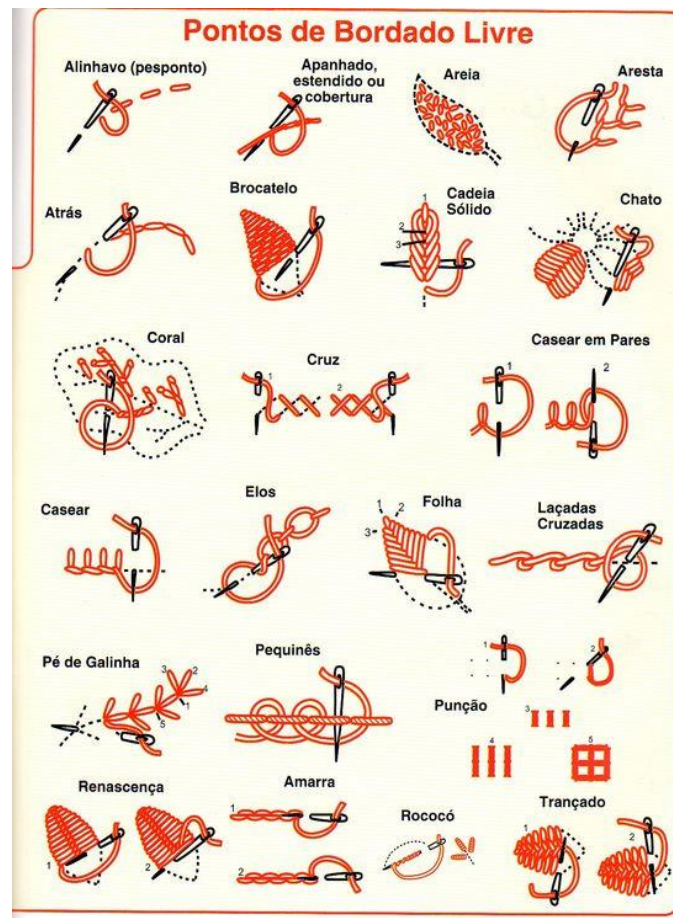
Desde os nove anos de idade que eu comecei. Eu aprendi na época com uma senhora velha, que morava aqui do lado, e eu tomei tanto gosto de fazer aquilo, e eu naquela vontade de já fazer a rodelinha! Eu lembro que eu fui para o banheiro. Minha ansiedade foi tanta, que eu fui para o banheiro para poder... na hora de tomar banho, unir e já começar e foi lá que eu consegui, engraçado né? Porque tem gente que tem mania de pegar um livro, né? Eu comecei aprender a fazer a ligeirinha, de crochê,¹⁹ a correntinha,²⁰ sabe? Que era só a ligeirinha, fazia metro de ligeirinha e eu já querendo fazer o paninho, já começar (DFFB).

Os diversos pontos de bordados existentes, Figura 11, possibilitam às bordadeiras construir sua arte com maior perfeição de detalhes, graça e beleza estética.

¹⁹ Processo de criação de tecidos usando a agulha de crochê e algum fio contínuo, normalmente, lã, fio de algodão, seda etc, mas também pode se usar arame, barbante ou outro material inovador.

²⁰ Corrente ou cadeia: ponto decorativo em forma de corrente, muito usado para contornar outros bordados. Esse ponto também pode ser usado para preencher todo o interior do desenho. Geralmente, é colocado na composição juntamente com outros tipos de pontos. Quando feito para preenchimento, contorna-se, inicialmente, o desenho para depois ir preenchendo, até chegar ao centro (ARTESOL, 2021).

Figura 11 - Pontos de Bordado Livre



Fonte: Martinez (2020).

Eu comecei a bordar, fazer o bordado à máquina, foi nova, eu tinha dezoito anos de idade que eu tinha. Foi com a Dora. Foi ela que me ensinou. Minha mãe não bordava, minha avó sim, mas eu não cheguei a conhecer ela não. Mas eu comecei a interessar em bordar a partir de dezoito anos (SRC).

Com exceção de SRC, de acordo com o relato das entrevistadas, o bordado, na maioria dos casos, é uma prática iniciada na infância, normalmente passada de mãe para filha, tradição que perpassa o gosto e o prazer de bordar. São técnicas e maneiras variadas de bordar que trazem consigo significados e valores reais de heranças maternas. O bordado, como uma prática feminina, circunscrito no espaço doméstico, revela também algo invisível, mas poderoso, um espaço de liberdade para criação e, quando coletivo, um espaço de troca de saberes entre mulheres, uma ensinando a outra. AMP, por exemplo, na luta por bordar, não aceitou o lugar de desacreditada que o colégio interno lhe ofereceu, foi buscando, em pedacinhos de panos e linhas, a elaboração de suas próprias criações.

Olha... desde quase bebê, por que o bordado... a gente já nasce vendo o bordado. Eu aprendi os primeiros pontinhos de bordado, era muito pequenininha. Eu lembro que minha mãe foi ensinar pra uma menina, uma pré-adolescente, ou uma menina que era bem maiorzinha que eu. E eu, na hora que vi a minha mãe ensinando pra menina, eu abri a boca pra chorar, chorei até ela me dar uma agulha, linha e uma pedaço de pano, que eu queria bordar. Aí, foi assim que eu comecei. Aprendi os primeiros pontinhos do bordado, imagina a maravilha que ficou, né? Não dá nem pra imaginar...Mas foi assim ... (AMP).

Ah... não sei, tem muitos anos. Minha mãe bordava, então eu aprendi bordar com a minha mãe. Eu devia ter uns nove pra dez anos, minha mãe já começou a me ensinar. Aí minhas irmãs também bordam até hoje, uma até já faleceu. Mas eu tenho mais duas irmãs que bordam também muito (RBFF).

Comecei com minha mãe né, minha avó bordava, minha tia, minha avó fiava aqueles fuso²¹ né, que eles falam, né? Então, fazia o pano, tecido e naquele tecido bordava o crivo,²² fazia toalha, fazia tudo. E foi passando de bisavó pra vó, de vó pra mãe, e mãe me ensinou também. Aí eu ia aprendendo fazer bainha,²³ fazer matiz,²⁴ fazer tudo (MCP).

Eu nasci em Ponte Nova, mas sempre morei em Barra Longa. Então, via a minha mãe fazendo bordado e aprendi com ela. Ah... eu tava assim com uns dez anos. Ela armava a cercadura e eu fechava. Ela fazia, eu bordava fechando. Cercadura é de bordado mesmo. Você borda o ramo e faz a cercadura²⁵ (LGR).

Imagens e recordações, no tecer da vida, dão formato especial para a memória de cada indivíduo, pois entrelaçam passado e presente e conectam ascendentes e descendentes numa construção de si, baseada em conhecimentos adquiridos e objetos que pertencem a esse espaço do saber (SOUSA, 2019).

No dia 22, como as outras meninas não puderam comparecer à Casa das Artes, local onde aconteceria o encontro com as bordadeiras participantes desta pesquisa, entrevistei somente AMP, que me contou, com riqueza de detalhes, sua história de vida. Detalhes esses difíceis de reproduzir tal como me foi contado, mas pude saber que foi uma história de muita luta, persistência e determinação, que me impactou de forma a me levar a refletir sobre minha própria vida. Dentre as várias memórias, ela disse que trabalhou em uma casa cuidando de duas crianças, as quais considerava

²¹ Ferramenta de madeira entalhada à mão para brindes com fuso superior espiral fio giratório.

²² O ponto crivo, também conhecido como bordado labirinto ou somente labirinto, é um tipo de bordado tradicional da região norte do país, feito com tecidos finos, como o linho. O ponto crivo chegou ao Brasil com a colonização portuguesa, no século XVII, e era muito utilizado para bordar enxovais.

²³ Dar um nó em ponto final de costura, em bordado, tapeçaria etc., para que ele não se solte.

²⁴ Colorido resultante da combinação de cores diversas em pinturas, bordados, tecidos etc.

²⁵ Ornamento ou moldura no lugar do contorno de um objeto, de peça de vestuário, material tipográfico etc.

como filhas, uma vez que ela não tem filhos naturais. Trabalhando nesse lugar, com tanto amor e dedicação, ela conseguiu recursos para construir sua casa e ainda sonha em construir o segundo andar. AMP me presenteou com uma deliciosa visita para conhecer sua casa. O percurso da Casa Das Artes até a sua residência foi bordado com belas histórias sobre a paixão que ela tem por Barra Longa. Deparei-me com uma casa simples e humilde, cuja porta principal da ampla sala dá direto para a rua. Essa sala é toda decorada com quadros pintados por ela, inclusive retratando a vista que tem da porta de sua casa, de onde se pode contemplar os coqueiros que margeiam o rio que foi coberto com lama. São diversos quadros bordados em tecidos e colocados em molduras, inclusive a foto das crianças que ela cuidou, fotos de sua família e uma máquina de costura antiga, que ganhou de sua mãe. Num canto da sala, de forma despretensiosa, estava o tecido que ela bordou para a exposição do Ronaldo Fraga e a bolsa que fez, bordando o desastre da barragem de fundão. Esse material, cuja iniciativa de criação partiu de uma *design* que foi até Barra Longa para a oferta de um curso para as bordadeiras, já havia sido tema de uma de nossas conversas.

Veio uma design dar um curso pra gente, ensinar até a fazer essas bolsas que a gente aprendeu. A gente bordou, ela já trouxe alguma coisa. Eu tenho uma bolsa lá em casa. Mas aqui não tem, as últimas que nós deixamos aqui na "Casa das Artes", nós levamos pra Expominas, não voltou nenhuma, eu tive que esconder a minha porque queriam levar também, mas a minha não vai não! (AMP).

Na mesa, um arranjo de flores que AMP fez com jornal e tapetes tecidos por ela. Nas mãos e no olhar dessa artista, um simples galho de árvore que ela encontrou na rua simboliza, para ela, a figura de uma centopeia, que também decora sua sala. Cada objeto que pude contemplar ali tem histórias e significados. Os dotes dela se estendem inclusive para a culinária. Antes de ir embora, pude saborear uma deliciosa geleia e licor de jabuticaba, biscoitos e iogurte, tudo feito pelas mesmas mãos que bordam de forma tão maravilhosa.

O tecer da vida, para que seja um trabalho bonito, não requer linhas de ouro, bordados com pedras preciosas, diamantes e outras riquezas aplicadas em tecidos de linho. O bonito da vida está na simplicidade de ser e na alegria do olhar que me recebeu com tanto carinho, ainda que para contar sua história de muitas dores e também de grandes conquistas. A AMP parece viver a experiência do fruir a vida, essa

maravilha da existência. Experimenta a vida como um dom (KRENAK, 2020) e a sua casa retrata as tessituras de suas histórias.

Voltei para casa abastecida, como se o tecer da vida de AMP reavivasse o tecer da minha própria vida. Devolveu-me o sentido do real significado de ser humana, bem como a importância e a riqueza de valorizar cada detalhe de nosso cotidiano, para levar-nos a reflexões cada vez mais profundas do verdadeiro significado de viver.

Figura 12 - Interior da casa de AMP



Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia da autora.

Figura 13 - Vista da porta da casa de AMP



Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia da autora.

Figura 14 - Vista da rua da casa de AMP



Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia da autora.

Figura 15 - Quadro pintado por AMP – Vista de sua casa



Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia da autora.

Figura 16 - Bolsa bordada por AMP



Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia da autora.

A vida de AMP devolve-nos uma sensação anterior ao mundo moderno, que nos cortou em partes, nos colonizou e trouxe a produção em escalas. A produção da vida dela é integral, o trabalho, a vida afetiva, e tudo o que a compõem não se separam e nos apontam o bem viver.

O Bem Viver, enquanto uma nova forma de organização da sociedade, implica a expansão das potencialidades individuais e coletivas – que devem ser descobertas e fomentadas. Não há que desenvolver a pessoa: é a pessoa que deve desenvolver-se. Para tanto, como condição fundamental, qualquer pessoa tem de possuir as mesmas possibilidades de escolha, ainda que não tenha os mesmos meios. Estes, aliás, não poderão estar concentrados em poucas mãos. A pessoa tem de fortalecer suas capacidades para viver em comunidade e em harmonia social, como parte da Natureza (ACOSTA, 2016, p. 201).

Alberto Acosta (2016) reforça ainda que iniciativas na procura de viver bem tendem a construir outros sentidos históricos que, por consequência, trazem atitudes de níveis de vida mais dignos, muitas vezes distantes de uma satisfação materialista e consumista.

O que está em jogo não é simplesmente uma crescente e permanente produção de bens materiais, mas a satisfação das necessidades dos seres humanos, vivendo em harmonia com a Natureza. O Bem Viver, no entanto, possui uma transcendência maior do que apenas a satisfação de necessidades e o acesso a serviços e bens materiais (ACOSTA, 2016, p. 200).

De alguma forma, a organização cotidiana de AMP se conecta com algumas ideias do bem viver. Dentro de suas possibilidades, mesmo que simples e sem muitas oportunidades, ela buscou construir uma vida com sentido e em harmonia com seu entorno. Percorrer, tanto o trajeto da Casa das Artes até chegar a sua casa assim como os espaços da sua casa, demonstrou que, ao mesmo tempo em que ela se apropria das ruas, paisagens, vizinhanças, da sua casa e de todos os objetos lá dispostos, ela também é apropriada pelo lugar. O lugar e ela se pertencem. Assim, cada espaço da cidade e de sua casa tem histórias significativas para narrar, pois mostram a expansão de suas potencialidades e uma história de vida que não foi entrecortada pela cronologia do tempo urbano, com horários diferenciados para cada atividade. As atividades do bordado, do cozinhar, do cuidar, tudo se inter-relaciona. Trabalho, lazer, casa, rua não são cindidos e não têm limites tão precisos.

Experiências com bordados, desde a infância, marcaram e definiram trajetórias de vida não só de AMP. Relatos de IFL demonstram que sua trajetória como bordadeira se iniciou na infância, irmãs mais velhas aprendiam com a mãe e ensinavam as mais novas, formando um ciclo do bordado.

Nove anos, fui bordando, depois casei, vim pra Barra Longa, comecei a trabalhar bordando pros outros. Minha mãe bordava, mas a filharada não deixava. Nós somos sete, então, eu sou a mais velha. Aí não tinha como, né? Ela ser dona de casa e mãe de uma família grande.... Aí eu comecei a bordar em Barra longa e falei: “vou começar a trabalhar comigo mesmo”. Bordava uma toalha de mesa pra casa, nós era quatro mulheres. Minha mãe nunca deixou vender nada. As irmãs mais velhas ensinava as mais novas. Minha mãe me ensinou, pra mim ensinar minhas irmãs. Então, elas moram no Dom Silvério. Bordam e faz crochê muito bem! (IFL).

Algumas historicidades contadas pelas meninas vieram delinear contextos de vidas simples e o real valor do bordado para a decoração das casas, simbolizando graça e dando beleza a esses lares.

Minha mãe não era bordadeira, a minha mãe era lavradora. Ela trabalhou na roça pra cuidar da gente, só que umas pessoas tinham o hábito de ter as coisas, mas todo mundo sabia bordar. Por que cada uma bordava as coisas de sua casa. Minha mãe fazia vestidinhos bordados pra mim. Eu tinha vários vestidinhos bordados (AMP).

A minha casa era uma casinha de sapé, casinha de taipa, mas eu lembro de uma prateleira de madeira, feita pelo carpinteiro que morava lá na nossa comunidade, por sinal era meu tio avô, ele fazia todas as coisas de madeira pro povo lá da comunidade. Ela tinha aquela prateleirinha assim, bonitinha, com armação e as tábuas formando as prateleiras e, naquelas prateleiras, minha mãe não punha as vasilhinhas na tábua pura, era com paninho branco, de saco, sacaria, mas já era tudo bordado com bainha, tudo

bonitinho. E eu, desde que eu me lembro de mim, eu via aquilo ali, tudo bonitinho, tudo bordadinho. E punha as panelinhas, as coisinhas assim, em cima daquela prateleira, mas assim, toda semana ela trocava aqueles paninhos, aí enfeitava o varal com os paninhos bordados e punha outros diferentes lá, mas sempre assim, que eu me lembro eram todos de saco, de saco branco, tudo bordado (AMP).

Os relatos acima nos deslocam à época em que paninhos bordados promoviam uma experiência estética nas casas, mesmo as mais simples tinham toalhas de renda bordadas, paninhos nas prateleiras, nas mesas e nos móveis, produzidos pelas mulheres que moravam na casa. Essas peças, como nos diz Malta (2015, p.1), “[...] amparavam formas de comportamento, participavam na construção de identidades e gênero, auxiliavam a desenvolver um tipo de percepção visual, um gosto pelos detalhes e ornamentos”. Ornamentos e detalhes produzidos pelas próprias mãos femininas de quem na casa habitava.

É porque minha família toda, minha avó, minhas tias, minha mãe, eu fui criada nisso. O bordado sempre serviu para mim para tudo. Porque eu fui criada na família de costureira, minha avó também, então, todo mundo mexia com isso, então, eu tomei amor por isso. E tanto é que eu formei professora, sempre bordando e estudando, comecei a lecionar e eu não quis isso. Eu vi que minha profissão mesmo era largar a sala de aula e continuar com o meu bordado. Eu cheguei dar aula um mês. Eu sempre gostei de ter esse amor pelo bordado, eu me sentia bem (DFFB).

O exemplo das mães como bordadeiras também é motivo de muito orgulho e o que se obtêm dessa herança é a “perfeição”, dita por elas, dos bordados feitos pelas matriarcas. Chamam nossa atenção para os detalhes dos acabamentos e, no caso da RBFF, isso fica evidente quando ela me leva ao seu quarto para mostrar todas as peças bordadas pela mãe, deixadas como recordação. Essas peças são usadas apenas em ocasiões muito especiais, como o Natal e aniversários da família.

Minha mãe fazia matiz muito bem, bordava ponto cheio muito bem. Em Ponte Nova, ela fazia muito bordado pra fora, uma minha irmã que eu perdi ela nova, tinha as mãos.... Nem se comparavam com as minhas. A gente ficava em casa com a mamãe, bordando (RBFF).

Sabe aqueles bordados que estão ali na parede, dá uma chegadoinha lá pra você ver aquele quadro na parede. Tem o nome da minha mãe, também chamava Raimunda tá, aquele quadro foi minha mãe que bordou, minha mãe já faleceu. Tem a data e tudo no quadro ali e o nome dela. Eu tenho um quadro também lá em cima muito bonito que foi ela que bordou (RBFF).

Os trabalhos que RBFF me mostrou em seu quarto, a meu ver, são realmente dignos de receberem o título de perfeição. Arte com perfeição, assim são essas mulheres - avós, mães, filhas, tias, professoras, donas de casa e meninas - que buscam evidenciar, em suas criações, uma lógica de identidade, uma reflexão desejada de superação das concepções de que o bordado não é arte.

Figura 17 - Quadros da mãe de RBFF



Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia da autora (2020).

Figura 18 - Colcha e toalha de mesa deixados como herança pela mãe de RBFF



Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia da autora (2020).

Assim podemos dizer que, com uma predominância feminina, o bordado ora tem sentido de hereditariedade, ora de trabalho e renda e também de lazer.

5.2 Meu lazer é meu bordado

Nossa Carta Magna, de 1988, trouxe reflexões políticas sobre o fortalecimento de segmentos destituídos de condições objetivas de enfrentamento com igualdade de direitos, dentre elas, estão o acesso ao lazer.

Partindo da perspectiva de que a cidadania pode encontrar um campo fértil, quando incluir o lazer como projeto de vida, uma vez que pode se constituir em processo educativo crítico e criativo na vida das pessoas, conclui-se que muitas comunidades ainda permanecem distantes de seus direitos constitucionais (SAMPAIO *et al.*, 2011).

O Lazer, por sua inserção na amplitude da dimensão cultural própria das sociedades humanas, pode propiciar tanto o descanso, quanto o divertimento, como o desenvolvimento individual e social, empoderando as pessoas para tecerem contra símbolos culturais e não apenas tornarem-se consumidores, como se este fosse mais uma mercadoria. (SAMPAIO *et al.*, 2011, p. 19).

Consideradas como uma dimensão fundamental da vida humana, as atividades de lazer compreendem conteúdos culturais, manuais, artísticos e sociais, dentre outros. Nesse sentido, o bordado se enquadra e, para “as meninas”, é considerado lazer.

Pra mim bordar é lazer, porque eu fico o tempo todo bordando. Sinto bem quando estou bordando (LGR).

É um lazer, na verdade é uma coisa que me faz sentir bem, sentir feliz, porque, na verdade, eu sou uma boba alegre, eu mesma bordo, eu mesma acho bonito, eu mesma fico encantada com o que eu faço, é uma paixão mesmo (AMP).

Em seu caráter subjetivo, o lazer permite experiências e práticas culturais diversas, ao seu modo, no seu tempo e espaço, mas também no espaço do outro e de outros modos. A vivência do lazer como atividade manual, intelectual, artística, social, físico-esportiva, turística e virtual, na qualidade estimuladora da crítica e da criatividade, no sentido de construir valores fundamentais para a autonomia dos sujeitos nele envolvidos, coloca em evidência a sustentabilidade do ecossistema e suas interdependências multiformes (SAMPAIO *et al.*, 2011).

Lazer? O meu lazer é meu trabalho, gosto demais do que faço. Então, não tenho outro lazer, porque eu fico bordando, né? (LGR).

O bordado é o meu lazer. A única coisa que eu queria que tivesse aqui em Barra Longa é, assim, se eu pudesse ter mesmo, é um lugarzinho pra mim vender meus bordados. Abrir uma lojinha, porque tá difícil mesmo. A Casa das Artes não me atende para isso (SRC).

Sim, bordo por lazer. O bordado é tudo, né? Dá, como fala, pra tirar o estresse, alivia um pouco da cabeça da gente (SCR).

Social e historicamente situado, o lazer pode ou não depender de condições materiais, porém se torna imutável quando se faz uma correlação entre o sujeito e a cultura, colocando-o num espaço privilegiado para que a experiência de lazer seja vivida em sua plenitude pelo sujeito (PESSOA, 2020).

As bordadeiras afirmam que o bordado é lazer e é trabalho. A origem, no latim, da palavra trabalho - *tripalium* ou *tripalus* - sugere ferramentas de três paus utilizadas na imobilização de cavalos e bois para serem ferrados e também como instrumentos de tortura de escravos. Essas derivações indicam aflições, fardos, dor, fadiga e, até mesmo, castigo, sendo que este último associa o trabalho a uma passagem bíblica do livro de Gênesis,²⁶ apresentando-o em oposição ao lazer (SILVA; MORENO; VERALDO, 2017).

Dito isso e contrariando as diversas facetas relacionadas ao trabalho, as bordadeiras, se referindo ao fato de trabalharem com bordados, afirmam que não conseguem viver sem bordar, em uma ação quase simbiótica entre bordado, trabalho e lazer.

Identificar a tessitura do bordado, do trabalho e do lazer nos modos de viver das bordadeiras nos faz refletir que o conceito dicotômico de Dumazedier (1976), entre tempo de trabalho e tempo de lazer não faz sentido algum, assim como considerar o trabalho como tortura. Essa compreensão dicotomizada do lazer foi constituída em contextos urbanos e aponta para uma lógica evolutiva e linear, que torna invisível o lazer em determinados contextos (GOMES, 2014), incluso aqui o lazer das bordadeiras de Barra Longa.

Essa compreensão dumazediana do lazer negligencia a questão da territorialidade e enfatiza o tempo, como se fossem momentos e situações estanques (COSTA; SOARES; DEBORTOLI, 2016). A relação entre bordado, trabalho e lazer

²⁶ Com o suor do teu rosto comerás o teu pão, até que voltes ao solo, pois da terra foste formado; porque tu és pó e ao pó da terra retornarás! Gênesis 3:19.

está bastante imbricada, pois se estabelece entre práticas sociais cotidianas vividas pelas bordadeiras com fronteiras imperceptíveis.

O bordado é lazer e trabalho, numa simbiose visceral, onde, para elas, é quase impossível viver sem bordar. No cotidiano do indivíduo, trabalho e lazer se entremeiam e trabalho e tempo subjetivo são difíceis de serem separados, devido a suas relações naturais. Percebe-se que onde a sociedade não sofreu interferências significativas da hegemonia industrial, a relação do lúdico com o criativo, hoje associado ao lazer, se faz presente também em atividades laborais, totalmente fora do modelo de produção industrial (AQUINO; MARTINS, 2007, p. 485).

Eu não sei se eu posso chamar de lazer, né gente, porque eu sempre peguei isso como profissão, mas eu acho que transforma num lazer para mim, porque eu gosto tanto, é tanta vontade de fazer, eu tenho tanto amor, e também dedicação, eu não canso. Para mim, é lazer e profissão mesmo (DFFB).

Lazer eu não tenho não. Às vezes, eu faço uma caminhada, mas muito difícil. Aí eu fico assim: Ah não, eu vou pegar no meu bordado sabe, vou pegar no meu bordado! Eu prefiro ficar com bordado, eu sinto bem demais no bordado, sabe? Então, pra mim, bordado é muito bom mesmo! Considero o bordado um lazer e trabalho (RBFF).

Então, eu acho que faz falta pra mim, tanto pra ganhar o dinheiro, como também eu gosto demais. Sabe o que é você ter amor naquilo? Denise até fala comigo assim: - "Para um pouco, mãe"! – Eu não consigo, menina! Eu tô na televisão bordando, eu só paro pra rezar o terço. Eu acabei de rezar o terço, eu tô no bordado. Tem dia de eu ficar até nove, dez horas da noite. É lazer porque tenho amor. Tudo o que eu faço, graças à Deus, eu amo (RBFF).

O lazer e o trabalho com o bordado se entrelaçam e passam a fazer parte da vida de DFFB, desde a infância, sendo também considerados por ela como uma terapia.

Eu vou te falar, sempre fui criada tanto, trabalhando! (Com bordado) Falar com você de lazer, é igual uma terapia o bordado (DFFB).

Ela traz outra relação fronteira entre trabalho, bordado e lazer, que é a terapia. Esse quarto elemento amplia ainda mais o conceito do lazer e faz emergir complexidades, contradições e ambiguidades do lazer, sobretudo em contextos minoritários (COSTA, SOARES, DEBORTOLI, 2016).

É importante entender a necessidade de ampliação e diversificação das possibilidades de lazeres, no sentido de contemplar experiências lúdicas nas diversas manifestações culturais e na vida social. Os lazeres vividos possuem significados e

uma riqueza própria, com complexidades que precisam ser problematizadas. As experiências de lazer, como práticas sociais, não sujeitas apenas ao tempo livre ou ao vazio do não trabalho, trazem consigo o desfrute da vida, uma maior compreensão do mundo ao seu redor e um enorme potencial de mediação cultural (GOMES; DEBORTOLI; SILVA, 2019). O bordado, como uma prática tradicional, é também considerado lazer para MCP. Desde a época de sua avó, o bordado intermediava relações familiares e com a vizinhança e provocava momentos de encontros aos finais de semana.

Na época da minha avó bordar era lazer, porque não existia, ninguém comprava né, ninguém fazia nada assim pra vender não! Então eu aprendi fazendo as coisas em casa. Eu tinha uma vizinha que fazia muito crivo, ela vivia só de bordar crivo pra esse pessoal de fora. Aí me chamou pra mim ajudar ela. Ela fazia, desfiava, fazia o desenho e o resto era comigo. Casear, fazia os pauzinhos, entregava ela toalha toda caseada, toda pronta. Fim de semana não tinha nada pra fazer e ia fazer (Bordar). Eu ia aprendendo fazer bainha, fazer é matiz, fazer tudo. Toalha, colcha, meia de criança, touca de criança sabe, com linha fina (MCP).

Algumas bordadeiras consideram outras atividades, como viajar, passear na pracinha, ir à uma pizzaria e até mesmo o acesso às redes sociais, como opções de lazer.

Lazer pra mim é sair, conversar com as pessoas. Agora, a gente nem vai na praça mais. Meu lazer agora é caminhada de manhã, porque a gente não vai na praça (MCP).

Eu tenho esses negócio de Spotify, de aplicativo. Agora, pra melhorar mais a minha cabeça ainda, está nesses aplicativos, não sei se você já ouviu falar, Tic toc, esses aplicativos que as pessoas entram lá, reunir assim pra distrair a cabeça, pra ter mais amizade com as pessoas de fora (SRC).

O rompimento da barragem interrompeu o lazer cotidiano praticado pelas bordadeiras, como ir à praça e aos barzinhos e fazer caminhadas. Esses lazeres estão sendo retomados de forma gradual. O bordado e as viagens para cidades próximas à Barra Longa são algumas opções de lazer vivenciadas por elas.

Eu morava na praça. Eu ficava lá na praça vendo meu menino brincar, fazia uma caminhada ali na praça, ia no barzinho que tinha próximo nosso ali na praça. Mas depois acabou isso tudo, basicamente aqui em Barra Longa. Hoje é que pode-se dizer que tá voltando as atividades que tinha antes, devagarinho, bem devagar. Gosto! Gosto de bordar. Bordar é lazer porque pra mim é uma forma de distrair, passar o tempo. Gosto de sair com minha família para outra cidade também. Eu vou ali pra Ouro Preto, vou em Mariana,

viajar, passear, sair um dia. Porque aqui dentro de Barra Longa mesmo tinha até outros tipos de lazer, a gente ia em barzinho, essas coisas, mais depois da lama... (ATLV).

O lazer e a vida cotidiana das “meninas” foram alterados após o rompimento da barragem, trazendo desilusão, modos de circulação diferentes do que estavam habituadas e, para MCP, o bordado foi uma fonte de distração e prazer em meio ao desastre.

Depois da lama, o povo ficou meio desiludido, não sai de casa mais, parece um toque de recolher. Antes do rompimento, tudo que tinha a gente ia, né! Tinha, por exemplo assim, um baile, a gente ia, uma pizzaria, agora não tem nada pra ir não, a cidade parou (MCP).

O desastre mexeu sim comigo, porque deixei de ganhar um dinheiro a mais, né? Então, a gente fracassou no dinheiro, mas o prazer continua. Eu bordando as coisas pra minha casa, pra minha irmã, sabe? Como distração. E não pode abaixar a cabeça, porque se abaixar, a gente vai junto com a lama, né? (MCP).

Assim como um bordado que não deu certo, precisa ser desmanchado e reiniciado desde o primeiro ponto, a vida e o seu cotidiano, quebrados pela tragédia, podem ser retomados utilizando esse mesmo bordado como potencial de ressignificação. Acredito que, com o bordado, na busca de manter a cabeça e o corpo erguidos em meio a tanta lama, é possível recomeçar, superar perdas e encontrar novos prazeres na vida.

5.2.1 Mulheres bordadeiras e a desvalorização do trabalho feminino

Considerado como um importante elemento promotor da vida, da subsistência, da felicidade, no tocante ao desenvolvimento humano, o trabalho é também um fator determinante no processo de saúde-doença de indivíduos e da coletividade, pois pode gerar adoecimento, fadiga física, acidentes laborais e sofrimentos físicos e mentais. (PINHEIRO *et al.*, 2019). Ao traçar um histórico sobre trabalho, Silva, Moreno e Veraldo (2017) afirmam que, antes da Revolução Industrial, grande parte dos trabalhadores possuía suas próprias terras, seus meios de produção e seu artesanato. Porém, as indústrias concorriam com o artesanato por oferecerem produtos mais baratos e, com isso, os manufactureiros se transformavam em operários. Com a Revolução Industrial, camponeses migraram para as cidades, submetendo-se a

condições de trabalho totalmente insalubres. Homens, mulheres e crianças trabalhavam à exaustão.

Nesse processo de mecanização do trabalho, o produtor perdeu o direito de propriedade do pensar e do projetar de sua obra ou produto, comprometendo, assim, a afetividade e o sentido de sua tarefa na produção. Isso colocou à margem, ou se preferir, à borda, os processos de criação, que se tornaram alienação (SILVA; MORENO; VERALDO, 2017).

Importa levar em consideração a esfera sociocultural para levantar questões referentes ao trabalho e às mulheres. No séc. XIX, o trabalho mais prolongado era o das mulheres, devido ao caráter de revezamento de seus afazeres domésticos, situação essa pouco diferente do que se vê nos dias de hoje, ou seja, não houve abandono das convenções sociais do período pré-industrial (SILVA; MORENO; VERALDO, 2017, p. 57). DFFB e RBFF fazem menção às jornadas exaustivas dos processos de trabalho.

Eu casei, eu já tinha meu dinheirinho, eu queria crescer na vida, queria estudar meus filhos, adquirir minhas coisas, e aí eu fui com meus bordados. Era até as madrugadas, eu vou falar para vocês que era até às 4 horas da manhã, 3:30 da manhã. A gente secava bordado no micro-ondas, porque não dava conta do varal, tinha que entregar as encomendas! Você podia chegar assim: - “Quero encomenda segunda-feira”. Aí eu falava “eu não posso dispensar aquilo. Que eu vire a noite, mas eu vou entregar essa encomenda”, entendeu? Eu estudei meus filhos, adquiri coisas que eu tenho, tudo através de bordado (DFFB).

Depois de um certo tempo, eu fiquei com restaurante e com bordado, mas era uma loucura, onde é essa padaria aqui fora, era o meu restaurante, sabe? Então, nossa senhora, a gente trabalhava praticamente dia e noite. Eu fiquei 23 anos assim, porque eu fiquei viúva muito nova. Eu fiquei viúva com 35 anos. Então, eu trabalhava, mas eu trabalhava demais. Eu queria construir essa casa sabe, porque era uma casa muito velha, muito antiga, caindo aos pedaços. Aí eu não sabia se eu mexia com bordado, se eu fazia salgado, se eu dava comida... Era aquela loucura minha e de Denise (filha). Denise vendia bordado para Ouro Preto, Mariana, Itabirito, Belo Horizonte (RBFF).

O contexto vivido atualmente, não só pelas bordadeiras de Barra Longa, mas pela classe feminina em geral, pouco se difere das condições das mulheres do séc. XIX. O que se observa, desde esse período, é um acúmulo de trabalho, com jornadas duplas e exaustivas, devido às dificuldades dessas mulheres em compartilhar as responsabilidades da vida doméstica, sendo elas as principais responsáveis por esses afazeres.

Minha mãe precisava, então a gente ajudava, ela queria comprar um apartamento. Meu pai ganhava muito pouco, né? Então, a gente ajudava muito minha mãe. Depois, as coisas foram melhorando, mais foi muito duro, sabe? Aí eu aprendi a trabalhar muito, a gente cozinhava, a gente bordava, e logo eu casei e vim aqui pra Barra Longa (RBFF).

Desde de 12 anos que eu trabalho com bordado. Aí eu fiz muita meia pra criança, fiz muita colcha, ganhava dinheiro pra ajudar em casa. Eu mesma ia e comprava as coisas que tinha necessidade (MCP).

É uma fonte de trabalho, porque eu dependo do bordado pra mim pagar minhas contas. Eu e minha mãe vivemos do bordado. Minhas irmãs não vivem de bordado (LGR).

O bordado vem como complemento de renda. Vendia alguma coisinha, mas só em casa, fazia mais bordado pra mim e tal... Após eu ter aposentado, antes do rompimento da barragem, eu já comecei, já bordava, já vendia, já ganhava alguma coisinha, mesmo que fosse bem pouquinho e de vez em quando. Aí eu tive tempo pra me dedicar ao bordado (AMP).

Minha mãe já tirou ouro, mas distração era só essas costuras mesmo. Fim de semana não tinha nada pra fazer e ia fazer (MCP).

Paralelo às necessidades de complementação de renda em casa, desde criança, as mulheres oitocentistas eram incentivadas ao manejo de agulhas e linhas, mesmo que algumas tivessem outros dons, como música, pintura e culinária. Eram condicionadas, primeiramente, aos ofícios de costura, importante para uma boa moça de família que, posteriormente, iria se tornar esposa. O ideal da mulher do séc. XIX era tocar, cantar, pintar, ler, limpar a casa e estar, boa parte do tempo, com uma agulha na mão, fazendo concertos de peças de roupas ou criando peças novas (MALTA, 2015).

O uso do bordado e sua propagação como um fazer essencialmente feminino e domesticado acompanha as mulheres em seus vários contextos. O bordado, pelo fato de ser uma prática feminina, teve sua identidade genderizada,²⁷ o que o impossibilitou de ser compreendido como uma técnica artística (PADILHA, 2018, p. 3).

Atualmente, apesar do avanço das mulheres em alcançar novos espaços e assumir outras atividades no mercado de trabalho, há muito o que conquistar em termos de direitos sociais e reconhecimento. Tão comum como a desvalorização do trabalho feminino, para a maioria da sociedade, é a desvalorização da arte do bordar. Urge superar a ideia de que o trabalho feito com agulha seja insignificante, os afazeres de uma mulher nunca acabam. Mãos calejadas de trabalhadoras braçais, num efeito

²⁷ Genderizada vem do inglês "gender". No discurso feminista anglo-americano, o termo 'gender' vem sendo usado para designar o significado social, cultural e psicológico imposto sobre a identidade sexual biológica da mulher (GEHA, 2011).

visualmente incômodo, representando o trabalho duro e mal remunerado de tantas mulheres em ocupações como faxina, cozinha e cuidados com crianças, estão em intenso contraste com a delicadeza do bordado, numa dicotomia entre beleza e dor, delicadeza e força, maleabilidade e dureza (MALTA, 2015).

O bordado? Eu acho que é uma profissão muito bonita, né? (SRC).

Comecei a bordar e dou muito valor, porque quem trabalha dá valor pelo que faz. Gosto demais do meu trabalho, eu costumo brincar, eu faço aquilo que gosto e aquilo que amo. O que eu não gosto, eu não faço mesmo. E rodo o mundo pra feira. Tem dezessete anos que eu faço feira (IFL).

Por isso que eu tô te falando: quem quer vencer na vida, eu não acho nada impossível, porque eu venci com agulha, né, mãe? Comprei sítio, comprei apartamento, tudo com bordado (DFFB).

Porém, é importante destacar que as bordadeiras conhecem o seu valor, pois fazem questão de, ao finalizarem seus trabalhos, deixarem suas assinaturas registradas, tanto nominalmente quanto no cuidado com verso do bordado. As mulheres artistas bordadeiras não possuem o reconhecimento de sua arte como sendo de caráter intelectual, importa utilizar frente e verso para resgatar a autoestima e revelar um empoderamento como bordadeira, profissional artesã e, por que não, artista (SOUSA, 2019). Onde nasce um bordado, nasce com ele a beleza estética, a graça e a certeza de um saber milenar que não se dissolveu na lama, mas sobrevive à memórias e tramas de mulheres que buscam ter visibilidade.

Assumir o verso como a frente propõe uma nova configuração do que já não necessita mais ser ocultado, que já não pertence mais ao esquecimento, mas sim é reconhecido como um trabalhoso trajeto já percorrido que, apesar dos nós, cortes, costuras e suturas resiste e tem sua própria poética. As várias faces do bordado que, antes de transbordar para espaços híbridos do feminino, do artesanato, da moda, da cultura popular, e ser cercado por bordas que ditaram o pertencer da sua prática através da história é – essencialmente – arte (PADILHA, 2018, p.12).

Algumas bordadeiras que utilizam essa arte como fonte principal de renda relataram que, após o rompimento da barragem, devido à dificuldade de transitar na cidade, diminuíram muito as vendas de seus bordados e, agora, a chegada da pandemia de covid-19²⁸ agravou ainda mais a situação financeira, levando-as a

²⁸ A Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a chamar oficialmente a doença causada pelo novo coronavírus de covid-19. Covid diz respeito ao Corona Vírus Disease (doença do corona vírus), enquanto 19 se refere a 2019, quando os primeiros casos em Wuhan, na China, foram divulgados publicamente pelo governo chinês, no final de dezembro. A denominação é importante para evitar casos de xenofobia e preconceito, além de confusões com outras doenças. (FIOCRUZ, 2020).

viverem com menos recursos financeiros. Inclusive, algumas relatam estar sobrevivendo apenas do auxílio emergencial²⁹ pago pelo governo.

Porque não vinha gente mais aqui em Barra Longa, porque não tinha ônibus. Como é que eu saía para vender meus bordados, com que cabeça que eu saía? A lama... A casa ficava só com pó, gente! Eu passava pano na casa inteira. Você não via o sinteco, cê riscava assim ó... era pó a cidade toda, era aquela posada. Vocês não vieram aqui não, né? (DFFB).

Estou conseguindo sobreviver hoje por causa desse auxílio que saiu. Engraçado, eu acho que se acabar o auxílio emergencial, que diz que vai acabar em dezembro, né? Aí vai ser difícil, eu tô aflita. Eu tenho jogo de toalha, tenho virol, pano de prato, tudo parado (SRC).

Agora eu tenho meus bordados que fica tudo guardado, tudo empacotado lá na casa da minha irmã. Tá tudo guardado, mas é pra vender, só que tá difícil vender as coisas, nessa crise que tá tendo (SRC).

O desenrolar dos fatos, após o rompimento da barragem de Fundão, e a chegada da pandemia potencializaram as dificuldades de obtenção de renda através do bordado, de modo que muitos trabalhos estão encaixotados, aguardando oportunidade de serem colocados à venda.

5.3 Dia D: rompimento da barragem de Fundão – Linha do tempo

Quinta-feira, 5 de novembro de 2015, a cidade Barra Longa – MG, com um território de aproximadamente 383.628 km² e uma população estimada em 5.015 habitantes (IBGE, 2020), amanhece rotineiramente e segue seu curso normal interiorano. Enquanto isso... na barragem de Fundão, localizada no subdistrito da vizinha Bento Rodriguez, a 35 Km de Mariana...

Às 14h00 – Primeiro tremor – o funcionário Andrew Oliveira (22 anos) relata que, por volta de meio dia, sentiu tremores e, ao alertar as autoridades para os fatos, recebeu a informação de que aquilo era comum e que ele podia continuar trabalhando normalmente.

²⁹ O Auxílio Emergencial é um benefício financeiro concedido pelo Governo Federal destinado aos trabalhadores informais, microempreendedores individuais (MEI), autônomos e desempregados, e tem por objetivo fornecer proteção emergencial no período de enfrentamento à crise causada pela pandemia do coronavírus (CAIXA, 2021).

Às 15h00 – Rompimento e vistoria – O engenheiro Lopes, da Samarco, relata que o rompimento ocorreu apenas uma hora após a vistoria. Pergunta-se: que vistoria foi essa que não detectou rachaduras?

Às 15h30 – Restou a sorte – A população, sem consciência da tragédia que sofreria, não recebeu nenhum aviso sonoro. Paula Alves, moradora local, assim que soube do rompimento, pegou sua moto e percorreu o vilarejo avisando sobre a lama (CARNEIRO, 2018).

A Barragem de Rejeitos de Fundão se tratava de um depósito de terra construído para reter os sólidos dos efluentes gerados no beneficiamento do minério de ferro, na unidade industrial de Germano, na Samarco. Devido a uma série de fatores, a barragem se rompeu por volta das quatro e meia da tarde, do dia 5 de novembro de 2015. Dentre as causas mais próximas, estão as alterações do projeto, descon siderações de irregularidades denunciadas e registradas em auditorias internas e externas, falhas na construção e na manutenção, além do monitoramento precário do reservatório. (PINHEIRO *et al.*, 2019, p.164).

Além dos boatos e das informações que chegavam por meio de ligações telefônicas realizadas pela comunidade local, a notícia de que houve o rompimento da barragem chegou ao conhecimento de MCP, segundo ela, pelo noticiário da Rede TV, por volta de 17 horas.

Estava na minha casa mesmo. Foi cinco horas da tarde que deu na Rede TV. Tava assistindo Rede TV e falou assim: - “A barragem de Mariana estourou”. Deu a notícia. Aí, o pessoal falou: - “Mas não vai chegar aqui não, não vai chegar aqui não”! Meu irmão falou assim: - “Lama é muito forte, onde ela bate, ela sai arrastando tudo”. Quando foi de noite, ele falou assim: - “Eu não vou dormir”, eu vou lá pra praça, porque se precisar de ajuda, a gente tá lá pra ajudar”. Ele saiu, eu falei: - “Uai, eu também não vou dormir, né?” Eu durmo na parte de cima e ele dorme na parte de baixo. Desci e fiquei na janela que dá pra rua (MCP).

A partir daí, ocorreu uma sucessão de desastres. Nesse contexto, a palavra desastre não se restringe única e exclusivamente ao rompimento, mas engloba uma série de eventos posteriores, eventos que se mostram resistentes ao tempo e ao espaço, com efeitos negativos e devastadores. A ausência de informações foi fator determinante para que se instaurasse o caos.

Foi no dia 5 de novembro de 2015. Eu tenho um sobrinho que mora em Ouro Preto, ele ligou pra mim e falou... era umas quatro e meia da tarde, quase cinco horas, ele ligou pra mim e falou assim: - “Tia, aconteceu uma tragédia”, sabe? Aí eu falei assim: - “O quê que é isso Gilberto”! Ele explicou o quê que era. Aí eu comecei a falar pro pessoal daqui. O pessoal daqui ligando pra

Ouro Preto, ligando pra Mariana, pros amigos, mas ninguém informava direito. Nem a polícia, nem acho que os próprios funcionários, ninguém falava direito que tamanho que era. Eu acho que nem eles mesmo sabiam de ser do jeito que foi. Aí eu não sabia se ia lá pra pracinha, se eu voltava pra aqui, mas tava me preocupando. E todo mundo na cidade meio desorientado, mas não acreditando que ia ser do jeito que foi. Quando chegou aqui no Gesteira,³⁰ vocês já viram falar Gesteira? Quando chegou no Gesteira, eu acho que era umas onze horas, isso eu não vou afirmar muito não, porque eu não tenho muita certeza, mas eu acho que era uma onze horas, meia noite mais ou menos. O pessoal de lá também já tava esperando (RBFF).

Que ninguém acreditava! Isso foi muito rápido, muita gente falando que não vinha, o sobrinho de mãe que mora em Ouro Preto ligou para gente era cinco e pouca, e que tinha soltado um negócio lá e que achava que vinha para cá. Ninguém acreditou porque depois o moço da Defesa Civil correu atrás falando assim: - “Não, não tem nada”. Mas só que nós não dormimos, né? Todo mundo dormindo... nós que ficamos a noite inteira acordado pra sair depressa de dentro de casa. Ninguém acreditava, foi uma coisa que ninguém nunca viu, né? Não podia imaginar (DFFB).

De ocorrência não natural, possivelmente, este e muitos outros desastres envolvendo rompimentos de barragens poderiam ser evitados, caso medidas de prevenção mais rígidas e eficazes fossem tomadas. Percebe-se, também, que a situação foi agravada, no caso de Fundão, pela falta de informações precisas e corretas da Samarco às autoridades competentes da cidade e à população, principalmente no dia do rompimento, visto que a sirene que supostamente existia, e deveria ter tocado para avisar a população, não tocou.

Segundo documento organizado pelo Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), sobre o crime do rompimento da barragem de Fundão, publicado em novembro de 2016, a Samarco fraudou a documentação e ocultou informações para obter autorização dos órgãos ambientais do estado, objetivando manter o funcionamento da barragem.

Segundo a promotoria, existem provas de que a Samarco promoveu alterações significativas na barragem de Fundão, de forma ilegal, sem qualquer licença ou controle, e que a empresa induziu os órgãos ambientais ao erro, apresentando estudos, laudos e relatórios falsos, por omissões gravíssimas, nos procedimentos de licenciamento e fiscalização. Esses crimes refletem uma conduta reiterada da Samarco, de fraude ao licenciamento ambiental, e de operação ilícita de suas atividades. Aponta ainda, a Polícia Federal, que 28% da lama despejada em Fundão em 2014, foi proveniente da Vale e não possuía licença ambiental (MAB, 2016, p.12).

³⁰ Localizado a 18 km de Barra Longa (MG), o distrito de Gesteira Velha foi uma das localidades atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão, em 5 de novembro de 2015. A comunidade que morava às margens do rio Gualaxo do Norte teve sua rotina e modos de vida abalados. Ao todo, vinte famílias, oito residências, um comércio, onze lotes, uma igreja católica, um campo de futebol e uma escola foram atingidos. (FUNDAÇÃO RENOVA, 2020).

A tragédia que despejou por sobre as cidades atingidas uma chuva de lama despertou na sociedade civil a criação de um jornal denominado “A Sirene” e um coletivo chamado “Um Minuto de Sirene” (MENEZES, 2018), com o objetivo de impedir que o ocorrido caia no esquecimento e defender os direitos que estão sendo violados, inclusive os da comunicação.

Seguindo com a linha do tempo, naquele final de tarde do dia 5 de novembro, a população local confiou parcialmente, segundo as bordadeiras, nas informações fornecidas pelas autoridades locais, que afirmavam, através de “fontes seguras”, que a lama não chegaria na cidade de Barra Longa. Porém, alguns moradores desceram até a praça para vigiar o rio. De acordo com elas, se as informações fossem precisas, haveria tempo de retirarem seus pertences, diminuindo, assim, as perdas.

A gente chegava perto dele (o tenente da polícia civil) e perguntava pra ele, e ele dizia: - “Olha, a orientação que eu tenho é de que a lama não vai chegar aqui, veio de cima (da Samarco), veio de lá”. Então, eu vou acreditar no lá, não vou acreditar no disse me disse (ATLV).

Aí a gente desceu pra praça. E, nesse momento, acabou o prazer, cê sabe, né? Ficou aquela tensão, uma pessoa fala uma coisa, outra pessoa fala outra, então, como ele (o tenente da polícia civil) era a autoridade no momento aqui, comandava a cidade, nós não mudamos, aí ninguém mudou (ATLV).

E a gente vigiando o rio subir e tudo. Aí o pessoal chegou perto orientando a orientação que ele (o tenente) teve, e que passou pra mim, meus meninos e meus vizinhos. Porque todo mundo perguntava pra ele (o tenente). Aí o outro policial que tava na ponte, numa ponte que eu não sei onde que é, que rebentou lá em cima, no encontro dos dois rios, ele (o tenente) foi lá atrás desse outro policial, e foi no nosso carro. Quase que a ponte leva a polícia, porque tava de noite, o cara parece que é meio inexperiente, né... e foi o tempo dele (o tenente) chegar e falar assim:- “Sai daí porque a água vai levar você”. Aí eles saíram com a viatura. Na hora que eles saíram, a ponte já desceu e a água já entrou com tudo! Água e lama. Foi assim.... (ATLV).

Nós estávamos todo mundo na praça. Aí todo mundo que mora ali na praça tentou tirar as coisas. Eu levei da minha casa pra casa de cima, algumas coisas, uns pessoal me ajudou, meu marido chegou também, colocamos pra cima, né... imaginando que era água e que era pouca coisa, que não ia dar no que deu. Colocamos tudo em cima dos móveis para ver o que salvava. Mas assim, com cinco minutos, a água, não, a lama, já tava na minha casa, ali na esquina (ALTV).

Foram experiências impactantes e de extrema de tensão. Ao ouvir esses relatos, confesso que fiquei emocionada, pois as bordadeiras contaram, com riqueza de detalhes e, em alguns momentos, até com lágrimas nos olhos, o que se passou nas horas seguintes à chegada da lama.

No dia do rompimento foi uma experiência que, na realidade, eu nem gosto de lembrar. Se eu chorar, vocês num.... tá? Foi uma experiência única, que eu não gostaria que ninguém passasse. Nem meu pior inimigo, claro que eu não tenho, mas vai que uma pessoa não gosta de mim. Porque meu marido no dia tava de folga, aí o pessoal comentando que a barragem tinha arrebentado e tal, a gente tava na casa de uma amiga tomando cerveja e fazendo um rodízio de pizza. Aí a gente até brincou: “Não, não vai chegar aqui não, essa lama (ATLV).

Lama. Mais é de noite, não dava pra ver a dimensão do que é água e do que é lama. Naquele momento, você não sabia o quê que era, porque tava de noite, já era quase três horas da manhã, e vindo muito rápido. Nessa hora que a ponte rebentou, veio tudo, porque a ponte tava represando. E a gente fala que foi mão de Deus, porque não existe rio subiu, ele sempre desce, né? Então, na hora que encontrou ali, o rio de Acaiaca subiu não sei quantos quilômetros pra cima, porque a água foi tão forte... a lama, que ela levou o rio pra cima e desceu. Porque se só desce, a lama tinha vindo bem pra cá, aqui perto da igreja, perto da prefeitura, por ali eu imagino, porque ela veio parar no Hotel Xavier (ATLV).

Quando certa hora que eu tô te falando, que nós olhamos nos bueiros, pois é, nos bueiros a primeira coisa que a gente olha é a água subindo. Enquanto que não sobe nos bueiros, não tem perigo de entrar na pracinha, mas começou a subir nos bueiros, aí num instante entra na pracinha. Que a gente viu aquilo subindo, todo mundo ficava olhando pro rio, mais aí já tinha saído do leito do rio, da caixa, a lama já tinha saído e todo mundo correndo, foi vindo assim ó.... sabe quando você joga uma água no chão, que a água vai escorrendo. Todo mundo correndo, correndo e a lama atrás da gente. Mais foi rápido, não demorou quinze minutos. A lama não pegou ninguém, cê acredita? Só pegou a Margarida. Ela mora na pracinha. Então, ela já saiu da casa dela com a lama no joelho. A gente ficou gritando ela: - “sai, sai, sai”. E ela acabando de colocar as coisas. Quando eu fui pra abrir o portão, que me falaram que tinha que deixar o portão aberto, que eu atravessasse lá e vim correndo pra abrir o portão, quase chegando no portão, a lama joga o portão no chão, e meu filho me gritando, “mãe”, e eu correndo, correndo, sabe? Não demorou quinze minutos, deu um metro e quinze de lama aqui na minha escada. A sorte é que a casa é alta (RBFF).

Figura 19 - Praça Manoel Lino Mol, principal de Barra Longa



Fonte: Fundação Renova (2021).

Figura 20 - Praça tomada pela lama



Fonte: Vale (2016). Foto de Leandro Couri.

Quando perguntei sobre o barulho provocado pelo mar de lama, muitas falaram que parecia o fim do mundo, outras disseram que parecia um trovão ou uma cachoeira. Na verdade, elas não conseguem descrever ao certo com o que o barulho se pareceu, mas de uma coisa não tenho dúvidas, foi marcante para elas, pois, ao falarem, gesticulavam com os braços, querendo indicar uma coisa grande.

O barulho parecia uma cachoeira, mas foi uma coisa que a gente não gosta nem de lembrar, menina, e a lama veio aqui no quinto degrau dessa escada minha (RBFF).

Eu tava na casa da minha irmã, né? De uma hora pra outra, foi de madrugada que aconteceu isso, foi aquele estrondo que bateu na porta ali na pracinha, rebentou a cidade toda. Aí eu fui lá pra casa da minha outra irmã que mora lá em cima. Eu tive que sair às pressas, minha mãe também teve que sair carregada pra casa da minha irmã, a outra irmã (SCR).

Quando chegou aqui embaixo, em Barra Longa, nós calculamos mais ou menos umas três e meia da manhã, que começou a vim aquele barulho, foi um pessoal lá na ponte do Gesteira e vieram igual doido com o celular, mostrando o barulho e que tinha caído a ponte. Ainda não tinha chegado aqui não. Daí uma meia hora, mais ou menos, começou a chegar aqui. A gente tava na pracinha e de noite dava pra ver muito pouco, que a lama é escura, né? Então, a gente começou a ouvir aquele barulhão, aquele barulhão, aquele barulhão, menina! (RBFF).

Não é que quando chegou três horas da manhã, chegou fazendo um barulhão parecendo que tava acabando com o mundo! Nossa senhora! Uma coisa assim.... Sei lá, parecendo que tava arrasando tudo. Porque a lama veio jogando, né, e ali onde ia passando, o bambuzal.... Porque ali tem muito bambuzal, tinha, né? Ainda tem ainda na beira rio (MCP).

O barulho foi infernal, loucura, vimos passar aqueles tubulão, não consigo definir ainda, não dava pra ver direito, via só a lama na praça, tudo inundado. Quando começou a clarear e aquele barulho louco, eu não sei nem te falar que barulho que era, de um avião, para barulho de mar revolto, e batendo e tudo (MAL).

Quando começou a clarear a gente via descendo assim, pé de bambu inteiro, carro rodando na praça, aqueles tubulão da Samarco, de passar mineroduto. Então, assim, foi muito cruel (MAL).

As famílias ficaram impossibilitadas de se prevenirem para o pior, devido, mais uma vez, à falta de informações. Não houve tempo para retirarem seus pertences e aqueles que acreditaram minimamente que a lama chegaria ainda conseguiram salvar alguns itens de suas casas.

Menezes (2018) fala a respeito do que a advogada Ana Cristina Maia, agora integrante do Jornal “Um Minuto de Sirene” e advogada titular do cartório de Registro de Imóveis de Mariana, viveu no dia do desastre. Ela estava presidindo uma reunião, quando foi interrompida pela notícia do rompimento e, a partir de sua experiência com o desastre da barragem, decidiu se tornar integrante-fundadora do referido jornal.

Ela presidia uma reunião do Conselho de Patrimônio da cidade e estava com o celular desligado. Por volta de 17h, todos na reunião começaram a receber mensagens e alguém interrompeu para informar que uma barragem da Samarco havia se rompido. “De repente, todos os *Whatsap*³¹ ficaram loucos. Havia filhos, sobrinhos e amigos desaparecidos, teve gente que já levantou da mesa chorando. Mas ninguém sabia ao certo o que havia acontecido. Ana tentou falar com uma amiga professora e não conseguiu. Também ficou desesperada. Viu na TV que Bento Rodrigues estava completamente coberta. [...] Devido à falta de medidas de segurança e procedimentos em caso de acidentes, a informação sobre o rompimento da barragem aconteceu no boca a boca, porque a sirene (que deveria existir) não tocou. Após a tragédia, a pergunta foi lançada: “Quem foi sua sirene?” Desta angústia coletiva e da vontade de fazer alguma coisa para ajudar, surgiu o coletivo “Um Minuto de Sirene”. (MENEZES, 2018, p.141).

“Quem foi sua sirene?” Dentre tantas perguntas sem respostas, o que restou foi a solidariedade de uns e a descrença de outros. Para alguns, a sirene foi o vizinho, foi um filho, foi um amigo, num verdadeiro boca a boca de incertezas, que talvez não existisse se houvesse o toque de uma única sirene.

³¹ Whatsapp é um software para smartphones utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios, através de uma conexão à *internet*. O Whatsapp foi lançado oficialmente em 2009 pelos veteranos do Yahoo! - uma das maiores empresas americanas de serviços para a internet - Brian Acton e Jan Koum, e funciona com sede em Santa Clara na Califórnia, Estados Unidos. (SIGNIFICADOS, 2020).

Num instante saiu da caixa, antes de sair da caixa do rio, eu falei assim: - Vamos tirar as máquinas, o tanquinho de roupa e os carros que tavam aqui embaixo, dois carros. E meu genro falou assim: - Deixa de falta de paciência, isso não vem aqui não. Eu falei assim: - Tira os carros, porque se não tirar os carros, depois não tem jeito. Aí ele foi e tirou os carros. Tá vendo o portão lá? Passou por lá. E eu deixei o portão fechado e nós fomos pra pracinha pra ver o que dava (RBFF).

O próprio sargento, recém chegado em Barra Longa, tinha três meses que ele tava morando aqui, perdeu tudo, mora lá na pracinha, o rio tava baixinho. Barragem pra gente era água, ninguém imaginava que era o barro que tava vindo não. Não tinha condições, ninguém imaginava nem um terço do que veio não. Quando chegou, não deu tempo pra nada mais (IFL).

Aí passava um e falava assim: - Ah, meus móveis tá lá, minha menina ligou pra mim tirar os móveis da loja, né? - Eu não vou tirar. E ela tá brigando comigo pra mim tirar. Eu ainda comentei... é até uma moça que tem loja ali: - Se eu se fosse você tirava, é preferível os outros rir docê tirar agora, e não perder, do quê ocê perder e chorar depois o prejuízo. Ela foi e tirou (MCP).

O descrédito no fato em si, pela ausência de informações, ocasionou perdas irrecuperáveis. Não houve perdas de vidas em Barra Longa, mas perdas de bens materiais, incluindo bordados deixados como heranças maternas, guardados como relíquias, que foram ali cobertos pela lama. “Suas vidas mudaram da água para a lama.” (FERREIRA, 2018, p. 102).

O sertão vai virar mar
E o mar virando lama
Gosto amargo do Rio Doce
De Regência a Mariana
Quem olha acima, do alto, ou na TV em segundos
Às vezes vê todo mundo, mas não enxerga ninguém
E não enxerga a nobreza de quem tem pouco, mas ama
De quem defende o que ama e valoriza o que tem
(Gabriel O Pensador, 2018).

Para IFL, o valor de seus bordados fica expresso em suas palavras, quando se refere a eles com a afinidade e o apreço de um ente querido posto em risco de morte e que precisa ser socorrido.

Eu estava em casa em torno de 16 horas da tarde. Quando ela (a lama) chegou em Barra Longa, já eram mais de uma hora da madrugada. Falaram de sair, mas ninguém acreditava que ia chegar ao nível que chegou não. E na hora de sair daqui de casa, eu tava socorrendo meus bordados, minhas máquinas, tentando tirar de um lugar e passar pra outro, que não adiantou nada (IFL).

Os relatos de IFL são impressionantes, levando em consideração sua condição de saúde, pois ela sofre de Mal de Parkinson e não deu conta de sair de casa, ficando

presa, ela e seu marido. Então, receberam socorro de alguns rapazes por meio de um barquinho. Ela, toda paralisada, teve que saltar da cobertura, junto com o marido, para dentro do barco para serem resgatados, o que ocasionou a ela uma lesão na perna.

Aí quando nós fomos sair da casa a lama já estava entrando na garagem, que é a parte mais baixa da casa, e nós esquecemos desse detalhe. Que eu fui pra sair, a lama já estava no meu joelho. Eu puxei meu marido e disse: volta comigo que eu não dou conta de sair, eu vou cair na lama e vou embora. Voltamos para a cobertura, todo mundo saiu e nós dois, eu e meu marido, ficamos presos na cobertura e aquele mundo de lama em volta da casa todinha” (IFL).

Aí minhas amigas me ligaram e falaram assim: calma aí que o corpo de bombeiros está chegando pra te tirar. E eu pensava assim: como que o corpo de bombeiros vai nessa lama, nessa altura de lama pra me tirar. Aí três rapazinhos, que eu fiquei devendo a minha vida a eles, conseguiram um barquinho, um barquinho pequeno, e amarraram várias cordas. O pessoal segurando as cordas pra ele não tombar, e foi remando, entrou na garagem que tava aberta, nós pulamos da escada da cobertura no barquinho e saiu com a gente. Quando saímos da garagem, o corpo de bombeiros chegou e eu e ele já tinha saído. Mas foi muita angústia, muita angústia, eu não tinha lágrimas pra chorar mais não. Foi muito triste. Mas sobrevivemos, isso que é importante (IFL).

Das nove “meninas” que entrevistei, apenas duas, AMP e LGR, que moram na parte alta da cidade, afirmam não terem perdido bens materiais, ou seja, foram atingidas indiretamente. Elas consideram que todos os moradores, sem exceção, foram impactados negativamente de alguma forma. De acordo com AMP, “Não escapou ninguém”! Aqueles que não tiveram perdas materiais, sofreram danos psicológicos que se arrastam até os dias de hoje. Sendo assim, se fossem dispensadas a essas pessoas o apoio e a atenção devidos, talvez elas tivessem seus sofrimentos minimizados.

O conceito de sofrimento social permite evidenciar que as aflições vividas por determinados grupos sociais não são resultantes exclusivamente de contingências, infortúnios e acasos, mas consistem em experiências ativamente produzidas e distribuídas no interior da ordem social. No caso em tela, trata-se de um evento crítico cujas raízes sociopolíticas estão associadas à reprodução de conflitos ambientais pretéritos (ZHOURI *et al.*, 2016, p.38).

É importante considerar, ainda, de acordo com Zhouri, *et al.* (2016), que para se ter noção de sofrimento social, é necessário sair da perspectiva médica, a partir da qual o sofrimento dos atingidos pode ser medido por laudos, exames, e diagnósticos específicos, e seguir em direção à compreensão de outros aspectos socioculturais

que abarcam esse sofrimento. Esses aspectos se relacionam com o encontro de acontecimentos físicos e a forma como os afetados reagem a eles. As interlocuções que lhes são impostas e também a forma de resposta às demandas, as quais muitas vezes são obrigadas a se submeter a uma inflexão técnica, promovem a desautorização de suas narrativas.

As controvérsias sócio-técnicas que acompanham a crise desencadeada pelo desastre configuram um estado particular de irresolução, experimentado pelos afetados através da espera: espera por mais testes, pelas avaliações, pelo monitoramento, pelas decisões judiciais. A espera, então, constitui sentidos de sujeição e crescente frustração, que afligem as vítimas. (ZHOURI *et al.*, 2016, p. 40).

Meses após a ocorrência desse desastre ambiental, prevalecem as incertezas, que marcam presença nos debates a toxicidade da lama e a contaminação do solo e das águas subterrâneas, colocando em destaque a falta de clareza sobre uma série de questões, como a contaminação de alimentos produzidos nesta região e sua possível relação com o adoecimento da população afetada.

Foram constatados, além do adoecimento da população, impactos ambientais negativos de ordens e dimensões diferenciadas. Ao longo de todo rio Doce, por onde passou a onda de rejeitos, constatou-se um rastro de destruição e perdas, cujas cicatrizes estão longe de serem fechadas. Dentre os atingidos, estão comunidades indígenas e grandes reservas biológicas, como relata Biazon.

[...] animais de estimação e criação; plantações para subsistência; flora e fauna das margens dos rios Gualaxo do Norte, Carmo e Doce; áreas protegidas – como as dos índios Krenak, reservas biológicas – como a de Comboios; incontáveis espécimes aquáticas; perda da biodiversidade, fertilidade do solo e qualidade da água; contaminação do lençol freático, modificação da zona estuária do litoral do Espírito Santo – como locais de desovas de tartarugas marinhas em risco de extinção. (BIAZON, 2018, p.170).

Biazon (2018) afirma que, com o tempo, poderá haver alguma melhora, porém a destruição foi incalculável, a ponto de ser impossível o retorno ao que era antes, ou seja, por onde a lama passou, restaram as perdas, com impactos negativos diretos e indiretos nas mais variadas esferas.

Que assim, a lama não entrou na minha casa direto porque eu moro lá no alto... Ela entrou na minha casa, desde a hora que chegou aqui na rua, que só o mau cheiro deixou a gente quase tonto, foi de tontear, eu nunca vi lama

tão fedida igual essa lama que desceu nesse nosso rio aí. Aqui na rua da Casa das Artes não chegou a vim, aqui nesta rua não, mas lá debaixo chegou. Meses, meses e meses e meses e meses a gente teve que conviver com o terrível mau cheiro, depois veio a poeira, porque secou tudo, a poeira encardiu em tudo quanto é casa aqui de Barra Longa, não sobrou uma (AMP).

Eu tava lá na casa da minha mãe na roça, aí o pessoal falou: “acabou, arrasou Barra Longa”. Aí meu irmão colocou a gente no carro, a gente veio, tava tudo alagado com a lama. Não deu nem pra entrar. A gente voltou pra roça (Sítio Capela Velha). Senti um desespero danado, nossa senhora! (LGR).

Perdi tudo, Barra Longa e região toda foi atingida, porque, de uma certa forma, se você não foi atingida com o barro, sua amiga foi atingida, e você sofreu por sua amiga, entendeu? E a poeira, o barro e você ir ver sua amiga, cê passava pelo barro, tinha hora que não tinha nem condições de passar porque o barro era grande demais, foi muito complicado (IFL).

O dia “D” (rompimento da barragem) trouxe consigo desespero, desilusão, desastre, desesperança, desânimo, desolação, depressão, destruição e desconfiança, mas tudo isso poderia ter sido evitado, se houvesse e tivessem sido colocados em prática ações de proteção ao “ambiente integral” e planos de evacuação emergencial. Se havia avisos sonoros, esses não foram acionados. A população foi avisada por meio de telefonemas, com pouca eficácia. Dos quatro números de telefones dos agentes públicos disponibilizados pela empresa Samarco, apenas dois estavam ativos, dentre eles, o de um estudante e o outro, de um ex-chefe da Defesa Civil, afastado há sete anos (FERREIRA, 2018).

O plano de emergência para barragens, definido pela portaria nº 526, do Departamento Nacional de Produção Mineral -DNPM, diz que “cabe ao empreendedor alertar a população potencialmente afetada”. Entretanto, no plano de emergência elaborado e entregue em 2014, pela Samarco ao governo de Minas Gerais, consta que “a responsabilidade por avisar e remover as pessoas em risco iminente é da Defesa Civil.” (FERREIRA, 2018, p. 103).

Porém, a Defesa Civil afirmou que sua atuação está pautada na consumação dos desastres e não na prevenção de acidentes. E houve um agravo maior por parte da coordenação desse órgão, que informou não ter recebido a cópia do plano de emergência para atuar em situações de risco e que a instituição só foi informada da tragédia pela Polícia Militar (PM) e não pela Samarco (FERREIRA, 2018).

Diante de tantos relatos, circunstâncias, evidências e negligências ocorridas nessa tragédia anunciada, humildemente faço coro com a afirmação de RBFF, que diz que pretende seguir bordando, enquanto for a vontade de Deus, em uma atitude de fé e esperança.

Se eu precisar algum dia, sei lá Deus é que sabe né, de parar, já não ter a visão mais pra ajudar, a gente não sabe da vida da gente! Quem sabe é Deus, mas enquanto eu tiver jeito, eu vou fazendo (RBFF).

Quando RBFF deposita esperança em continuar bordando, se assim Deus o permitir, dando a ela visão, utiliza a fé como uma força semântica e simbólica. A palavra fé, esse pequeno vocábulo recheado de significados, que normalmente é utilizada nas variadas esferas da vida, desde contextos considerados banais até situações-limites, que escapam da racionalidade, nos auxilia em momentos de reflexão, de volta a si mesmo e de desconcerto frente a um mundo dado como pronto (CONTALDO, 2019, p. 116).

O lugar transcende a Natureza em sua percepção como recurso e alcança a dimensão da existência como o sagrado. O lugar espiritual é onde a terra descansa, e se o lugar é sagrado é em razão da transcendência da Natureza da percepção como recurso (KRENAK, 2018, p. 2).

As bordadeiras, em diversos momentos, demonstram, através de atitudes de resiliência e do desejo de resgate de suas vidas, recorrer ao sagrado. Mediante tantas perdas e o caos instaurado, utilizam como ferramenta de superação e esperança o sentimento de fé, numa percepção clara de que seu ambiente integral e natural sofreu violações imperdoáveis, com o rompimento da barragem de Fundão.

O avesso é parte essencial do bordado e parte essencial das mulheres que bordam, porque ele diz de uma subjetividade singular. O bordado se configura no trânsito das duplicidades: avesso e direito, visível e invisível, o macro e o micro, e traz uma cartografia afetiva (DIAS, 2019). Essa duplicidade e singularidade foram alteradas pela lama. Suas histórias, memórias, silêncio e sofrimento ficam visíveis, crescem nesse avesso da vida não esperada.

De acordo com os relatos, o trans(bordar) do rio virou a vida delas ao avesso, carregando com ele uma lama fétida e muita sujeira, mudando a cor dos tecidos, pintou de marrom alaranjado tudo o que era colorido. A arte deu lugar ao sofrimento e à dor, ao avesso de suas vidas. No momento do rompimento da barragem, perdia a beleza do avesso presente em seus bordados. O bordado foi colocado à borda, mas, felizmente, sobrevive até na borda e segura a vida.

O bordado ajudou muito a gente lá. Pelo menos recuperar a autoestima, né? ... que a gente fica com ela meio baixa, porque, uai, cê fazia tudo naquela alegria, né? E, de repente, ver tudo ir...(MCP).

Quando faço meu bordado e artesanato, eu esqueço esse sofrimento! Eu vou longe! (ALTV).

Não pouco comum, a marginalidade da arte de bordar traz à tona a necessidade de enxergar o outro lado do tecido, como imagem do desfiar e do fiar de um fazer poético, num olhar mais ampliado desse saber, até mesmo como fonte de resgate e superação (PADILHA, 2018).

5.4 Depoimentos: o ambiente importa

A ciência se mostra com recursos infindáveis, porém, não se pode dizer o mesmo em relação aos recursos naturais. O endereço do futuro é o meio ambiente, ou melhor dizendo, o “ambiente integral” e, com certeza, virá com uma grande convergência de demandas. Não é necessário realizar estudos profundos para perceber mudanças comprometedoras na qualidade da água, no clima e na biodiversidade (ZULAUF, 2000).

Em uma análise histórica, Pereira e Curi (2012) demonstram que há dois milhões de anos atrás o homem, que era nômade, extraia os recursos naturais até seu esgotamento e interferia de forma significativa no meio ambiente, objetivando sua sobrevivência.

Apesar do processo de exploração do meio ambiente ter se dado de forma mais amena, devido a uma menor população, com menor mobilidade e a inexistência de tecnologias de alto poder destrutivo, verificou-se a extinção de algumas espécies animais, como também, a modificação do meio ambiente através de queimadas e derrubadas de árvores. Ou seja, o homem interferia no meio ambiente o qual estava inserido, modificando-o de modo a atender suas necessidades (PEREIRA; CURI, 2012, p. 40).

A partir do advento da agricultura, gradativamente, a humanidade deu início a uma ação predatória cíclica, com grande poder de destruição, sendo a agricultura o primeiro exemplo de danificação do “ambiente integral”, a ponto de provocar seu próprio colapso.

A concepção da Idade Média, de Deus como um criador anterior à natureza, portanto situando-se fora dela, continua reverberando na Idade Moderna, porém, o homem que na concepção medieval fazia parte da natureza, passa

a ocupar outro papel, elevando-se como dono da natureza, esta que antes era o âmbito da criação, passa a ser objeto da ciência e de manipulação do ser humano (PESSOA, 2020, p. 105).

Não há limites para o crescimento econômico, no que depender da capacidade e da criatividade humana, porém, o consumo desenfreado dos recursos naturais de que dispomos nos traz a ideia de que a própria natureza nos impõe o limite que pensamos não existir, bem como a certeza de estarmos em um ciclo de vida cada vez mais saturado. O desastre da barragem de Fundão é um grande exemplo dessa junção de ganância, poder e desrespeito.

A cena da cidade aqui de cima? Nossa senhora, destruição, nossa senhora! Triste demais de se ver! (LGR).

Ah, foi uma tristeza muito grande, meu Deus! Acho que a maior coisa que a gente sentia era uma angústia, uma tristeza, quando você olhava assim pra cidade (AMP).

IFL fala da insegurança e do medo de que, a qualquer momento, possa ocorrer o rompimento de outra barragem em cima de suas cabeças.

Olha, a gente não tem mais segurança. Tem a outra barragem, que se estourar arrebenta com Barra Longa. Se chove muito, o rio começa a encher, você já fica apavorada, eu carrego os trem tudo pra cobertura agora, quase que eu morro de cansada, não deixo nada aqui embaixo mais, aquele medo, não tenho segurança mais (IFL).

É inevitável perceber o peso de dor e aflição nesses depoimentos, importa também considerar o que está nos bastidores de cenas como as relatadas pelas “meninas”. São pessoas que, apesar de não terem muitos bens materiais, valorizam o pouco que têm, suas conquistas e suas histórias de vida, contadas em meio a muitas perdas, que dinheiro no mundo que pagará ou trará de volta. A ganância suplantando vidas e historicidades.

Eu quis provar pro mundo o que eu passei, que não foi fácil. E a beira rio foi toda cercada com a tela vermelha, a tela plástica. E minha cozinha, uma área aberta, toda hora que eu batia o olho assim, eu via aquela tela. Naquele momento que eu olhava assim, eu sentia que era a lama que evinha, a lama era um barro vermelho. Eu custei a entender, fixar na memória que aquilo não era barro, era a tela. Foi muito complicado pra mim. Então, eu ainda brinco que outra eu não dou conta não. Não é fácil não (IFL).

As narrativas expressam códigos de acordo com cada ator atingido, nas distintas esferas de subjetividade. Na área da mineração em Minas Gerais, o desastre de Fundão é apenas a ponta do *iceberg* em relação aos riscos oferecidos pelos grandes investimentos de capital, que utilizam recursos naturais como o solo, a água e demais. Nessa tragédia, em especial, o protagonismo da água, como fonte de riqueza e vida fundamental para a sobrevivência humana e essencial para o funcionamento de complexos minerários, apresenta um grande contra censo. Considerando que, apesar da água ser esse elemento crucial, que leva a vida às comunidades ribeirinhas através de seus rios, foi justamente ela a responsável por espalhar os efeitos devastadores de morte e destruição (ESPINDOLA; NODARI; SANTOS, 2019).

Mas a gente jamais imaginava que isso podia acontecer. Quando falou, “barragem estourou”, meu menino falou, mãe estourou barragem lá em Mariana e vem um monte de água aí. E todo mundo achou que era água! E a água já tinha entrado em minha casa duas vezes, de chuva, mas dessa vez estragou tudo, a água trouxe a lama, saiu carregando tudo. Foi muito triste, minha filha, contando não acredita não, cê tinha que ver (IFL).

Achamos que a casa ia cair uai! Você nem imagina gente, quem vê isso daqui! Eu tenho uma foto, umas fotos, eu posso te mostrar. Você não imagina, você não imagina! Minha mãe foi pra lá abrir o portão, que ela achou que com o portão aberto a lama não ia pegar com tanta força. Quando ela chegou no meio do caminho, menina, só viu ela (a lama) vindo igual um furacão. Vocês não têm noção, gente! Só quem viu! Muita gente em Barra Longa não viu. A vizinhança aqui nenhuma viu, tava todo mundo dormindo. Você só ouviu gritos e ninguém imaginava o que ia acontecer. Aqui em casa, meu marido foi atingido na roça, meu filho que mora na pracinha tinha uma criança nova, a mulher dele e ele saiu com a roupa do corpo. A mulher dele foi para Viçosa, ficou fora meses, vou te mostrar a casa. Ele saiu com a roupa do corpo, ficou aqui (DFFB).

As semanas que se seguiram a partir da chegada da onda de lama, na cidade de Barra Longa, foram acompanhadas de diversos eventos com duração e ritmos variados e, na percepção das “meninas”, infundáveis.

Menina, a gente não sabia se chorava, sabe, foram muitos dias que a gente achava que tava no fim do mundo. Porque não entrava carro, não saía da ponte, não deixaram passar porque tavam com medo né, porque abateu muito, abalou muito a ponte. A gente não podia sair, nem nada. Ali onde atravessa o antigo hotel perto da padaria, sabe o que aconteceu? A lama atravessou a rua, porque na hora que foi chegando, começou a passar carro pra lá e pra cá. No passar carro prá lá e prá cá, parece que.... Igual um carro quando passa numa água que abre, aí foi abrindo, entrou um tanto assim, ó (gesto mostrando a altura da lama na parede), dentro do hotel (RBFF).

O esgoto até hoje de vez em quando entope tudo, gente. O cheiro até hoje! Esses dias tava, porque de vez em quando entope a pracinha tudo (DFFB).

Tem gente que ficou uns seis meses, sete meses com a lama, minha filha. O trem foi, a lama foi muito pesada (RBFF).

Tinha um vazamento de água aqui em casa, nos primeiros dias. Quando a conta de água veio: 2000 mil reais. E pra você achar onde que era o vazamento que a lama tinha feito? (DFFB).

Nove meses fora da minha casa. E ainda tem muitas famílias fora da sua casa. E na minha rua ainda tem cinco casas que ainda não foram levantadas ainda pra família. Saí de uma casa enorme e fui pra uma casa pequenininha, mas eu quis ficar nela porque era de frente pra minha casa, e eu queria acompanhar a obra da reforma. Foi muito difícil, minha casa era muito arejada, a casa que eu tava era muito quente. Mas que bom que eu arranjei essa casa pra morar, né? (IFL).

E, a partir daquele dia, a gente dormia e, cada barulhinho que a gente escutava, a gente levantava! A gente levantava achando que vinha outra, né? E ficava assim: vai descer o resto (MCP).

São esses desdobramentos, relatados com intensidade pelas “meninas”, que impedem que a vida retorne à normalidade que havia antes do rompimento da barragem. Passados cinco anos da tragédia, ainda estão em curso conflitos de níveis variados, principalmente de ordem material (ESPINDOLA; NODARI; SANTOS, 2019).

Quando MCP começou a me contar a sua história, fiquei imaginando a cena desoladora que se instaurou em sua casa, pois o sentimento de tristeza estava estampado em seu rosto.

Minha casa é a beira rio, chega na pracinha ali, tem uma rua que vai. A minha casa é lá, e o quintal é imenso, 120 metros o meu quintal, a lama veio destruiu tudo, nós tínhamos um pomar muito bom, tinha tudo, fruta do conde era deste tamanho, mamão era daqueles grandes, batata, comia de tudo, até feijão. Na quinta-feira antes da lama, meu irmão falou assim: “Nossa, vai lá no quintal procê ver, cada melancia que já tá ô...” (gesto que mostra com a mão o tamanho da melancia). Muita melancia, quiabo, muita abobrinha, umas vinte e cinco abobrinha, tudo bonitinha, e ele falou assim: “Esse ano nós vamos colher muito”. Fora a banana, banana era... A gente produzia para dar pros outros. Na nossa casa, a gente nunca vendeu. O vizinho aqui, a gente falava: - Cê quer banana? E eu ia e dava. - Cê quer maracujá? Entendeu? Tudo pra partir pra família, partir pra vizinho. Agora o feijão, quando colhia muito, meu irmão vendia, porque já chegou a colher dois sacos de feijão. A gente não imaginava que, no dia seguinte, as nove horas da manhã, a lama já tava descendo pro quintal e tava passando até carro no quintal. Desceu carro, desceu caminhão (MCP).

Já ALTV disse-me que o trauma que sofreu e se arrasta até hoje foi revivido quando ocorreu o outro rompimento, posterior ao de Fundão, no ano de 2019, da

barragem na cidade de Brumadinho.³² O desastre de 2019 trouxe à memória todo o seu sofrimento e de sua família, a ponto de interromper suas férias.

Eu mudei de casa, eu moro na beira do rio ainda, mais num lugar aparentemente seguro. Eu moro num prédio lá perto da escola. Lá também foi lama. Então, assim, é uma coisa que nunca mais a gente vai esquecer, nem eu, nem meu marido, nem meus meninos, sabe? Quando aconteceu em Brumadinho foi muito sofrimento, eu sofri, eu tava lá no Rio de Janeiro, de férias, passeando com minha menina, na casa da minha irmã. E quando aconteceu aquilo, pra mim acabou, acabou minha viagem, eu passei mal, porque a gente sente tudo de novo, né? A dor do outro, e lá foi pior ainda, sabe. E vai acontecer de novo, vai acontecer de novo, porque o estado, o governo, só pensa em lucro deles (ALTV).

O assunto de barragem sempre vem à tona, sempre vem. Virou um assunto! Quando chove.... Às vezes, você encontra com uma pessoa, mas você quer conversar um outro assunto, mas aí a pessoa fala: “E aí a Renova te deu notícias?” Sempre assim, cê entendeu? É uma coisa que virou rotina nossa (ALTV).

O mar de rejeitos avançou sobre o rio Doce e seguiu até chegar ao oceano Atlântico e, por onde passava, deixava um rastro de destruição, numa ação predatória do “ambiente integral”, trazendo poluição atmosférica, mortandade de peixes, poluição sonora, da água, adoecimento da população, incômodos pontuais e sutilezas quase invisíveis aos olhos do poder público, da mídia e da empresa responsável pelo desastre (ESPINDOLA; NODARI; SANTOS, 2019). Espindola, Nodari e Santos (2019) chamam a atenção para a importância de nominar os verdadeiros responsáveis por tamanha tragédia.

Denominar o rompimento e os eventos que se sucederam na Bacia Hidrográfica do Rio Doce de “desastre da Samarco/Vale/BHP” tem a clareza de determinar não apenas a autoria imediata, mas afirmar a coautoria técnica, administrativa e de governança empresarial das três empresas. (ESPINDOLA; NODARI; SANTOS, 2019, p. 142).

A onda de lama inundou o povoado de Barra Longa de desesperança, porém, IFL afirmou que, após o rompimento, algumas bordadeiras bordaram esse cenário de destruição e perdas, em um projeto idealizado pelo MAB. IFL disse que, ao bordar a

³² Brumadinho, que está na região metropolitana de Belo Horizonte, enfrentou um grande desastre ambiental no dia 25 de janeiro de 2019. A Barragem 1 da Mina Córrego do Feijão, da mineradora Vale, rompeu-se, desencadeando uma avalanche de lama que destruiu a comunidade próxima e construções da própria Vale. O terrível mar de lama não causou apenas prejuízos financeiros, sendo responsável pela morte de dezenas de pessoas. (SANTOS, 2019).

trilha da lama, sentiu emoção e tristeza e que aquele bordado não era lazer, porém ela quis fazer.

Na época, eu bordei pro MAB, eles encomendaram um trabalho para levar pra São Paulo, aí eu fiz o percurso da lama, esse pessoal de São Paulo até comprou esse quadro. Eu fiz a saída da represa, Paracatu, todos os lugares onde a lama passou, passou em Barra Longa e terminou no Espírito Santo. Paracatu foi a que morreu dezenove pessoas, não foi? Acho que foi. Tinha dezenove cruzeiros. Ficou muito bonito o trabalho. Eu fiz um pano que eles colocaram num quadro, 80 X 80 cm. Foi muito emocionante pra mim. Foi um trabalho pra várias pessoas que fizeram aqui, pro MAB, e eu fiz esse, mas esse ficou tudo certinho, o contorno da lama passando na cidade todinha (IFL).

A diferença do bordado que faço como lazer é porque esse aí foi um momento triste, de tristeza, eu fui fazendo o trabalho que eu convivi com a situação, entendeu? Foi muito triste, mas eu tive que fazer, eu quis fazer (IFL).

Oliveira (2016, p. 228), define sofrimento como “um estado de aflição severa, associado a acontecimentos que ameaçam a integridade (manter-se intacto) de uma pessoa” e trazem consigo efeitos nas relações interpessoais e impactos severos no corpo. Talvez, para IFL, bordar o percurso da lama e seus efeitos devastadores trouxe-lhe angústia e até mesmo sofrimento, porém, no ápice de um sofrimento e de grandes perdas, pode nascer a esperança de dias melhores e, dessa esperança, uma força maior, capaz de ressignificar o que se perdeu e que jamais poderá ser recuperado, a não ser através de memórias.

Oliveira (2016) declara que é importante aceitar as novas condições nas quais se vive, ainda que impostas, visando diminuir o sofrimento em prol de si mesmo, na busca de valorizar e aceitar uma situação específica e oferecer menos resistência às mudanças, para que se consiga superar momentos de dor e sofrimento. Nessa perspectiva, o relato de IFL corresponde ao que ensina Oliveira (2016), pois ela, mesmo sabendo da dor que sentiria e sentiu ao fazer o bordado, optou por fazê-lo, numa demonstração de força e resiliência.

5.5 Perdi tudo. E agora? O que farei?

Perdas incalculáveis são um exemplo de impactos negativos sofridos pelas comunidades de Barra Longa e região. No dicionário, a palavra perda significa: “ato ou efeito de perder; extravio, sumiço, dano total, destruição”. E a palavra perder significa: “ser ou ficar privado de (coisa que se possuía); sofrer a perda, o prejuízo de”

(FERREIRA, 2000, p. 622). É necessário ter em mente que não se pode controlar o que acontece em nossas vidas, mas sim, podemos controlar nossas atitudes. As perdas vivenciadas pelas bordadeiras, associadas à falta de atitude por parte da empresa Samarco, principalmente em relação às informações sobre o rompimento da barragem, aliadas à incertezas do porvir, colocam em evidência a desvalorização da vida e sua consequente capitalização.

O Ministério Público Federal, em 2016, apresentou diversas denúncias à justiça contra as empresas Samarco Mineração S.A., Vale S.A. e BHP Billiton Brasil LTDA, dentre as quais estão homicídio qualificado com dolo eventual, crimes de inundação e ambientais, desabamento e lesões corporais graves, todos com dolo eventual previstos pelo Código Penal Brasileiro. De acordo com as denúncias, as empresas tinham conhecimento de todos os riscos envolvidos nas operações de construção da barragem e, mesmo assim, ao optarem por priorizar resultados econômicos, assumindo riscos de causação de mortes, deixaram de lado as práticas de segurança que resguardariam o “ambiente integral” e as pessoas potencialmente afetadas. Mesmo responsabilizadas criminalmente, as empresas envolvidas nesse tipo de tragédia seguem se invisibilizando na história e, ao longo de anos, lucram e deixam nomes serem esquecidos. São tantas perdas que é necessário impedir que eventos dessa natureza caiam no campo do esquecimento. Importa reafirmar que houve um crime, o crime do rompimento da barragem da Samarco, Vale e BH Billiton (ROSA, 2019).

Minha casa ficou com um metro e meio de lama. Perdi tudo, eu saí com a roupa do corpo (ALTV).

Eu ainda moro beira rio, no final da rua. Minha casa entrou metro e meio de lama, perdi praticamente tudo o que eu tinha. Foi muito triste! Tudo que eu construí em vinte ou trinta e tantos anos vi ir embora num minuto (IFL).

Muita gente perdeu tudo, a maioria das pessoas lá da pracinha perdeu tudo, Morro Vermelho, aqui embaixo, aqui em Barra Longa mesmo, no centro aqui, perdeu tudo. Inclusive tem um pessoal que tá fora de casa até hoje (LGR).

Eu perdi... eu tinha três máquinas de bordar né, perdi duas máquinas de bordar e fiquei chateada. Perdi bastante material (SRC).

Uma avalanche de destruição! As cenas que se seguiram, após o rompimento, podem ser comparadas a um cenário de guerra. É impossível não se chocar e se sensibilizar com as famílias e os relatos das “meninas”, que, de uma hora para outra,

perderam tudo ou quase tudo o que tinham. São lembranças cujas palavras não traduzem a realidade.

As meninas que moravam aqui embaixo, na pracinha..., teve meninas que nem a máquina que ela costurava, os bordados dela, ficou, ela perdeu malas de bordado, desceu tudo lama abaixo. Ela não conseguiu salvar nada. A lama foi até o teto da casa dela. Ela precisou de ajuda para sair da casa porque ninguém tava acreditando que a lama ia chegar aqui. Então, pegou assim muitas pessoas de surpresa, não deu pra salvar nada (AMP).

Ah, foi uma tristeza muito grande, meu Deus! Acho que a maior coisa que a gente sentia era uma angústia, uma tristeza, quando você olhava assim pra cidade. E outra, eu dava aula de desenho, eu tinha as crianças, iam lá pra casa duas vezes na semana pra aula de arte. As crianças não podiam mais ir pra aula, aquilo faz uma falta... As crianças passaram mais de ano sem poder andar direito na rua, ficaram presas dentro de casa. Pra ir pra escola, quando começou a ir, precisava daqueles carros grandes da Renova, pegava as crianças na porta de casa e soltava na porta da escola. Os pais tiveram que comprar bota para as crianças até pra descer do carro, entrar no carro, tava todo mundo morrendo de medo, a lama era terrível (AMP).

Perdi todos os documentos. Tudo, tudo, tudo o que ocê pensar... Meu marido e meus meninos falam assim: - "Nó, tô precisando disso"! Eu tinha! Às vezes ele até fala: "Eu tenho". E começa a procurar, aí eu falo: "Amor, não tem, a lama já levou". Pequeninas coisas, coisas que ocê precisa. Igual você é estudante, tem muitos anos que você estuda, então, tem coisa que cê comprou lá atrás e hoje cê ia usar, que você guarda, que você sabe lá no futuro, cê vai precisar daquilo (ALTV).

Eu perdi meu artesanato todo! Tinha encomenda pra mim entregar, eu tinha meu material de trabalho (ALTV).

A lama levou uma cômoda cheia de bordado meu, que tava preparando pra feira Nacional, meu prejuízo foi grande demais da conta. Muito bordado caro, foi embora jogo de lençol, toalha de banho, peças de linho, foi tudo embora (IFL).

Inclusive eu bordo muito pra D. Margarida. Ela morava lá na praça, perdeu o bordado dela. Eu bordava pra ela. Ela também bordava os pontos dela, ponto cheio, correntinha, esses trem. Mas depois que a barragem desceu, que Margarida perdeu tudo, e ela demorou muito a dar mais bordado pra gente (LGR).

A lama que atingiu Barra Longa levou grande parte dos bens materiais e imateriais de muitos moradores dessa e de outras cidades, como Bento Rodrigues, por exemplo, onde, acima de tudo, vidas foram dizimadas. Histórias, memórias, sonhos e cidades viraram cenários de filmes de terror. No dia 5 de novembro de 2015, famílias tiveram suas coisas imersas em lama tóxica. Olhos perdidos e lágrimas pesadas, sensação de impotência e desolação, revolta e tristeza pairaram no ar.

Figura 21 - Barra Longa totalmente alagada no dia do rompimento



Fonte: Silva (2015). Foto Germano Vieira.

E você ver sua vida assim.... você planejar sua aposentadoria, cê planejar sua vida e, de uma hora pra outra, cê perder tudo. Minha menina tinha um sonho dela ter o quarto dela, meu menino tinha um sonho de ter o quarto dele. Comprei tudo pra eles do jeito que eles queriam e, do dia pra noite, cê vê assim.... eu falo assim, que graças a Deus foi bens materiais, não foi nenhuma vida. Mais depois, quando cê para pra analisar, cê fica imaginando, como que eu vou começar tudo de novo? (ALTV).

Muita gente perdeu o emprego e morreu muita gente, desabrigou muita família (IFL).

Menina, o meu filho é veterinário, a parte de baixo da casa dele todinha. Eu vou te mostrar a foto, perdeu tudo, tudo. Ele mexe com cachorro, ele tinha ultrassom ele tinha várias coisas, vários aparelhos. Aí eu fui atrás do meu filho, lá na pracinha, levantamos umas coisas, achando que era igual enchente, né. Muita gente dizia: "Não vem assim não"! Mas só que quando veio o negócio, meu marido teve que arrombar até a porta da casa do meu filho, porque ele não acreditou não (DFFB).

Na imagem, representada na Figura 22, é possível ver onde funcionava a clínica veterinária do filho de DFFB. Também é possível notar, pelas marcas deixadas na parede, a altura alcançada pela lama.

Figura 22 - Imagem da parte de baixo da casa do filho de DFFB, onde funcionava a clínica veterinária



Fonte: Arquivo pessoal. Foto DFFB.

Algumas bordadeiras reclamam de prejuízos sofridos não somente com a perda de seus bordados, mas também pela impossibilidade de sair da cidade para venderem as peças bordadas que foram salvas, uma vez que as vias de acesso à cidade ficaram interditadas. O Jornal Estado de Minas noticiou, em outubro de 2015, a situação de acesso à cidade após o rompimento.

O acesso aos locais está muito difícil, pois a ponte sobre o Rio Gualaxo, principal via para Barra Longa, foi levada pela correnteza. Moradores que ficaram desalojados foram para as casas de parentes. A lama com os rejeitos da mineração fez o Rio Carmo, que corta a cidade, subir cinco metros, tomando a praça e alagando ao menos 40 casas, além do comércio. Não há relatos de feridos ou mortos. A cidade aguarda a chegada das equipes do Corpo de Bombeiros e da Defesa Civil de Ponte Nova, que atendem o município. (SILVA, 2015).

MAL mora em uma casa que fica atrás da rua por onde passa o rio, porém, sua casa é alta, assim como na casa de DFFB, de modo que a lama chegou somente em seu quintal, atingindo a lavanderia. Entretanto, ela reclama que perdeu produção e venda de seus tecidos bordados pela impossibilidade de sair da cidade.

Eu sou muito desesperada, eu sou de pegar e fazer, eu não fico aguardando muito as pessoas fazerem para mim. Aí, no dia que a lama chegou, que chegou quatro horas da manhã, meu carro tava na lama e tudo, eles

conseguiram tirar o carro, e minha lavanderia era mais alta. Eu fui e comecei a jogar as coisas todas que eu conseguia pela janela, então, tudo o que tava na lavanderia eu consegui colocar pra cima (MAL).

Minha casa foi afetada a lavanderia, a garagem e ficou assim, um metro e meio de lama mais ou menos até chegar na minha oficina, onde tinha tudo meu. Mas, graças a Deus, eu não perdi tecido, eu perdi as máquinas de lavar, mas não perdi produto nenhum (MAL).

Dos prejuízos que MAL teve, o que mais a deixa entristecida diz respeito a um projeto em uma comunidade rural, próxima a Alvinópolis. Ela recebia as meninas dessa comunidade em sua casa para ensinar o bordado. Infelizmente, esse projeto se perdeu. Para alavancar o retorno a esse sonho, a EMATER³³ ofereceu uma parceria, porém, MAL acredita que as circunstâncias de vida dessas meninas não são favoráveis ao retorno a essas atividades.

Eu não perdi peça nenhuma, eu perdi produção. Eu trabalho com uma comunidade rural, que essa eu continuo trabalhando até hoje, e tava trabalhando com outra comunidade rural, que é mais distante aqui de Barra Longa, é uma comunidade que é mais próxima de Alvinópolis. E antes elas vinham, eu não cheguei a ir lá, até pouco tempo, combinei com a menina da EMATER que está indo na comunidade delas, mas isso aí foi uma perda muito grande. Então, hoje eu tenho notícias dessas meninas, algumas engravidaram, outras mexem no bar com a mãe. Mas retornar é uma coisa tão mais complicada, você voltar... (MAL).

E as meninas da comunidade Dobra, que já estavam trabalhando comigo lá no povoado de Covanca, não conseguiam trazer mercadoria pra mim e eu não conseguia mandar mercadoria pra elas. E não tinha como passar, não tinha como vir (MAL).

A lama, após secar, deixou uma massa de terra compacta e seca no solo da cidade, que trouxe uma poeira vermelha. DFFB reclama que sua casa e suas roupas não tinham condições de serem lavadas de forma adequada após o desastre e MAL foi obrigada a lavar as peças bordadas na pia da cozinha, pois tinha o compromisso de entregá-las para as feiras de artesanato.

Aí, no outro dia, eu já via aquela lama louca, compacta e vermelha. Porque depois a água foi embora e ficou só a lama mesmo, densa que deve ter ficado mais ou menos um metro mais ou menos (MAL).

³³ A EMATER é a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais, responsável por mobilizar e cadastrar entidades beneficiárias e agricultores familiares, além de prestar assistência na produção e comercialização dos produtos.

Eu tava com duas feiras, mandei o que deu para levar, eu não consegui lavar nenhuma peça que eu tinha aqui, jogo de lençol, toalha de mesa, porque eu tinha apenas uma pia de cozinha para lavar, não tinha como (MAL).

Outra coisa, poeira, não tinha jeito de secar, foi muito complexo, eu falo que a gente tinha que ter filmado tudo o que nós passamos, para as pessoas verem como que era, entendeu? Como que foi difícil, né, naquela época (MAL).

Porque não vinha gente mais aqui em Barra Longa, porque não tinha ônibus. Como é que eu saía para vender meus bordados, com que cabeça que eu saía, a lama, a casa ficava só com pó, gente, eu passava pano na casa inteira. Você não via o sinteco, cê riscava assim ó, era só pó. A cidade toda era aquela posada. Vocês não vieram aqui não, né? (DFFB).

No depoimento de MCP, ela afirma ter perdido, com tristeza, o seu quintal, de onde colhia frutas, legumes e verduras para consumo próprio e de seus vizinhos, e onde, depois da lama, não nascia mais nada. MCP afirma que somente agora, cinco anos depois, “consegue colher umas bananinhas”, isso sem falar do mau cheiro e da rigidez que transformaram o solo do quintal.

Sentimento de tristeza! Na hora lá, né? A gente lutar a vida inteira, e hoje tá lá do jeito que tá. Não nasce nada, porque tiraram a lama por cima e deixaram no fundo. Eles foram lá pra plantar umas mudinhas lá, aquelas mudinha bem ridícula né? Tinha que cavar com cavadeira, porque na hora que batia, tava batendo na pedra. O que ficou no fundo virou pedra. Pedra da mina e ficou o minério. Quando chovia fedia tudo! Muito tempo aquela coisa preta, sabe? E o cheiro também (MCP).

No meu quintal mesmo tinha muita bananeira, banana tinha de toda qualidade. Perdi foi tudo! Lama passando assim ó, passando por cima de tudo (MCP).

Eu tinha um quintal pra cuidar, né. E agora acabou. Agora, metade do quintal que não foi lama, a gente já consegue colher umas bananinhas, já consegue colher, tem um pé de jabuticaba (MCP).

A visão de MCP de um quintal todo recheado de frutas, legumes e verduras e a doce expectativa de uma colheita farta se esvaiu num piscar de olhos. No dia seguinte ao rompimento, o quintal dela estava tomado por lama tóxica, fétida e pesada e a imagem, que no dia anterior ao rompimento era de alegria e fartura, passou a ser de tristeza e desolação, o que se via eram caminhões e carros passando por cima de tudo. A partir daí, os dias que se seguiram foram de terra seca e dura, poeira para todos os lados e um solo infértil, que não consegue produzir nada até hoje.

E o cheiro dessa lama? Nossa senhora, menina! Mau cheiro, e andou morrendo muita gente, foram dezenove pessoas, não é? Então, quando morreu, a gente achava que o mau cheiro era tanto, que tinha gente morta

pelos terreiros da gente afora, né? Não era não, era o problema da lama mesmo, mas fazia mal pra gente! Eu falei com eles: “Se vocês não arrumarem o esgoto hoje, vocês arrumem um lugar para eu ficar, porque ninguém aguenta ficar dentro de casa... (RBF).

Figura 23 - Lama = Lixo tóxico, solo infértil



Fonte: Federação (2019, n.p.).

A Figura 23 nos permite entender um pouco do conteúdo dessa lama e o nível de comprometimento para o solo e a água, dentre outros, para as cidades atingidas. Lama tóxica, lixo tóxico, poeira tóxica (finíssima), pasta de restos de minério moído, carregado de metais pesados (chumbo, cobre, manganês, zinco, cobalto, níquel, cromo), material venenoso, tudo isso depositado no solo de uma cidade, da noite para o dia. Um cenário de perdas e destruição generalizado.

MAL afirma que teve um estudo da Universidade de São Paulo (USP), em Barra Longa, para acompanhar o nível de metal pesado encontrado no corpo da população da cidade, devido ao contato com a poeira tóxica. A participante afirma que, inclusive, foi selecionada como voluntária para colher material sanguíneo, objetivando fazer teste de toxicidade no sangue, mas até hoje não foi contatada para realizar a coleta.

Tanto é que o médico foi muito franco com a gente. Eles falaram que todo mundo que teve contato, depois de um tempo, foi um estudo de uma professora da USP, que veio aqui e fez acompanhamento com pessoas aqui em Barra Longa, ela disse que todo mundo tá contaminado por metal pesado no corpo (MAL).

Eu fui escolhida pra fazer o exame de sangue para ver se tinha metal pesado, só que eles não fizeram. Dentro de cada casa uma pessoa era sorteada para fazer o exame, e eu fui sorteada, só que eles não fizeram (MAL).

“A lama trouxe e depositou dejetos e levou embora relíquias. Minhas fotos e álbuns de família,” disse ATLV, “as que sobraram estão irrecuperáveis”. SRC, DFFB e RBFF também falam de perdas materiais sofridas por seus familiares, vizinhos e donos de estabelecimentos comerciais de Barra Longa.

As minhas fotos. A foto do meus meninos quando eles eram pequenos, eu tinha tudo, perdi tudo! Então, isso é uma coisa assim, que dinheiro nenhum no mundo paga. (Choro) Porque eu perdi meus pais, né? Tinha perdido meu pai recente, meu marido perdeu a mãe dele (ALTV).

Foi muito constrangimento, né, esse negócio da barragem. Muita gente perdeu as coisas, né? (SRC).

Meu irmão foi até atingido pela lama da Samarco. Ele tinha uma lanchonete, ele tem ainda hoje, só que foi reformada pela Samarco (SRC).

Minha irmã tinha um salão, não sei se você ouviu falar da Socorro, depois eu posso até levar você lá. Ela perdeu muitas coisas também. Ela tinha um salão de cabeleireiro. A lama invadiu lá, levou escova, tesoura, produtos de cabelo, shampoo, esses trem, levou tudo (SRC).

Cada hora era um problema, meu marido na roça que perdeu várias criações, que a lama invadiu tudo, a lama levou embora, você nem imagina que tragédia que foi aqui em casa, nossa senhora! (DFFB).

Tinha uma casa ali em frente esse poste aqui ó! Uma casa na beira do rio, uma casa bonita, sabe? A lama não levou não, mas trincou a casa toda, teve que jogar a casa no chão. Até indenizaram o rapaz sabe, o dono da casa (RBFF).

Junto dessas perdas materiais, estão os danos psicológicos, os constrangimentos e desgastes vividos pela comunidade atingida, devido ao esforço em garantir e preservar seus direitos e ter seus bens ressarcidos devidamente. Disputas de bens entre vizinhos e familiares eram constantes, como relata MAL.

Outra coisa também, vieram muitas pessoas de fora, muitas pessoas diferentes, muitas pessoas que, às vezes filho de alguém que tava lá em São Paulo, sabe, que nem dava confiança pra Barra longa, de repente voltou, sabe, criou briga entre os vizinhos, entre os amigos, entre parentes, por causa de dinheiro, de indenização, isso ficou muito prejudicado (MAL).

Toda a situação gerada pelo desastre ainda foi agravada pelo assédio da imprensa no momento do rompimento, que contribuiu para o desenvolvimento de um estereótipo dessa população, que ficou conhecida como “os da lama”. A situação foi apresentada como se as pessoas não tivessem condições de responder por suas impressões em relação à tragédia, sendo reduzidos a uma condição física desastrosa, sobre a qual está o local onde moram (SANDEVILLE; MAKARON, 2017).

Porque nesse ponto eu penso igual a empresa, tem os atingidos e tem o grau de atingidos. A cidade toda foi atingida, mas não quer dizer que eu fui atingida igual ao meu vizinho, porque cada um teve uma perda, sabe? Teve gente que teve uma perda igual, mais teve outros que tiveram mais perdas. Eu tive perda de quê? Meus bens materiais, os danos morais, é um exemplo, né, que eu não entendo muito de lei, sabe, danos emocionais. Aí meu vizinho teve todas essas perdas que eu tive e ainda teve perda do bem físico, o imóvel dele. Então, ele não pode, eu entendo isso, ele não pode ter a mesma indenização que a minha. Aí na sua casa você teve os bens emocional, só o seu emocional. E a lama entrou na sua casa, no seu terreiro e tal, eu acho que tem que ser outro tipo de indenização (ATLV).

Os atingidos travam uma luta diária, refletindo e construindo uma consciência sobre o que suas vidas se tornaram, após tamanha ruptura social. Sandeville e Makaron (2017), na busca por teorizar essa luta, descrevem o processo como “*identity death*”, a morte da identidade do “ser morador das cidades atingidas” e a emergência da identidade do “ser atingido”.

Krenak (2018) acrescenta que a apropriação da natureza, nas diversas esferas, inclusive a humana, por parte do poder, expropria tão radicalmente a existência do ser que coloca todos na condição de miseráveis e pobres.

Da lama jogada às esperanças inundadas. O que fazer diante de tantas perdas? Gritar e lutar para recuperar, ou esperar? E a comunidade?! Ah, essa espera, ansiosamente, por um lar.

5.5.1 Saúde, o que fizeram com ela? Também perdi

Dados oficiais dão conta de que o rompimento da barragem de Fundão foi responsável por causar danos diretos a 1,2 milhão de pessoas, 36 municípios do estado de Minas Gerais e 3 municípios do Espírito Santo. Todos os moradores da bacia do rio Doce, independente de terem ou não sofrido algum dano direto, foram atingidos. Produtores rurais, agricultores, pescadores, fazendeiros, artesãos, fiscoadores e outros trabalhadores envolvidos com o turismo regional tiveram suas

atividades prejudicadas e até mesmo paralisadas, devido à contaminação das águas e à destruição das terras. Muitos trabalhadores da Samarco tiveram suas funções desviadas para prestarem assistência às vítimas do desastre, o que lhes provocou grandes constrangimentos (PINHEIRO *et al.*, 2019).

Dentre os danos registrados estão 280 adoecimentos, 644 desabrigados e 708 desalojados. A esses números é importante adicionar os trabalhadores atendidos nas dependências da Samarco. Mesmo não havendo muitos registros, é sabido que funcionários municipais e voluntários realizaram centenas de atendimentos de saúde às vítimas de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo em locais como a Arena 4, unidades de saúde de Mariana e região, e também nas comunidades. (PINHEIRO *et al.*, 2019, p.165).

As pessoas ficaram abaladas e tristes, palavras ressonantes em quase todos os discursos e relatos das bordadeiras.

A Samarco acabou com a vida de muita gente, porque muita gente aqui morreu de tristeza, ah, morreu de tristeza! (MCP).

Eu custei estabilizar, porque fiquei muito tempo.... Parei de bordar, né? Na época que a barragem desceu, custei a estabilizar financeiramente e emocionalmente. Fiquei muito apreensiva. Era trator e caminhão pra lá e pra cá. A questão das poeiras, a questão da lama, a poeira, nossa! Poeira demais, caminhão pra lá e pra cá... o cheiro, tinha que conviver! (LGR).

As pessoas não saiam mais de casa, muitas pessoas ficou muito abaladas, né? (LGR).

O povo ficou meio triste, o povo entristeceu! (MCP).

O volume de rejeitos que invadiu a cidade de Barra Longa abalou não somente a estrutura psíquica de toda a comunidade, como veio carregado, dentre outros, de um odor insuportável e um elevado índice de toxicidade, devido às altas concentrações de metais não aproveitados pelas mineradoras: sulfonatos, aminas e cianetos, solventes como soda cáustica e o ácido sulfúrico, além de metais pesados que podem ser considerados perigosos para a saúde do homem e do meio ambiente (VORMITTAG; OLIVEIRA; GLERIANO, 2018).

No total, 43,7 milhões de m³ de rejeitos desceram de Fundão. O material, composto de água, partículas sólidas de óxidos e hidróxidos de ferro, minerais portadores de traços de alumínio, além de óxidos de manganês e sílica/quartzo, e em menores concentrações, de metais-traço como chumbo, cobre e zinco, passou por cima da barragem de Santarém, que reteve grande parte dos rejeitos. Em seguida, a parcela restante desse material atingiu Bento Rodrigues – distrito do município de Mariana (MG) situado a 8 quilômetros de distância da estrutura de Fundão. (SAMARCO, 2016, p. 62).

Apesar de não terem conhecimento técnico sobre o conteúdo da lama, nos depoimentos, as meninas apontam uma noção mínima dos perigos aos quais estavam expostas. Tanto AMP como algumas outras bordadeiras afirmaram ter muito medo de doenças.

Tinha medo de doenças, porque é muito minério, a lama é muito perigosa. Teve pessoas que tiveram alergia, ficaram doentes, alguns mais fortes, né? Escaparam, né, mas teve gente que ficou doente! (AMP).

A lama, gente, não tinha nem como, era cola. Era um mau cheiro, gente! Assim como eu tirava, eu vomitava, eu fazia vômito de tanto, de tanto... (DFFB).

No outro dia um cheiro muito forte de enxofre, sabe! (MAL)

É necessário considerar as especificidades dos acometimentos locais e a realidade socioambiental de cada cidade atingida, pois os variados cenários de destruição provocados pela lama trouxeram tanto prejuízos no abastecimento da água quanto econômicos. Porém, no que tange à manutenção da saúde de ordem física e/ou psicológica das comunidades, presumia-se que houvesse um aumento de casos de estresse pós-traumático, depressão e outros transtornos mentais e até suicídios, intoxicações, dermatoses, doenças respiratórias, cânceres, infartos, acidentes vasculares cerebrais, doenças infectocontagiosas e acidentes de trabalho (PINHEIRO *et al.*, 2019).

Vormmitag, Oliveira e Gleriano (2018) acrescentam que, na literatura científica, até então, não há registros de outro desastre com a magnitude do que ocorreu em Mariana. Essa afirmação baseia-se no fato de ter havido interferências na água, no solo, no ar, na fauna, na flora, sem falar nos danos emocionais e mentais sofridos pela população atingida, o que ocasiona efeitos colaterais significativos e de grande abrangência na saúde humana.

Antes era tranquilo. Eu fiquei muito ansiosa depois da lama. Eu tenho muito medo de vim outra. Eh! ... Se a outra vim, arrebenta com Barra Longa. Tanto que eu tava doida pra ir embora pra Dom Silvério, meu filho não quer ir (IFL).

Estou bem, com o coração bom, mas é só o emocional mesmo (ATLV).

Esse ano tô doente, presa dentro de casa (IFL).

Não, lá na minha casa ninguém teve nada de doença graças a Deus! Meu outro irmão que morreu, que já tava de depressão, ficou mais depressivo ainda, né. Mais o outro não, o outro é forte (MCP).

Mexeu um pouco comigo. Mexeu, sim, principalmente em relação à minha família, uma outra irmã que foi afetada lá em cima. Eu entrei muito em depressão. Passei no psicólogo. Durou dois meses e passou. Foi muito constrangimento, né, esse negócio da barragem. Muita gente perdeu as coisas, né? (SRC).

Ainda a respeito dos efeitos da presença excessiva de materiais pesados no organismo humano, o Departamento de Microbiologia do Instituto de Ciências Biomédicas/SP, em estudos sobre o risco da presença de metais pesados no corpo humano, afirma que eles não são sintetizados e nem destruídos pelo organismo e, muitas vezes, essa presença está associada à localização geográfica, seja na água ou no solo e não só pode, como deve ser controlada (NAKANO; CAMPOS, [entre 2002 e 2021]). Muitos metais são considerados essenciais para a vida de todos os organismos vivos, por serem requeridos em baixa concentração, porém, o contrário disso, pode danificar os sistemas biológicos.

Sobre as ações em saúde, a Fundação Renova informa que, apesar de não ter comprovação da relação entre o rompimento da barragem de Fundão e a presença de metais no organismo de quatro pessoas de Barra Longa, vai arcar com a viagem até São Paulo para a conclusão dos exames, assim como fez anteriormente. Após os resultados dessas consultas, o atendimento vai seguir o protocolo estabelecido pelo Estado de Minas Gerais, que visa garantir o acompanhamento e assistência dessas pessoas no âmbito do Sistema Único de Saúde, com apoio da Fundação Renova. A entidade esclarece que segue as diretrizes da Câmara Técnica de Saúde e das Secretarias municipais e estaduais e do Ministério da Saúde. (FUNDAÇÃO RENOVA, 2018).

Na saúde ambiental, a exposição a situações ambientais alteradas por eventos disparadores e ameaçadores, como chuvas fortes, inundações, secas ou condições de degradação antrópicas, estabelece inter-relações entre as populações (FREITAS *et al.* 2014).

Na época, mudou muito minha rotina. Na época, foi muito triste. Na época, ninguém fazia nada, tava todo mundo revoltado, com depressão. Eu deprimi, mais assim, só não foi pior, porque eu já tomo meus remédios, eu tenho minha cabeça muito no lugar. Mas aqui em Barra Longa tem muito.... Portanto, aqui tem médico, tem psiquiatra que vem duas vezes por mês, porque tem muita gente de depressão depois da lama. Já tem pessoas que não aguenta, Denise mesmo foi uma. Nossa, Denise ficou ruim de depressão, ela chegava aqui na escada, quando ela via pura lama, que não tinha jeito da gente.... Porque foi mais de metro, foi lama de ficar muito tempo (RBFF).

A generalização desse relato chama a atenção para a grande revolta e consequente estado depressivo por parte da população de Barra Longa. Mesmo

RBFF possuindo recursos financeiros, moradia de qualidade e uma família estruturada, presenciou sua filha DFFB entrar em depressão profunda, a ponto de desejar a morte. DFFB relata que, toda vez que chegava na escada da varanda de sua casa e via a situação de destruição provocada pela lama, tinha vontade de se deitar na cama e não se levantar mais. A Figura 24 mostra a imagem da casa e nos permite observar a altura em que a lama chegou. Segundo DFFB, a lama foi até o quinto degrau da escada que leva à varanda.

Mudou totalmente meu cotidiano! Eu tinha vontade de ficar só numa cama. De morrer, o pessoal da Samarco todo dia vinha aqui, você imaginou o quê que é você ficar quase um ano fora de casa, mudar de mudança (DFFB).

Eh, mas pegou a lavanderia, pegou o banheiro que eu tenho lá embaixo, mas aqui em cima não, graças a Deus. Nem nessa área aqui de cima, também não, foi no quinto degrau (RBFF).

Figura 24 - Lavanderia da casa de DFFB



Fonte: Arquivo pessoal. Foto de DFFB.

Segundo RBFF, o marido da Margarida, que também tem boas condições de vida, casa estruturada localizada na pracinha, não conseguiu superar a dor e, infelizmente, foi à óbito.

A Margarida morava com o marido. Nesse meio tempo, o marido ficou tão mau, que teve que sair de casa e tudo, e ele morreu. Ah, ela fala que é por causa da lama. Foi complicando, complicando, complicando, sabe? E ele morreu (RBFF).

Diante de tamanha tragédia, todos precisam de um atendimento compatível com suas necessidades, porém, quando se fala de uma população em situação de vulnerabilidade, importa que haja um olhar diferenciado em relação aos riscos à saúde. Casos como os de um rompimento de barragem com grandes perdas, menos recursos, trazem consigo maior dificuldade de adaptação, resiliência e susceptibilidade aos efeitos devastadores de desastres dessa natureza (VORMITTAG; OLIVEIRA; GLERIANO, 2018).

Além disto, é importante observar que o desastre, por suas próprias características e dinâmica, não só atualiza uma situação de risco e vulnerabilidade existente, como cria novos cenários de riscos e vulnerabilidades, a depender das condições ambientais, sociais e sanitárias do território. Essas condições de riscos e vulnerabilidades exigem políticas contínuas e integradas voltadas à redução de risco de desastres, pois envolvem as próprias capacidades para a prevenção de riscos presentes e futuros, bem como políticas para a preparação, respostas, reabilitação, e reconstrução de sociedades ou comunidades afetadas (FREITAS *et al.*, 2014, p. 2).

Diversos problemas de saúde se estabeleceram ou se potencializaram com a chegada da lama. Observa-se, por meio dos relatos de algumas “meninas”, casos de depressão, infecções, confusão mental e ansiedade. A maioria teve e tem que arcar com as despesas médicas. Outro agravante, oriundo do excesso de águas paradas, foi o aumento nos casos de dengue.

Eu vou no médico por minha conta, eles não pagaram médico pra mim. Não pagaram pra ninguém (ATLV).

Então, assim, foi problema para tudo enquanto é lado, eu tinha vontade só de morrer, gente, eu fiquei deprimida. Eu vou te mostrar umas fotos. Vocês não têm noção não! Você não tem noção, não tem noção, tô te falando, eu tinha vontade de morrer! Depois foi a dengue. Aí começou com dengue, meu marido pegou e ficou de cama, mãe pegou e eu peguei e eu ainda olhando minha netinha para minha nora trabalhar. Sem aguentar, com a dengue, e ainda olhando menino. Foi assim. Ó, gente, se eu ficar aqui, eu vou ficar dias contando para vocês, a lavanderia entupida, não tinha lavanderia (DFFB).

Eu tive uma doença, como que chama essa doença? Eu começo conversar, num repara não, que eu fico assim.... ehh..., de mosquito, a dengue. A lama foi dia cinco de novembro. Em fevereiro, eu tive uma dengue que eu quase que morri. Eu tive que ir pra UPA, ficava internada várias vezes lá pra tomar soro, foi uma fraqueza, menina! No final, eu tive infecção de urina, eu urinava sangue, tudo era da dengue. Passei mal demais aqui em Barra Longa, o pessoal nunca teve tanta dengue igual teve aqui nesse fevereiro, março, abril até maio. Parecia que o povo todo.... Tinha que vir médico de fora, muita gente tomando soro (RBFF).

MAL afirma que não foi acometida por depressão, mas teve alergias na pele, nos olhos e desenvolveu problemas respiratórios.

Nós tivemos problemas respiratórios, todos tivemos alergia a poeira. Eu tive alergia na pele. Minha menina que teve a respiratória. Eu tive alergia no olho, de inchar o olho (MAL).

Apesar da depressão não aparecer de maneira tão evidente no diagrama de Vormittag, Oliveira e Gleriano (2018), a maioria das entrevistadas afirmou ter sofrido, em algum momento, com essa doença.

Perguntei à IFL a respeito do que sente ao ouvir o toque da sirene, que soa uma vez ao mês a título de treinamento da Samarco, para evacuação da cidade em caso de rompimento, ela disse não ter problemas de pânico ao ouvi-la, mas tem medo de novas tragédias. Afirmou ainda que, apesar da doença de Parkinson ter se agravado após a lama, não perde o sono por nada e que a perna machucada no dia do rompimento dói até hoje. Porém, segue firme sobrevivendo a tudo isso. Ela deseja ir embora de barra longa. O medo se tornou uma de suas doenças.

Figura 26 - Foto da perna de IFL, lesionada no dia rompimento



Fonte: Arquivo pessoal. Foto da autora.

Essa vantagem eu tenho, nada tira meu sono, nem alegria, cansaço, tristeza, nada, eu deito e eu apago. [...] Moro eu, meu marido e meu filho. Meu marido queria mudar de cidade, falou que ia, tanto que chegou a olhar casa pra comprar lá (Dom Silvério). Quando meu filho percebeu que nós ia, falou assim: “mãe cê pode ir, eu não vou não, vou ficar”. Tá com 34 anos, mas é meu menino, né? Mãe não deixa filho pra trás. Rsr. Se ele casasse, arranjasse alguém pra ficar com ele, né... (IFL).

Olha, pra te ser sincera, não sei te explicar o que eu senti. Eu tava começando com mal de Parkinson. Eu travei. [...] O Parkinson parecia que eu tava começando, mas depois ele agravou. Tem a ver com o desastre, por dentro a gente ficava machucada. E ainda tem outro detalhe comigo, quer ver? Vou te mostrar. Na fuga da casa eu peguei uma caixa pesada, e não dei conta de carregar, ela soltou na minha perna, olha lá. Não quebrou, mas se tivesse quebrado, hoje eu teria um problema sério nessa perna? Isso foi no dia da lama, amassou o tendão da perna. Isso dói minha filha, você não imagina quanto! Tem dia que incha e fica aquela bola na minha perna. Eles fica assim, leva a Samarco no pau! Eu digo, levar pra quê? (IFL).

As reações ao caos são diversificadas. Algumas bordadeiras dizem que só o fato de participarem das reuniões e manifestações já ficam doentes. Outras afirmam que desistiram de participar das manifestações porque “no final, é tudo a mesma coisa. Quem grita ganha!”.

Que eu parei também de acompanhar as manifestações, porque tava me deixando doente. Então, o médico pediu pra mim parar de correr atrás se eu quisesse sobreviver, senão eu ia morrer (ATLV).

Eu e minha menina entrou em depressão, hoje eu tenho problema de coração, problema de pressão alta, por causa disso, sabe? (Choro) Se tem uma chuva mais forte, a gente tem medo! (ALTV).

Não dá pra sentir bem não, eu pelo menos não consigo mais não. Eu hoje, meu médico pede muita tranquilidade, estou com mal de Parkinson, se eu ficar nervosa, se você me deixar nervosa e eu ficar contrariada, eu travo, não falo e nem ando. Ele fala assim, dona (IFL), faz aquilo que você sente bem (IFL).

Com relação às decisões de indenizações, eu prefiro até não falar, mas eu tenho queixa da Renova, porque começou com Samarco, depois passou pra Renova, né? E você é convidado para as reuniões, fazia as reuniões sabe, mas depois a gente passou até nem ir nas reuniões, porque começou a ser baixaria, sabe? Quando, às vezes, a gente ia tratar algum assunto, vinham outros que, às vezes, nem tinham sido atingidos e começavam naquela confusão, que queria, sabe, que tinha perdido a casa, que tinha acontecido isso, que tinha acontecido aquilo, acabado com as plantações, sabe? (RBFF).

Diversas pessoas que se manifestaram nas reuniões, também relataram uma percepção, quase unânime, de que muitos problemas foram potencializados ou identificados após a chegada da lama, como, por exemplo, alcoolismo, síndrome do pânico, desânimo, tendências suicidas e desentendimentos familiares. De acordo com eles, o crescimento é assustador (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2019).

Outras consequências relacionadas à situação acima, que agrava ainda mais, é a questão do custo de vida das famílias, que precisam comprar água para cozinhar e beber. Um estudo realizado por Souza *et al.* (2018) apontou que, antes do rompimento da barragem em Mariana, 98% da população ribeirinha utilizava a água

do Rio Doce para suas atividades de rotina. Atualmente, 38% da população continua utilizando essa água e, desses, 87% utilizam-na apenas para irrigação, pois os agricultores não mais consideram esse bem tão precioso confiável para consumo, mesmo após seu tratamento. Apenas 41% dos entrevistados, afirmam receber água de algum órgão ou instituição. Quando se fala em Rio Doce, a emoção vem à tona, devido a sua importância, assim como ao tamanho da destruição causada pela lama e aos impactos negativos na vida da população, que depende desse rio para sua sobrevivência (SOUZA *et al.* 2017).

Na edição de julho, do jornal Terra da Gente, Carvalho (2019) fez referência a uma ação de formação desenvolvida pelo Instituto Elo,³⁴ por meio da oferta de oficinas temáticas. Ao todo, 60 integrantes que vivem em municípios mineiros e capixabas, ao longo do Rio Doce, participaram de oficinas temáticas realizadas pelo convênio do instituto com a Fundação Renova. A ação foi realizada em Barra Longa e outras quatro oficinas, em Governador Valadares, com o objetivo de promover o aprendizado em Gestão e Produção Cultural, Gestão e Comunicação, Audiovisual e Agroecologia, visando contribuir para a transformação do futuro das comunidades atingidas pelo rompimento de Fundão.

Ações dessa natureza buscam remediar e amenizar o problema após instaurado, porém, mais importante do que remediar é prevenir. Apesar dos municípios possuírem comitês de Defesa Civil que precariamente fomentam ações de prevenção de desastres ambientais em regiões de extração minerária, existe pouca informação para emergências relacionadas à saúde pública. Isso sem falar na visão geral escassa da necessidade de mais colaboração, comunicação e interação entre os diferentes atores sociais e setores governamentais, para prevenção e minimização dos impactos causados por desastres ambientais (VORMITTAG; OLIVEIRA; GLERIANO, 2018).

O Ministério da Saúde propõe, em caso de emergências sanitárias, a implementação de uma rede de informações e ações em saúde, com propostas de criação, divulgação e cumprimento dos planos de respostas às emergências em

³⁴ O Instituto Elo é uma associação privada sem fins lucrativos qualificada pelo Governo de Minas, em 2005, e pelo Governo Federal, em 2006, como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip). Fundado por profissionais com formação e experiência na área de desenvolvimento social, o Instituto Elo constrói, avalia, desenvolve e gerencia projetos sociais, com o propósito de fomentar a inclusão de sujeitos e comunidades com histórico de exclusão e trajetória de risco. (INSTITUTO, 2020).

saúde; ampliação e comunicação à população sobre ações em andamento; aumento da capacidade de resposta para a área atingida; divulgação de rotas de fugas; além da implementação e da divulgação de sinalização de emergência (VORMITTAG; OLIVEIRA; GLERIANO, 2018, p. 124).

Os impactos de desastres ambientais como os provocados pelo rompimento da barragem de Fundão sobre a saúde humana ocorrem e se mantêm de maneiras diversificadas. A invasão da lama foi responsável por efeitos negativos diretos e indiretos, de curtos, médios e longos prazos, levando em conta as características do evento e a vulnerabilidade social de cada comunidade envolvida no processo.

5.6 Invasão de Barra Longa – mudança brusca na rotina de uma cidade

Em 6 de novembro de 2015, um dia após o rompimento da barragem de Fundão, de propriedade da Samarco, a cidade de Barra Longa inicia um novo capítulo em sua história. Através das águas do Rio Gualaxo do Norte, com nascente em Ouro Preto, chegam a essa cidadezinha interiorana e pacata toneladas de lama carregada de rejeitos, impactando a vida dos cidadãos residentes na cidade e nas comunidades rurais adjacentes. Os rejeitos danificaram casas, instalações públicas, comércios, espaços de uso comunitário e vias de acesso (LIMA, 2016).

De acordo com LGR, essa dificuldade de acesso à cidade causou um grande transtorno para os moradores, que eram obrigados a esperar a hora certa até para sair de casa.

A questão dos trabalhadores na cidade me incomodou “um pouco” cê tinha que esperar, tinha hora pra esperar. Tipo assim, se eu fosse pra casa da minha mãe, se fosse de carro, você tinha que ficar mais de hora esperando abrir daqui pra lá, de lá pra cá (LGR).

A Praça Manoel Lino Mol, principal área de convivência do município, foi totalmente destruída. Sua reconstrução se deu no início de junho de 2016. No campo, foram danificadas plantações, criações de animais e equipamentos utilizados por produtores envolvidos com as atividades agrícolas. As pontes de acesso à cidade foram derrubadas pelo mar de lama, impedindo o trânsito e o consequente escoamento da produção local. Os rejeitos se acumularam às margens e no fundo dos rios que cortam as cidades atingidas e seus afluentes, comprometendo a paisagem local e, principalmente, o uso de suas águas.

As vias públicas de Barra Longa e Acaiaca também passaram por reforma. Parte dos danos nesses locais foi causada pelo tráfego intenso de veículos pesados em função das intervenções de reconstrução e reforma. As obras envolveram atividades de tapa buraco e recomposição de pavimento em nove trechos das duas cidades. Foram 4 mil m² de asfalto refeitos na rodovia Edmundo Costa Lana e em trechos da MG 326, além de, aproximadamente, 14 mil m² de calçamento dentro do município. No centro de Barra Longa, foi recuperado o antigo pavimento em pedra gnaisse, mantendo as características originais das ruas. A previsão é que o trabalho seja concluído em dezembro de 2016 (LIMA, 2016, p.31).

Figura 27 - Placa de lançamento da reconstrução da Praça Manoel Lino Mol



Fonte: Arquivo pessoal. Foto da autora.

Barra Longa, repentinamente, foi invadida tanto pela lama destruidora quanto pelos trabalhadores da Samarco. O cenário da cidade foi modificado devido à presença de pessoas que vieram de várias regiões do Brasil, dispostas a ajudar com o trabalho de remoção da lama dentro e fora das casas. Eles trouxeram também doações de roupas, alimentos e água. Foram tantas doações que DFFB disse que o prefeito e o pároco da cidade foram obrigados a solicitar a paralisação dos envios, por não ter mais onde armazená-las. Apesar dessa ajuda ser considerada importante pelas bordadeiras, trouxe consigo ainda mais transtorno, tendo em vista o caos já instaurado. Houve interferências, inclusive, na questão da segurança da cidade. Algumas meninas relataram que, devido ao aumento de assaltos em suas residências, tiveram que trancar as portas das casas, hábito esse, não costumeiro da cidade.

Nossa senhora! Aqui era carro, carreta, caminhões enormes, pesados, tanto que abalou a igreja, que tinha acabado de reformar a igreja e tá aí toda esfolada de novo. Eles começaram a mexer com ela, aí veio a pandemia e fechou tudo (IFL).

Agora a comida que a comunidade dava para os trabalhadores vinha de doação. Veio doação de tudo enquanto é canto do Brasil pra nós! Imagina! Chegou um ponto que o prefeito, o padre pediu pra eles não mandarem mais, porque não tinha aonde pôr (DFFB).

E todo dia, não tinha uma dia, vinha carro do Rio, São Paulo, Brasília, tudo passava na porta aí, cheio de material de limpeza. Foi muita doação que nós ganhamos, muita, muita, só coisa boa. Um conforto pra gente. A gente não sabia que ia ganhar um terço daquela doação, roupa, calçado, alimentos, remédio (IFL).

Você não conseguia andar na cidade não. Carro na sua porta estacionado, aqueles caminhões grandes, a gente não sabia nem de onde vinha. Foi um Deus nos acuda! A gente tinha medo, não sabia quem estava do seu lado. Eles eram muito respeitosos, mas a gente tinha aquele medo, insegurança, era homem demais. Nossa senhora! Na hora que eles chegavam pra trabalhar e na hora de irem embora, você só via ônibus, vãs e aquela homaiada, a gente não sabia nem quem era. Hoje ainda tem homens trabalhando na cidade e tem dois ônibus, 7 horas da manhã, 8 horas eles passam na minha porta pra trabalhar. Tem uma turma no meu sítio trabalhando. Perdemos, com essa nova rotina na cidade, a oportunidade de trabalhar mais, né, porque nem saía de casa, com esse tanto de homem na rua (IFL).

Veio muita gente de fora, foi péssimo, foi péssimo e começou tendo assim, uns assaltos, sabe? Depois as empresas parece que foram mais rígidas e começou a observar mais, e ter mais força com os funcionários, né? Algum que fazia alguma coisa errada, mandava embora. Mas aqui ficou de um jeito, eu coloquei interfone na minha porta. Eu não tinha interfone, eu coloquei interfone por causa disso. Sentava essa quantidade de gente aí na porta, no horário de refeição, que eles pegavam por esses restaurantes aí embaixo tudo, aí vinha tudo fazer o quilo cá pra cima. Hoje tá até proibido. Hoje eu fiquei sabendo, os restaurantes tão fazendo as marmitas, e tão levando lá perto da obra (RBFF).

Eh, ali na igreja. Vieram de São Paulo. A sobrinha da minha mãe mesmo, é evangélica, ela veio também sabe, veio o marido dela, veio muita gente de lá. Toda gente que ficava sabendo de fora, vinha ajudar, mas aqui de Barra Longa não (DFFB).

No princípio veio muita gente, muita gente, ajudava, veio muito curioso, veio pessoas com maldade, a gente achava que tava ali ajudando, mas não tava, queria era aproveitar o momento (ATLV).

Os relatos de ATLV foram marcados por muita indignação e revolta pela invasão de sua privacidade. Ela relata a presença e o desrespeito de estranhos em sua rua, trabalhadores da Samarco, que utilizavam, de porta aberta, o banheiro químico instalado defronte a sua janela.

Aí, eu tô fazendo almoço, tava lá uma turma de homem no quintal. Eu já tive briga com eles porque eles botaram o banheiro químico de frente pra minha janela da cozinha, que o prédio lá foi mal feito, a pia fica debaixo da janela, nunca vi isso mais fica debaixo da janela, e aí na parte da manhã é a parte que você mais fica na cozinha, dona de casa, que você vai fazer um almoço, arrumar a cozinha de café, e tudo, e os homens entravam pra usar o banheiro e nem fechavam a porta, sabe? Sabendo que tinha casa, aí eu fui falar e aí achou ruim ali comigo. Eu falei: “Eu não quero aquele banheiro ali”. Eu não

quero nem que o meu marido faça ocorrência nem nada, eu quero, eu como mulher, eu tenho o direito, eu tenho filha, minha vizinha e tudo. Aí eles tiraram o banheiro, mais foi uma luta! Até isso. Eu comecei a ter que lutar por coisa que eu nem imaginava (ATLV).

Ela reclama da falta de liberdade em ir e vir sem ser observada e que não tinha sossego nem para descansar em sua própria casa, situação essa que não acontecia antes da tragédia.

No princípio tirou a liberdade da gente, né. Porque era muito homem na rua, muito homem, você tropeçava. Então, cê ficava até constrangida de sair na rua, igual eu gosto muito de usar short, minha blusinha e tudo, minha menina também gosta. Não é roupa vulgar, mas você acaba ficando constrangida, porque você tá numa cidade, que você sai todo mundo normal. Mas quando você está numa cidade cheia de homens que você nem nunca viu na sua vida, às vezes tá deitado no seu passeio, eu não tinha liberdade na porta de casa pra mim tirar um cochilo, eu tinha que ir lá chamar atenção deles ou ligar pra alguém, pra eles pararem de ficar conversando debaixo da minha porta, porque deitava, ficava batendo papo, horário de serviço (ATLV).

E a gente saía na rua e os homens encarando mesmo, sabe? Porque, assim, quando você vai pra praia ninguém fica te reparando, eu tô acostumada a andar em cidade grande, ninguém fica te reparando. Mas, aqui chegou um momento, a gente viveu isso foi muito tempo. Tipo assim, de você ter que sair e os homem tão no meio do passeio de todo mundo, sabe? (ATLV).

“A gente não tinha liberdade”, disse MAL, a cidade nunca mais foi a mesma.

O único que eu acho que pegou muito, porque nós sempre fomos muito de conversar com os amigos, os vizinhos principalmente, de tirar uma horinha por dia pra tá olhando os vizinhos, conversando e tudo, e esse lazer foi suspenso. A gente não tinha liberdade porque vieram muitas pessoas e isso foi cortado (MAL).

Até hoje é muito complexo falar. Eu falo que eles (a Samarco) vieram, estragaram uma comunidade, estragaram uma cidade (MAL).

Os relatos denotam total ausência de sensibilidade e excesso de negligência por parte da Samarco, ao delegar pessoas que não estabeleceram condutas adequadas para trabalharem na reconstrução da cidade. Ao designar esses trabalhadores, a cidade foi invadida pela falta de privacidade, bem como a falta de respeito ao próximo. Possuidores de vidas simples, os Barra-longuenses precisaram conviver com mais adversidades.

Acosta (2016, p. 90) recorda que, para que alguns possam viver melhor, milhões de pessoas tiveram e têm que viver mal. É importante não confundir “bem viver” com viver melhor, pois, o segundo, vem atrelado a um progresso material

ilimitado, numa competição permanente com nossos semelhantes, no sentido de produzir mais e mais, incentivando, assim, a disputa, totalmente contrária à harmonia. Já o “bem viver” sinaliza uma ética da suficiência para toda a comunidade, e não somente para o indivíduo. Segundo o autor, urge construir uma sociedade solidária e sustentável, com respostas políticas que visam à cultura do estar em harmonia, com instituições que assegurem a vida.

A falta de privacidade e a mudança de um estilo de vida pacata para uma vida atribulada e repleta de grandes perdas trouxeram sofrimentos a essa comunidade, forçada a novas adaptações a uma realidade experienciada, mas não desejada, de modo que ainda não é possível mensurar seus significados. As consequências da tragédia se arrastam até os dias de hoje e estão longe de se estabilizarem, para que o “bem viver” possa ser minimamente restabelecido para essa comunidade.

5.6.1 Onde e como eu gostava de bordar antes do rompimento?

Um pequeno grupo de mulheres se reúne para compartilhar questões da vida privada, num desejo de entrelaçar vidas e linhas, estreitar laços, aperfeiçoar e dividir os saberes práticos de como bordar com aquelas que se interessam em aprender e ressignificar-se, numa conexão onde o bordado exerce total junção de arte, prazer e trabalho (SOUSA, 2019).

Antes do rompimento da barragem de Fundão, algumas bordadeiras se reuniam para bordar, de acordo com elas, na praça, na porta das casas, dentro de casa e em lugares cedidos por alguém. Essas práticas foram preteridas em decorrência da presença de trabalhadores da Samarco e de outras pessoas estranhas transitando o tempo todo na cidade.

Eu bordava na praça. Fazia meus artesanatos na porta da casa, porque eu morava na praça, né? Bem dizer na praça, na varanda da minha casa (ALTV).

Eu não tinha costume de bordar na pracinha, mas via a Denise de Zizinha. Bordava muito em praça. Pici também bordava, antes do rompimento. Depois do rompimento... (IFL).

Ah, muito difícil! A gente passeava na pracinha assim, juntava certas bordadeiras, às vezes. Tinha hora que a gente juntava um pouquinho, aquela turma, e ficava bordando, mas era mais aqui no bar, aqui do lado, nessa pedra aqui. Minhas colegas vinham na porta aqui do lado da padaria, do nosso bar, no restaurante, tinha uma mesinha do lado de fora e eu vigiava também o bar, bordando. Eu costurava aqui na porta do lado do restaurante. E o pessoal de fora chegava, via e muita gente que frequentava o bar também comprava

os bordados na minha mão e, além de tudo, eu ainda saía, tinha o dia da semana que eu saía, a quarta-feira, de acordo com as encomendas, para vender e para entregar as encomendas. Eu ficava muito aqui no bar e, depois que nós fechamos, eu ficava do lado da igreja ali na porta. Os outros ficava assim: “você tá vigiando a igreja, hein, Denise”? - Pergunta aí para você ver no Barra Longa. Ah, eu gostava! (DFFB).

Tinha esse grupo de bordadeiras que já saíam, mas eu não fazia parte do grupo. Bom, elas bordavam assim, o bordado era sempre em casa, elas não tinham lugar, depois elas ganharam um espaço que uma pessoa de bom coração cedeu pra elas, porque elas não tinham que pagar aluguel nem nada, né? Um homem, chamado Mirim, que cedeu um espaço, onde elas expunham os trabalhos delas e era do grupo. Eu não bordava lá na pracinha não, mas tinha gente que fazia isso (AMP).

Depois que fechou o restaurante, eu ficava ali na porta de casa bordando, aí todo mundo de fora que chegava via, tinha umas colegas minha que vinha, tinha a mesinha aqui do bar, aí a gente ficava costurando. Pergunta todo mundo de Barra Longa para você ver (DBBF).

Eu comecei bordar na casa da minha cunhada, eu bordava muito pra Pici, pegava bordado direto dela (SRC).

Não, só gosto de bordar dentro de casa o tempo todo (RBFF).

Eu não tinha costume de bordar na praça não, algumas vezes, que a gente encontrava, tinha alguém assentado na praça, a gente ia lá e assentava, mas eu nunca tive o hábito de assentar na praça não (MAL).

O richiliê é um bordado específico para ser feito utilizando a máquina de costura, então, MCP não conseguia sair às ruas para bordar. Bordava dentro de casa.

Eu não bordava na praça não, bordava em casa, mesmo porque, é muito calor, muito sol, muita folia de menino, e essas coisas a gente tem que fazer num lugar mais quieto, porque tem coisa que você tem que cortar o cone, dividir, entendeu, concentração. Exige concentração, porque tem que contar, matiz também a gente não pode ficar conversando por que... né? E o richiliê é na máquina mesmo, tem que tá ali ó (MCP).

No caso de IFL, juntamente com o fato de perder sua máquina de bordar *Richiliê*, perdeu também sua motivação. A dificuldade em encontrar uma nova máquina de boa qualidade fez com que ela mudasse seu estilo de bordar.

Não bordava na praça e nem na porta de casa porque antes eu bordava na máquina Richiliê, só que minhas máquinas foram embora na lama. E eu não consegui achar outra máquina boa. Pra fazer de qualquer maneira, não adianta. Aí eu voltei a bordar à mão, e bordar à mão, eu gosto de ficar na minha casa mesmo. Você me acha 24 horas na sala. Doze horas quase eu fico bordando (IFL).

Você perde até a motivação. Eu mudei de estilo porque eu fazia o Richiliê, que eu dava até para outras bordadeiras. Igual tô te falando, né, porque eu não mexo só com esse (ela mostra o bordado), eu mexo com Richiliê, eu mexo com bainha, e eu dava bordado para muita gente. E isso tem que ter

um dinheiro em caixa. Como é que eu ia continuar com meu bordado, com problemas, que todo dia eu tinha que ir... Com o terreiro da minha casa toda arreventado, que eu vou te mostrar a foto da casa (DFFB).

Além de bordar em casa, IFL também gosta de bordar no sítio, porém todas as bordadeiras foram unânimes ao dizer que os encontros em locais públicos para bordar eram frequentes e que, após o rompimento, essas práticas foram abandonadas. O povo está desiludido.

Não, eu não eu ia pra praça, eu ia pro meu sítio, a 2 km daqui. Convivo muito bem com as pessoas da cidade, graças a Deus. Fazia todo ano a nossa novena de natal, que era muito bonita em nosso bairro. Depois da lama, não fizemos mais, não sei por quê. Muita poeira, o local que a gente encontrava ficou com muito barro, agora que normalizou, refez lá e tudo, mais assim, o pessoal ficou meio perdido na cidade, a poeira tá muito forte ainda (IFL).

Eu não bordava na pracinha. A Denise de Zizinha, bordava muito em praça. Pici também bordava, antes do rompimento. Depois do rompimento, acabou tudo, ninguém mais borda, não tem graça nenhuma (SRC).

Agora não tem isso mais! Não bordo mais na praça e nem na porta de casa. Cabô! (ALTV).

As modificações não foram apenas nos locais onde bordavam. Com a chegada de trabalhadores e voluntários para auxiliarem na limpeza das casas e da cidade enlameada, o bordado foi delegado a segundo plano, ficou na borda. Segundo AMP, a prioridade era limpar a sujeira e foi necessário fazer um mutirão para servir desde o café da manhã até o jantar para os voluntários, num trabalho ininterrupto de ambas as partes, não havendo mais tempo para se dedicar ao bordado.

E depois do rompimento essas práticas de bordar iam continuar como? Não tinha jeito! Eu parei porque eu já não tinha tempo de bordar, quando chegaram os voluntários, no momento, aí a gente teve que parar tudo. Porque eu e mais um grupo de pessoas e um monte de gente veio pra cozinha fazer comida, não podia deixar o povo morrer de fome. Veio um grupo grande de voluntários, pra ajudar a limpar a lama da cidade, aí a gente veio lá pro salão paroquial, o salão da igreja, a igreja que sempre tá ajudando, e aqui como a gente tem um bom espaço, a gente foi ajudar a dar comida, a fazer a comida. A gente trabalhava de sete da manhã às oito da noite, desde o café da manhã. A gente servia pro pessoal até a janta, porque não podia deixar o pessoal trabalhar nessa lama e com fome, não tinha como, né? Então, eu que quis vim ajudar, aí eu parei tudo, né, não olhei mais pra bordado nem nada, minha casa ficou praticamente abandonada. Ia pra casa somente pra dormir, e era assim, e a gente... e a gente ficou muito tempo fazendo isso (AMP).

DFFB destaca a importância do trabalho dos amarelinhos,³⁵ assim carinhosamente chamados pela comunidade local, e afirma que foram eles que ajudaram a tirar a lama de sua casa antes que ela secasse. Isso fez toda a diferença, pois, segundo DFFB, se a lama seca, vira uma camada de pedra dura, que não tem condições de ser removida. Disse que todo o esforço era dedicado à remoção da lama e não havia condições de costurar ou bordar porque a casa estava toda arreventada e entulhada, assim como suas emoções.

Depois da lama não teve jeito, as portas ficavam lotadas de gente, não tinha nem como sair. Gente de fora para ajudar tirar a lama, as firmas já contratando, os voluntários amarelinhos, aqueles evangélicos da Igreja Batista veio para ajudar a tirar a lama. Ajuntou muita gente aqui em casa, e o pessoal da Samarco começou... (DFFB).

Não tinha como costurar aqui, ficou tudo entulhado, rebentado, não tinha jeito nem de você ir no supermercado não tinha jeito de você sair na rua não. Não fazia compras. E foi uma época de final de ano. Menina! Aquela dificuldade, não tinha nem jeito, meu carro ficava aqui na rua, no meio aqui, até para mim entregar minhas encomendas em Ouro Preto foi difícil. Porque você sair de uma casa toda lamada, olha para você ver que cabeça que você tem, e a dificuldade de você sair até da cidade, não teve jeito não, a gente, o psicológico da gente... (DFFB).

Com muita indignação, DFFB afirmou que a população local, denominada por ela como “companheirada”, moradores do alto da cidade, não fez movimento solidário algum em prol de ajudar os vizinhos no dia do rompimento.

No dia da tragédia, muita gente até comentou, não teve companheirada para ajudar, não, acudir o povo não, o povo do morro, todo mundo ficou quieto no seu canto, quem veio foi aqueles amarelinhos, pessoal da igreja Batista, sabe? Eles mesmo que nos ajudaram tanto! É que muita gente na praça deixou a lama secar, aí causou mais problema. Aqui em casa, a gente não deixou a lama secar, meu marido trouxe o pessoal da roça, com o pessoal do amarelinho e aquele trator, e eu ficava igual uma louca naquele trator! “Você vai morrer menina”, os homens falavam assim! “Você vai morrer aí!” Por que eu falava assim: “Moço, eu não vou sair”, eu ficava com enxada. E o moço do trator mandando eu sair. E aí a gente foi com as enxadas. E o trator puxando da garagem para trás e, com isso, a gente tirava da lavanderia para não secar e para não prejudicar mais, entendeu? E, com isso, os moços ficaram, menina, ajudando, né, mãe? Tomaram até banho aqui em casa. Ficaram muitos dias, ajudou muita gente aqui em Barra Longa, muito mesmo (DFFB).

A ênfase no trabalho dos amarelinhos apareceu nos depoimentos de outras “meninas”, cujo destaque era a solidariedade, a humanidade e a gentileza dessas pessoas. IFL disse que estava tão desorientada que não reconheceu, em meio àquela

³⁵ Apelido dado pelos moradores da cidade, aos voluntários evangélicos que vestiam camisas amarelas, vindos de diversas regiões do Brasil, para ajudar os atingidos.

solidariedade, a figura de sua prima, que também fazia parte dos voluntários “amarelinhos”.

Aqui teve muitos voluntários, não, Ana Maria? Teve os amarelinhos. Eu fiquei tão nervosa. Na época que foram limpar minha casa, tinha uma prima trabalhando lá, e eu não conheci a menina, filha de Eduardo. A casa que eu tava morando tinha uma rampa de cimento com vários degraus, aí eles sentavam, aquela turma de gente e eu fazia café, fazia broa, bolo e ficava aquele turmão de gente. E tinha dó, porque eles tavam de voluntários, né, e eu não ia servir alguma coisa pra eles?! Comida, tudo a gente dava. Do meu dinheiro mesmo (IFL).

LGR afirma que os problemas vão além de devolver à cidade um cenário habitável. Ela reclama que não existe mais relacionamentos entre os moradores ou, se ainda existe, são poucas as pessoas que se relacionam. As costuras de suas vidas não passam mais pelos mesmos caminhos.

O relacionamento entre as pessoas aqui de Barra Longa modificou no sentido de que não é igual era antes. Antes tinha movimento de bordado, agora acabou tudo. O movimento tá pouco, acabou. As pessoas na rua saindo, demorou muito! (LGR).

Segundo LGR e SRC, diante de toda mazela vivida pelas “meninas”, a procura pelos bordados praticamente acabou, porém, gradativamente, estão retomando as atividades devido ao aumento da demanda, mesmo com a chegada da pandemia.

No começo a gente ficou quatro anos praticamente sem bordar ou bordando pouco. Agora que tá vindo a demanda de novo. Mesmo com a pandemia, está tendo demanda. Tá, melhorou, mas não está igual antigamente não (LGR).

Eu bordava muito, né. Saía pelas ruas aí, vendia o bordado de porta em porta, pano de prato, esses negócios, né. Assim que era a minha vida. Mexia muito com esse negócio de Natura, Avon, que eu vendia. Aí eu também parei, eu peguei muita dívida também, acabei fazendo dívida (SRC).

Antes do rompimento da barragem, eu tinha muito trabalho, depois diminuiu. Ela (a Margarida) está recebendo encomenda, mas não está tanto igual antes não. Eu não sei porque diminuiu. Como diz, né... (LGR).

Os relatos das “meninas” nos fazem crer que deve demorar para que o território das bordadeiras seja devolvido integralmente a elas, individualmente e coletivamente, para que retornem às atividades e se integrem, de forma conjunta, aos seus costumes e suas raízes, seus bordados e seus pares.

5.7 E agora que tivemos tantas perdas, quem vai nos socorrer?

A empresa Samarco, responsável pelo rompimento da barragem, delegou à Fundação Renova o levantamento e o cadastro dos impactados, com foco nos ressarcimentos e indenizações dos afetados. Além disso, visando à proteção e à recuperação da qualidade de vida dos povos indígenas, dentre outros povos e comunidades tradicionais, a empresa criou um programa de comunicação, participação, diálogo e controle social para reparação das perdas. Na pretensão de oferecer ações indenizatórias de forma ordeira e justa, foram necessários cadastros, também chamados de manifestações espontâneas, realizados pelos próprios atingidos, no sentido de se fazerem conhecer para obter seus direitos de ressarcimento.

O cadastro (Programa 1) é a porta de entrada para os demais programas da Fundação Renova e está em constante aprimoramento. No fim de 2018, contabilizavam-se 28 mil cadastros de famílias (ativos), o que inclui cerca de 91 mil pessoas e 32 mil propriedades. O procedimento começa por uma manifestação espontânea do atingido em um dos vários canais de comunicação da Fundação (0800 ou um Centro Integrado de Atendimento, por exemplo), segue com a aplicação de um questionário detalhado, no qual o atingido aponta os danos sofridos. Uma vistoria local para aferição do dano finaliza o processo (FUNDAÇÃO RENOVA, 2019, p. 17-18).

Todas as bordadeiras entrevistadas, que foram atingidas diretamente, participaram dessas manifestações. Fizeram seus cadastros e apresentaram seus relatos a respeito das perdas sofridas.

Tem o posto da Renova, eles ficam ali. Cada um que tá com seu problema, fica dois atendentes e registra sua manifestação ou tem um 0800 (DFFB).

Fazíamos manifestação ali ó, ali do lado. A manifestação é tipo uma reclamação que você vai, a menina tá lá e vai digitando qual que é o seu problema, para depois ir um técnico na sua casa, ver o que é, para poder ver onde é o problema, entendeu? Então, assim, gente, se eu ficar aqui, vai ficar a noite inteira falando, de tantos problemas que foram. Aqui em casa não tinha muro, não tinha nada mais (DFFB).

MAL afirma que a indenização não foi proporcional aos impactos provocados pela lama e que os critérios para definição dos valores não ficaram claros. Por exemplo, o vizinho dela sofreu danos em sua casa e recebeu indenização, e ela, que também sofreu danos similares, não recebeu. Situações como essas foram motivos de grandes discórdias na cidade.

Aqui em Barra Longa, eu brinco que a lama deu volta, você acredita? A lama passou na minha casa, mas não passou na casa do meu vizinho. Porque o meu vizinho não recebe a mesma coisa que eu. Então, é muito injusta. Eu tô falando em termos de reparação de danos. Porque a mesma lama que entrou aqui na minha casa entrou no meu vizinho. Definitivamente não, a lama não deu volta. Se é para todos, é para todos! Não é que eu preciso, mas se eu sou atingida, então, tenho que ser reparada. Então, aqui em Barra Longa, a lama fez o caminho que eles - a Samarco - quiseram fazer (MAL).

Evidentemente, o modelo de ressarcimento promovido pela Renova é característico da imposição hegemônica de uma visão específica, se levarmos em conta o poder que a Samarco tem sobre Mariana e o judiciário, que impôs limites aos crimes e suas compensações e têm a palavra final nessas determinações. Avaliando a atuação da Renova, vista com um olhar externo, é possível afirmar que existe esforço por parte da instituição em cumprir o que está proposto em metas que lhes foram impostas pela Samarco. Porém, do ponto de vista dos atingidos e suas lutas diárias, fica evidenciado o menor poder que suas narrativas têm de influenciar decisões acerca do justo ressarcimento. “A Samarco, a Renova e o próprio Ministério Público Federal deixaram muito a desejar no que se refere àquilo que deve ser executado” (SANDEVILLE; MAKARON, 2017, p. 25).

Eles fizeram só reposição, não fui indenizada. Começaram a negociar com a gente. Recebemos o valor dos móveis que a gente tinha em casa, mas, tipo assim, eu vou te pagar isso aqui, se você quiser é isso, se você não quiser, cê tem que entrar na justiça, e cê sabe lá Deus quando você vai receber isso, cê entendeu? (ALTV).

Eu participei de manifestações. E eu não fui atendida naquilo que eu tava reivindicando (MAL).

A título de esclarecimento, o papel da mineração na região surgiu a partir de 1930, através de um programa nacionalista de governo, do então presidente Getúlio Vargas, que fez associações entre empresas estrangeiras e nacionais. Em 1960, houve uma estruturação do “Vale do Aço”, em Minas Gerais, permitindo a instalação de empresas de capital estrangeiro na região, dentre elas está a Samarco, fundada em 1977 e controlada por uma *joint venture* entre a Vale e a BHP Billiton - maior empresa de mineração do mundo. A hegemonia de interesses privados proporcionou a privatização da Vale e, antes do rompimento da barragem de Fundão, a empresa, com significativa representação, já era a 10ª maior exportadora do Brasil, com unidades em Mariana e no Espírito Santo, além de escritórios de vendas espalhados

pelo mundo. Em 2013, a Empresa possuía 2,9 mil empregados diretos e 3,5 mil contratados em suas operações, distribuídas entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Barra Longa, assim como Mariana, está diretamente ligada, antes e após o rompimento da barragem, à atividade mineradora, ou seja, à Samarco - controlada pela Companhia Vale do Rio Doce e a australiana BHP Billiton - as quais as cidades estão atreladas devido à uma forte dependência econômica (SANDEVILLE; MAKARON, 2017).

Nas diversas relações de poder, é necessário deslocar a compreensão da esfera privada para a pública, através de um olhar atento com foco em seus efeitos, que são: “[...] silenciamento, estigmatização, deslegitimação, inferiorização e prescrição de formas de vida, pensamento e sociedade.” (ROSA, 2019, p. 231). Apesar dessa dependência econômica, em situações adversas, como é o caso do desastre de Fundão, o discurso oculto é a base simbólica e estrutural para as manifestações públicas de descontentamento. Resistir às ideias de dominação por meio de lutas concretas, (atos públicos, passeatas, manifestos, greves) pode frear a exploração, utilizando como disparadores, além do sentimento de indignação, a negação da ordem social imposta e a luta pela transformação e emancipação humana, provavelmente estruturadas diante de tantas injustiças e desigualdades (ROSA, 2019).

Diante de uma realidade imutável e após diversas tentativas frustradas em ter seus direitos honrados, muitas bordadeiras alegam que, mesmo com a intervenção do MAB, o problema continua sendo arrastado até hoje.

Como representante de um movimento popular, o MAB, fundado em 1980, promove, além da garantia de direitos de indenização, a luta contra a construção de grandes barragens e de novos modelos energéticos, através de um processo de articulação de “[...] interesses dos atingidos frente a empresas, autoridades, Estado e outras entidades envolvidas nos projetos de construção de hidrelétricas.” (FOSCHIERA; BATISTA; THOMAZ JÚNIOR, 2009, p. 136). O MAB, juntamente com a Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social (AEDAS), deveria prestar assessoria técnica independente, objetivando fortalecer a luta das famílias atingidas, porém as ações implementadas se mostraram pouco eficientes, segundo as bordadeiras (MAB, 2020).

Aí veio MAB - Movimento de Atingidos por Barragens. Eu participei, eu fazia parte da comissão dos atingidos. Então, eles instruíram muito a gente de como a gente lutar, correr atrás dos nossos direitos, tudo direitinho. Mas depois, misturou as coisas. Eu sinto isso né, assim, quem tava ali naquela liderança parece que recebeu alguma coisa da empresa, foi comprado, sabe? Porque ocê não vê mais aquele movimento todo, aquela coisa toda, depois veio AEDAS, que é uma assessoria para os atingidos, mas, invés dela assessorar os atingidos, ela tá incluindo mais gente que na minha concepção é atingido, mas de uma outra forma (ATLV).

Ó, gente! Teve uma tal de AEDAS aí, que fica reunindo, reunindo, reunindo e não resolve nada não. Eles comunica das reuniões. Eu já participei de muitas, agora eu falei com a moça: - Eu não quero saber de reunião docês não, não quero saber de mais nada (MCP).

A despeito dessas instituições, o que se observa é um total desamparo aos atingidos que, mesmo ocupando as ruas para dar maior visibilidade às suas reivindicações, não são ouvidos com a precisão necessária para a remediação dos fatos. “É importante salientar aqui, que eram as mulheres que sempre tomaram a frente dessas iniciativas. São elas prioritariamente que usavam o microfone, escreviam os cartazes, puxavam rezas e cânticos ao longo dos protestos.” (ROSA, 2019, p. 250).

Participei de todas, mas no final agora eu parei de ir que tava ficando meio chato o povo. Eles convidavam pras reuniões pra tá discutindo as coisas e eu participava. Não dava opinião, entrava muda e saía calada. Rsrs. Eu queria saber o que estava acontecendo, passo a passo, mas eu não falava nada por que não me sentia bem falar. Eu brincava que eu entrava muda e saía calada (IFL).

Indenização? Coitada docê! Minha casa, depois eles arrancaram o piso da nossa rua, né? O asfalto não, o paralelepípedo e tornaram a colocar. Nisso que tornaram a colocar veio, sabe aqueles rolos que passam no asfalto? Passou na nossa rua. Nossa cidade não foi preparada pra receber esses pesos, né? Trincou as casas toda. Minha casa hoje tá lá, meu irmão teve que abrir uma coluna na parede, rachou tudo. Rachou, fez uma coluna, depois vai mexer na outra. Até o piso que a gente põe assim agarrado na porta, assim do lado de fora, tem uma metade de piso, o piso trincou, rachou. Ele teve que fazer outra coluna, furar lá na laje encher tudo, aqueles coisa de ferro. E atrás, a mesma coisa, na casa da minha cunhada também, vai ter que fazer a mesma coisa (MCP).

Figura 28 - Manifestação nas ruas de barra Longa



Fonte: Movimento (2018). Foto do Movimento dos atingidos por barragens

Outra questão levantada pelas “meninas” é a falta de estrutura organizacional durante as manifestações. Os atingidos têm que preencher um caderno relatando todos os danos sofridos pela chegada da lama, com riqueza de detalhes, e isso, segundo elas, é muito desgastante. Não bastando esse desgaste, elas afirmam que a rotatividade das equipes e a falta de cuidado em arquivar o material recolhido torna o trabalho improdutivo, repetitivo e sem agilidade, uma vez que eles perdem os cadernos, quando vem uma nova equipe, os atingidos têm que recomeçar os relatos desde o início.

Porque quando você acha que as coisas tá caminhando, eles mandam todo mundo embora, aí muda aquela turma toda que tava trabalhando. Aí vem uma outra turma, aí a pessoa te liga e quer saber tudo de novo, o que aconteceu pra poder chegar, pra te pagar, pra resolver seu problema. Aí cê conta a sua história, sabendo que eles têm.... Eu até apelei com a menina esses dia, sabendo que eles têm tudo lá (ATLV).

Você tem a função de saber da minha vida, né, do que aconteceu, pra Fundação Renova me pagar, aí você tem que passar pra outra pessoa, cê tem que passar pra ela! Aí eles mandam aquela pessoa embora e contrata outra no lugar. A lógica na minha cabeça é que você deixa tudo (as informações) ali, né? A nova pessoa chega, vai olhar, ou a outra que trabalhava antes, passou o trabalho pra novata, e tudo. Não! É como se você fosse embora, cê leva tudo (as informações). Aí tem que falar tudo de novo! Aí vai, cê vai, já vai pra cinco anos! (ATLV).

Lá em casa, pelo menos, nós fizemos o caderno, perguntando o que a gente perdeu, foram lá fotografaram as trincas que tinha, foram no quintal ver o prejuízo e tal. O caderno desapareceu. Mas eles não querem ter responsabilidade, eu acho que não tem responsabilidade, porque vem uma equipe e faz o caderno, passa uns dia, vem mais outros e fazem outra entrevista, outra pergunta de novo, e aí quando foi em 2018, todo mundo recebendo os cadernos pra ver se concorda que é isso mesmo que falou, ou

não era. O meu nada, aí eu fui lá reclamar. Vieram outra equipe aqui fazer outra entrevista de novo pra fazer outro caderno (MCP).

Agora, essa semana passada (set. 2020), eu recebi um telefonema de uma perguntando: - “Aquele caderno de 2018 dos questionários que você respondeu, que você reclamou que tinha e que o seu não apareceu, já apareceu?” Eu falei assim: - “Já, porque eles vieram de novo e fizeram outro”. Mas até hoje ficou por isso mesmo. Na nossa rua tem gente que recebeu, tem gente que não recebeu, e ninguém nem lembra da gente, quando a gente ia reclamar (MCP).

Na avaliação de MAL, a mudança constante das equipes de trabalho e a desordem em relação à perda dos cadernos não passam de estratégias da Renova para ganhar tempo e adiar ainda mais as indenizações.

Na verdade, o que acontece é que eles têm uma capacidade de enganar, eu falo, a Samarco, representada pela Renova. Por exemplo, eu estou conversando com você hoje aqui, você é Maira, você trabalha na escuta da Samarco e da Renova. Na verdade, eu acho que quando era a Samarco, a gente era mais bem atendido, entendeu, do que com a Renova. Igual, hoje eu falo pra você, eu falo o meu problema, cê vai escrever todo o meu problema, num diálogo e tudo. Aí, daqui a um mês, eu sou chamada de novo, e eu pergunto como que tá meu processo e tudo, aí, não é a Maira mais, aí é o João, o João eu conto tudo de novo pra João. Você vai me desculpar a expressão, mas eles dão descarga em tudo o que a gente fala, entendeu? Eles jogam fora. E aí você fala tudo de novo, aí depois de uns meses é uma outra pessoa. Isso é uma estratégia deles (MAL).

Diante de tantas incertezas, perguntei se elas tinham sido indenizadas, ainda que minimamente. Um das disseram que os problemas surgem em cadeias, o que agrava mais a situação e que, a cada problema que surge, é necessário fazer nova manifestação. ATLV disse que mora em uma casa alugada pela Samarco e os móveis de reposição fornecidos pela empresa são ruins. Teve que comprar outros com seus próprios recursos para ter produtos de qualidade.

Aqui em casa, como foram vários problemas, até que eles não demoram não. Eles me conheciam, eu sou conhecida em tudo quanto é canto. Cada hora era um problema, era meu marido na roça que perdeu várias criações, que foi a lama lá invadiu tudo, levou embora..., você nem imagina que tragédia que foi aqui em casa não, nossa senhora! (DFFB).

Assim, eu moro numa casa que eles pagam aluguel, água, luz, recebo auxílio financeiro. Compraram um kit móveis muito ruim. Se eu quis comprar uns móveis melhorzinhos, um sofá confortável pros meus meninos sentar, assistir uma televisão, eu que tive que comprar. Se eu quis uma cama melhor pra mim e pro meu conforto, eu que tive que comprar, sabe? Porque o que eles dão, são péssimos. Hoje eu parei, porque agora eu tô até brigando com eles a respeito dos móveis que eles têm que levar lá pra mim, porque tá tudo quebrado, porque são móveis ruins, que não vale nada. Não só pra mim, como pra vários atingidos aqui (ALTV).

Atualmente, as “meninas” bordam na Casa das Artes, localizada em um imóvel alugado pela prefeitura de Barra Longa, com mobiliários doados pelo Serviço Social Autônomo e Ministério Público (SERVAS). Essa situação deveria ser provisória, na visão de IFL, que sonha em ter uma sede definitiva, com estruturas adequadas, oferecida pela Renova.

Nosso sonho é que eles comprassem uma casa pra gente aqui em Barra Longa, mas eu tô sentada esperando. Rsr. Porque o SERVAS³⁶ doou os móveis tudo pra gente, junto com o Ministério Público, a prefeitura paga o aluguel, mas precisava de uma sede, porque se não vai patrocinar o aluguel pra gente, pra onde nós vamos? E se é que eles querem ajudar, então, devia de ajudar com uma sede (IFL).

Observam-se abusos e retrocessos nos direitos humanos das populações atingidas, ausência de medidas preventivas e negligência quanto às questões da segurança das barragens, violação dos direitos à vida, à saúde, à água de qualidade, moradia e emprego, além dos direitos econômicos e sociais, numa reparação injusta ou ausência dela. São atitudes que demonstram que a Vale, mesmo sendo uma empresa de atuação reconhecida globalmente, deixa escapar a oportunidade de aprender com desastres dessa natureza, haja visto o mais recente rompimento da barragem de Brumadinho, no ano de 2019, ocorrido três anos após o rompimento da barragem de Fundão (FREITAS *et al.*, 2019).

5.7.1 Samarco e Renova: o silenciamento

Atos corporativos que resultam em prejuízos para uma sociedade em todas as esferas são considerados crimes corporativos, na medida em que agem por omissão e de maneira ilícita, com consequências de natureza penal, principalmente quando a possibilidade de prevenção é real, porém, não colocada em prática visando diminuir custos (FREITAS *et al.*, 2019).

A Vale, ela é uma assassina, ela é uma criminosa, mas eu acho que o governo em geral, eles são tão criminosos quanto eles, porque quando eles vão julgar uma causa, eles não vão nem aí pra nós, os atingidos. Porque eles tão lá julgando, começaram a julgar que a empresa tem que pagar não sei

³⁶ O Servas é uma organização da sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos. A instituição atua em parceria com o poder público, o setor privado e a sociedade para promover ações que complementam as políticas públicas de desenvolvimento social.

quantos bilhões. Pra quem? Pro estado. E os atingidos? Eles não preocupam (ALTV).

Eu não sabia que a Vale estava explorando minérios na região. Agora, a Samarco eu sei que existia, porque deixa eu te explicar. Quando eu tinha o restaurante, eles faziam manutenção do minério e atravessava aqui em Barra Longa, vinha ali pro lado de Mariana e passava por essas estradas aqui de Barra Longa, eu não me recordo agora as estradas, atravessava aí por cima e passava numa usina do pontal, e aí ia embora pro Espírito Santo. Eles vinham almoçar no meu restaurante e levavam marmitta pros que tavam fazendo manutenção. Eu sabia que eles estavam fazendo manutenção, mas eu não sabia que ia chegar, bom, que ia acontecer o que aconteceu, não. Benefício? Só isto, do restaurante que eu servia comida, no mais, eu não tinha benefício nenhum (RBFF).

De acordo com RBFF, as promessas não saem do papel. Ela cita a restauração do Hotel Xavier e da igreja matriz, imóveis tradicionais de Barra Longa que foram atingidos pela lama e, desde então, encontram-se desativados, aguardando a realização das restaurações. O projeto do hotel só foi elaborado ao longo do ano de 2018, e ainda não saiu do papel.

Faz cinco anos já e tem gente trabalhando aqui, mas assim, não tão fazendo nada ainda. Eles vão, mexe, capina o mato. A gente ainda não viu. Ninguém ainda não viu o serviço deles. Igreja parada, hotel parado, essas casas aí de cima paradas, essas casas que precisa de terminar. [...] Para mim, SAMARCO, assim, foi só problema, só problema! E ainda dá problema, porque nada resolve para gente. E sabe o quê que a gente fica mais chateado? As pessoas que falam mentira é que eles olham. Elas vão para internet, desce o pau, faz manifestação, só essas. E tem pessoas que não foram prejudicadas diretamente, porque prejudicados indiretamente eu acredito que todos, todos da cidade foram, mas tem aquelas que foram diretamente (DFFB).

A minha amiga, Margarida, é bordadeira também da pracinha, sabe, ela saiu da casa dela, a pracinha faz uma curva assim e tem a casa da irmã dela, que é mais alta um pouco. A Samarco até hoje não terminou a casa dela, e ela nem vive muito satisfeita com a Samarco não, porque tá deixando muito a desejar. Ela tá esperando a dela ficar pronta. Cinco anos, eu fico vendo assim o povo de Brumadinho, né, o pessoal reclamando, eu fico pensando que tristeza que tem muita gente ainda... né? Aqui em barra Longa mesmo, tem muita gente de casa alugada. Eles não importam de alugar casa pras pessoas, mas não terminam as casas delas. As casas da pracinha ainda não estão terminadas (RBFF).

Figura 29 - Hotel Xavier aguardando restauração



Fonte: Arquivo pessoa. Foto da autora.

Mesmo após diversas manifestações, as “meninas” alegam insatisfação, seja com o atendimento prestado às famílias, a qualidade dos mobiliários recebidos como reposição, ou com as indenizações, que não contemplam as perdas sofridas por elas. Em relação ao atendimento da Samarco, ATLV afirma que, para ganhar alguma coisa, tem que fazer estardalhaço.

Aí você fica sabendo de algumas coisas por outra pessoa. Tratam com diferença fulano e se você ficar ali todo dia perturbando eles, ligando, cobrando, parece que assim, vamos lá atender fulano, pra dar um tempo, pra ele dar um tempinho. Aí vai lá faz alguma coisa pra aquela pessoa, sabe? (ATLV).

É muita família tá morando de aluguel ainda pela Samarco porque a casa ainda está sem refazer. Na minha rua, tem um prédio com três moradas, mais duas casas que ainda não foram feitas (IFL).

Não, a Samarco deu um kit emergencial. Nossa! Uma mulambada! Muita coisa eu não podia usar, não cabia, por exemplo, lençol não cabia nos meus colchões. Os móveis eu comprei com meu dinheiro, por que eu não queria..., fui refazer, né? Trocando tudo porque foi muito ruim o que eles deram (IFL).

Nós agora vamos cuidar da nossa casa, nós já tamo velho pra ficar fazendo papel de idiota na mão de Samarco e de Renova. Porque você vai lá e reclama, reclama e reclama e ninguém dá resposta de nada (MCP).

A Samarco alugou casa para os que perderam tudo. Mas até hoje não voltaram pra casa deles não (LGR).

Figura 30 - Imagem de um morador da cidade em protesto, após cinco anos de espera



Fonte: Jornal A Sirene (2021). Foto de capa.

Aos processos de indenizações, foi anexada, em março de 2021, de acordo com Monteiro (2018), a Matriz de Danos Atingidos (MDA). Esse documento traz à tona um apanhado geral dos danos sofridos, bem como o valor para ressarcimento, reparação de direitos que foram violados e, principalmente, os danos não contemplados pelo judiciário, que são os ocasionados em função de despesas com saúde, moradia, quintais e bens materiais.

A comissão de Atingidos e Atingidas de Barra Longa, apoiada pela AEDAS e pelo Movimento dos Atingidos por Barragem, entrou, no dia 17 de fevereiro de 2021, com uma ação para habilitação da Comissão para o Processo de Indenização Simplificado proposto pelo juízo da 12ª Vara Federal da 1ª região. Essa ação foi feita com vistas a resguardar que os atingidos de Barra Longa possam tomar parte no processo simplificado sem abrir mão de direitos, como o fechamento do cadastro e o reconhecimento de danos não apreciados ainda pelo juízo em decisões anteriores (MONTEIRO, 2018, p. 15).

Portanto, as palavras que se sobressaem nos discursos são injustiça e insatisfação! ATLV e DFFB alegam se sentirem injustiçadas ao perceberem que as empresas, muitas vezes, indenizam pessoas que não sofreram perdas materiais, mas que gritam dizendo que perderam. No intuito de calar a boca das pessoas, as empresas agem com parcialidade, sem o devido rigor, visando aos próprios

interesses. Aqueles que falam a verdade e que realmente foram atingidos não são ouvidos e, conseqüentemente, não são atendidos.

Depois eles quiseram tirar vantagem, porque viu que quem foi afetado diretamente tava ganhando cartão da Samarco, como auxílio emergencial, porque eles falam essa palavra na televisão, aí que eles vinham com a mentirada pra querer receber, porque falaram que foi atingido diretamente (DFFB).

DFFB conta que em sua casa, após a reforma feita pela Samarco, apareceu um vazamento que elevou sua conta de água à valores exorbitantes. Ninguém conseguia descobrir onde estava localizado o vazamento, e a Samarco não disponibilizou o aparelho que detecta esse tipo de problema.

Ah menina! Samarco quase mata a gente, depois de muito pedir para aquele... diz que tinha um aparelhinho,³⁷ que é só cê colocar. Eu ia nas manifestações, isso me cansava demais, você tá deprimida, sem força e você tem que ir nas manifestações. Até aquele custo, que vem para poder te acudir e para você saber, você já pensou? Você tá numa casa com 2.000 reais de conta de água e você sem saber onde que tá o vazamento. Não achava o problema, não foi só a conta, o problema foi que você não sabia onde que era o vazamento. Com a casa toda (re)arrumada, teve que rebentar tudo, porque a Samarco não ofereceu esse aparelho, falou que não tinha esse aparelho, ele era para achar onde que era o tal vazamento que o moço da COPASA falou (DFFB).

RBFF, mãe de DFFB, destaca também os estragos ocorridos em seu telhado devido ao trânsito de tratores em sua garagem, problema que se arrasta até hoje.

Aqui em casa, minha filha, entrava trator, aqueles tratorzinhos que eu nem sei como que chama, entrava na minha garagem. Portanto, eles trataram até de mexer no meu telhado, que abalou o telhado. Na época, eu não deixei mexer, porque eu achei que não precisava, eu tava doida pra ver eles longe. Aí, depois de um ano e tanto, que eu vi que precisava, eles falaram comigo: "Agora tão cedo"! Quando eles iam mexer, em fevereiro ou em março (2020) agora, aí veio a pandemia. Então, agora não sei quando. Mas não tem problema não, porque pode ficar, chove só assim nas paredes, sabe? Porque abateu né, abalou, abalou o piso (RBFF).

Ao questionar as bordadeiras a respeito do que elas esperam da Samarco, percebe-se que as expectativas não são positivas. A empresa padece de um descrédito total com a população em relação as suas ações. Segundo DFFB e MCP,

³⁷ Geofone, é um aparelho eletrônico criado para detectar vazamentos subterrâneos ou ocultos, aquele tipo de vazamento que não está em evidência. Sua praticidade está no fato de evitar ter que quebrar as paredes e pisos para descobrir onde está o problema,

a Renova fica oferecendo feiras e exposições de seus bordados e dando cursos, ou seja, “tapando o sol com a peneira”, o que está muito aquém das expectativas de soluções para os problemas. ATLV afirma que não vê responsabilidade por parte da Samarco em reparar os danos ocasionados aos atingidos.

Aqui, quando começou esse problema da Samarco, que depois passou pra Renova, eles faziam reunião aqui, vinham uns gringos de fora. Eles vinham conversar com a gente. Eles tiravam fotos. Eles vinham conversar sobre o que iam fazer pra Barra Longa, entendeu? E tem um tal de seu Roberto que é até hoje da Renova (RBFF).

Nada, nada, dá uns curso, a Renova fica dando curso, leva a gente pras exposição assim, mas indenização até hoje nada não. E, na minha rua, eles parece que saltaram as casas e alguém... uns vizinho receberam, outros não (MCP).

Pra mim, não mudou nada não, porque aliás, minto, ano passado, no final do ano, a Renova ofereceu uma exposição das bordadeiras daqui, lá em Belo Horizonte, onde fizeram esse hospital de campanha agora na pandemia. Aí foi tudo por conta da Renova (RBFF).

Porque tudo que vem da Renova é exposição! Aquela... foi a exposição que teve em São Paulo, sabe? Não ganhamos um real (DFFB).

A Renova tem dado auxílio, tem dado materiais para bordar. Igual naquela época que teve a exposição do Ronaldo, 20 pessoas das Meninas da Barra que foi lá, a Renova disponibilizou tudo pra gente. Hotel, isso lá em São Paulo (SRC).

Meu desejo é que isso nunca tivesse acontecido, mas já aconteceu. Agora, o meu desejo real é que a empresa assumisse a responsabilidade dela e tratasse a gente como nós merecemos, sabe? Pegasse desde lá onde que a barragem rebentou, e viesse de família em família, perguntando: “Olha, o que aconteceu? O que a gente pode fazer pra amenizar a situação, já que a gente não tem como consertar. O que você quer que a gente faz?” Porque tem condições pra isso! Não é deixar ninguém rico, milionário não, mais pelo menos dar uma vida digna pra todo mundo, o que tinha antes! Não é fazer o que ela quer. E ela quer fazer o que ela quer (ALTV).

Muitas “meninas” alegaram que não tinham conhecimento da existência da Samarco na região. Outras sabiam que existia a empresa, mas não tinham conhecimento específico de suas atividades. Porém, IFL alega que tinha conhecimento de todas as atividades realizadas pela empresa antes do desastre e diz que houve irresponsabilidade, uma vez que sabiam do risco de rompimento da barragem e não fizeram nada para evitá-lo.

A maioria do pessoal aqui não sabia que se a barragem lá rebentasse, vinha aqui (ATLV).

Eu não sabia que tinha barragem aqui! Então, eu não posso responder por outras pessoas. Eu acredito que também não sabiam. Como a gente não

sabia de muitas outras barragens. Por exemplo, eu sempre vou a Congonhas, em festas em Congonhas, e eu não sabia que Congonhas é rodeado de barragens, e que se rebentar, acaba com Congonhas, com o patrimônio histórico, não sabia. Fui saber gora! É o que eu falo, a empresa é criminosa? Ela é, mas os governantes é tanto quanto ela (ALTV).

Olha, eu acho que faltou responsabilidade da empresa, porque ela sabia que ia acontecer! Eu sabia da existência da Vale aqui na região, mas ninguém nem sonhava ou imaginava que isso podia acontecer aqui em Barra Longa, não (IFL).

A Samarco é só problema! O que eu conheci de Samarco... Então, que eu tinha noção era disso, mas eu nunca imaginava isso que aconteceu não (DFFB).

A empresa, ao optar por negligenciar as medidas de prevenção e segurança de suas barragens, cometeu abusos, violando direitos importantes, além de demonstrar uma total falta de transparência e participação da população nas decisões (FREITAS *et al.*, 2019).

A Samarco não tá nem aí. Pra mim, a Samarco significa desgraça, eles vieram e acabou com nossa cidade. Eu sabia das atividades minerárias aqui na região, mas a gente nunca esperava. Ninguém imaginava disso acontecer. Aí, depois que aconteceu, quebrou tudo” (MCP).

A Samarco arrasou a cidade com o negócio do rompimento. Como diz: tá, consertar vai consertar... a, vão ver no que vai dar, né? A Samarco nunca trouxe benefício para a cidade (LGR).

Pra mim, a Samarco e a Renova significam um atraso na minha vida (ATLV).

A Samarco não é importante para Barra Longa, diz IFL, “porque faz com uma mão e tira com a outra”.

A empresa não é importante para Barra Longa não, porque, até então, o que eles estão fazendo hoje ou deixando de fazer tem que refazer amanhã. O serviço que a empresa faz não tem benefício nenhum, eu não vejo benefício na cidade não. O que eles estão fazendo é obrigação deles, refazer o que eles.... Pelo menos eu não sinto vantagem nenhuma não (IFL).

Apenas o relato de SRC contradiz a teoria de que a Samarco “dá com uma mão e tira com a outra”. Ela é prima de Ronaldo Fraga, que trabalha para a Fundação Renova. No meu ponto de vista, essa situação reforça o dito popular que diz: “enquanto uns choram, outros vendem lenço”.

Olha, eu não tenho que queixar nada da Samarco não. É uma empresa boa. Mudou muito a cidade. Ela ajuda a cidade, como é que fala, é que eles construíram a cidade toda né, reformou a cidade, a pracinha. Olha, eu recebo

aluguel da Samarco também, em cima da minha casa, só que eles pagam direitinho, ela é uma empresa boa (SRC).

Em relação ao que minha mãe tá morando com minha outra irmã, a Socorro lá, a casa ficou alugada pro pessoal que perdeu as coisas. Na prática, eu considero que a empresa trouxe mais benefícios, mesmo com o rompimento da barragem. Quem tiver falando mal da Samarco tá falando mentira. A coisa é verdade mesmo, mudou a gente foi muito. Mudou a cidade, agora a igreja de São José mesmo tá sendo construída pela Samarco também (SRC).

Falam Meninas da Barra. Meninas do Ronaldo, né? O projeto que o Ronaldo na época começou. Eu gosto muito do Ronaldo. Só que o grupo... é eu que construí o grupo, eu que criei o grupo (SRC).

Rosa (2019), ao apresentar a situação dos casos de rompimento de barragens, nos leva a refletir que os atingidos devem ser lembrados sempre como as vítimas. É necessário deixar claro que o crime foi praticado pelas mineradoras e pelo sistema capitalista, devendo ser nomeado como o “crime da Samarco, Vale e BHP Billiton”, mantendo na memória os nomes dos reais causadores de tamanhos danos. Não é pouco comum, ao longo da história, tragédias desta natureza ficarem marcadas e conhecidas apenas pelo “[...] nome da cidade ou região em que ocorreram e as verdadeiras empresas responsáveis, não são sequer lembradas.” (ROSA, 2019, p. 86).

Cabe aqui inferir um contexto bilateral. Ao mesmo tempo em que o rompimento da barragem trouxe muitas perdas, foi através dele que os bordados, já famosos por sua qualidade, ganharam maior visibilidade nacional e mundial. A tragédia foi exposta de maneira habilidosa no desfile da São Paulo *Fashion Week* de 2018, por meio do trabalho proposto por Ronaldo Fraga e batizado por ele como “As Mudas” - de plantas encontradas no estado de Minas Gerais. Infeliz coincidência, pois, ao mesmo tempo em que as “meninas” encontram no bordar de mudas um alento, elas também resolvem emudecer diante do cenário em que vivem, em prol de obter de volta a paz e manter estável a saúde, principalmente a psíquica. Esse posicionamento se deu por se sentirem esgotadas de tanto gritar e lutar por respostas que não chegam.

A exposição não modifica em nada a crise instaurada pelo rompimento de Fundão, mas oferece consolo para a vida das “meninas” e o bordado aparece como instrumento de resgate e resiliência.

5.7.2 Projeto Meninas da Barra - As Mudas - um breve alento para grandes dores

A proposta de Ronaldo Fraga foi utilizar as linhas do bordado como um caminho de resgate e superação das perdas sofridas pelo rompimento de Fundão e estabelecer com as bordadeiras uma parceria e consequente aumento dos lucros, tendo em vista possíveis vendas.

Além de toda a coleção que fez parte da mostra na SPFW, em 2018, perfazendo um total de 100 modelos, foram produzidos três vestidos exclusivos, desenhados pelo estilista para o acervo do Museu de Arte de São Paulo (MASP), num entrelaçar de rendas, por meio de técnicas como o *Richilieu* e ponto livre.

Na hora que começou a fazer projeto com o Ronaldo bordei as mudas, foi as mudas do Ronaldo. Eu tenho um pano de prato lá que foi eu mais a Margarida que fez, com a folha de Costela de Adão. Se você quiser depois eu te mostro. Nossa, cê não viu os vestidos que as mulheres na festa da Fashion Week, que teve São Paulo? Foram muitos vestidos maravilhosos! Tudo bordado à mão. Eu bordei à máquina também num vestido preto. Eu fui à São Paulo. Proporcionou, muita coisa, foi importante (SRC).

Figura 31 - Vestidos bordados pelas Meninas da Barra

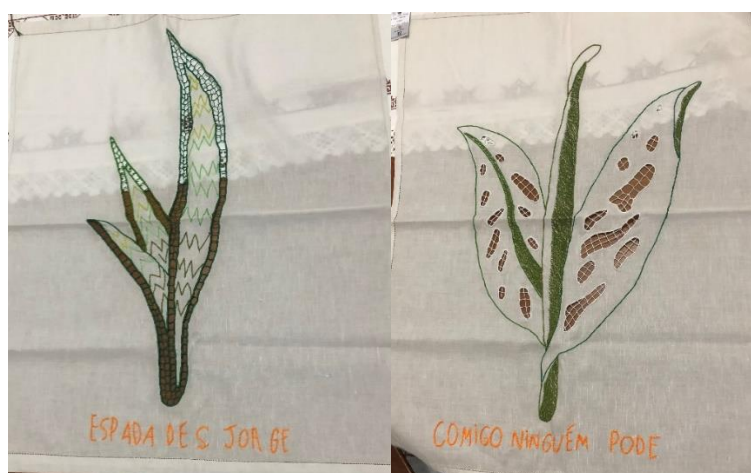


Fonte: FFW (2018).

Os referidos bordados tiveram como inspiração espécies vegetais conhecidas e encontradas na região das Minas Gerais, como: “comigo ninguém pode”, “espada de são jorge”, “coroa de cristo” e diversos galhos, folhagens e raízes tecidos em linho e seda rústica, nas cores marfim, *off white* e preto. O artista Ronaldo Fraga propôs um resgate da história dessas “meninas”, com o desenvolvimento de modelagens, inclusive da confecção das camisolinhas de batismo, muito comuns em tempos remotos (VALENTE, 2018).

Ronaldo Fraga destaca a importância do projeto “As Mudanças” e menciona a relevância de evidenciar o que ele chama de poesia (os bordados) sobre um tema tão árido, promovendo autoestima, possibilidades de trabalho como instrumento de resistência e renovação. Ele considera, também, que essa comunidade sofrida merece que ofereçamos as mãos a ela, chamando-a para caminharmos juntos (VALENTE, 2018).

Figura 32 - Bordado realizado por AMP para SPFW



Fonte: Arquivo pessoal. Foto da autora.

Figura 33 - Meninas bordadeiras de Barra Longa – Projeto As Mudanças



Fonte: Valente (2018, n.p.).

Nós passamos dois anos praticamente paradas, sem bordar. Eu ficava voltando o pensamento para a lama... Eis que o Ronaldo Fraga apareceu e mudou tudo, nossa autoestima está lá em cima. Que dia imagináramos vir para São Paulo? Nunca. Mas estamos aqui, um grupo de Barra Longa, cidadezinha com menos de 7 mil habitantes. Agarramos a oportunidade e, agora, muita coisa boa pode surgir desse projeto maravilhoso”, registrou Maria Magali Lana, uma das bordadeiras de Barra Longa que viajou ao lado da irmã, Maria Aparecida Lana. “O bordado é a arte em que acredito, é minha vida e o trabalho por meio do qual estamos resgatando nossa autoestima, impulsionando nossas vidas e superando o desastre. Mostrar nossa arte para o mundo traz uma sensação espetacular, maravilhosa”, descreveu Magali. (VALENTE, 2018, n.p.).

Conhecido como um grande contador de histórias, em vários trabalhos já realizados, Fraga já utilizou a moda como bandeira para levar ao conhecimento da sociedade temas como xenofobia e transexualidade. No projeto “Meninas da Barra”, ele lançou mão da maior plataforma de modas da América Latina para atrair os olhares da sociedade com relação às tragédias ambientais, em especial a ocorrida na barragem de Fundão, após o seu rompimento. A proposta de criar pontes entre os diferentes Brasis, segundo ele, foi com o intuito de estabelecer uma aproximação do rural com o industrial, da arte com a tecnologia e, acima de tudo, incentivar essa comunidade na retomada de geração de emprego e renda (VALENTE, 2018).

Apesar das bordadeiras terem abraçado a ideia e aceitado participar do projeto, reconhecendo, inclusive, que foi muito bom, a questão dos lucros não foi o que esperavam. Nem todo trabalho solicitado pelo Ronaldo foi pago a elas.

A Samarco ofereceu uma exposição, o Ronaldo Fraga veio, fez um trabalho com a gente. O trabalho foi bom, né, mas não trouxe lucro pra gente até hoje. Tivemos fama de mostrar, mas de falar assim: “ele veio, fez e agora a gente já tá produzindo, mandando, né? Isso não, não tem nada disso”. Eu acho decepcionante, né? Ele pagou uma remessa. Pagou, o que a gente pediu, pagou sim. Aquele desfile que ele fez lá no Fashion Week, nós que fizemos, né, e teve vestido que ele pagou. Eu fiz e ele pagou. Pagou pra todas que fizeram (MCP).

Foi aquele projeto do Ronaldo, né, Denise? Foi um vestido todo cheio de cobra. Nossa, eu bordava sem parar! Acabava de fazer o almoço, as vezes deixava até a cozinha pra Denise arrumar. Eu demorei dezoito dias pra bordar o vestido. Bordamos de graça. O Ronaldo falou que era um projeto... Que depois ele ia mandar outro vestido, que depois vinha mais bordados... Não ganhei nada. Se vendeu o vestido, eu não sei. Eu bordei uma parte e uma minha amiga também bordou outro igual (RBFF).

Não, o bordado que era do projeto. Esse não, nós não recebemos não. Nós recebemos depois que fez outros vestidos, certamente era encomenda dele lá, né? Aí, ele mandou e a gente fez e ele pagou, mas naquele Fashion Week lá, nossa... (MCP).

Apesar das divergentes informações a respeito do recebimento pelos trabalhos realizados, fica claro que a participação no projeto foi voluntária e que também trouxe mais uma decepção, pois não correspondeu às esperanças nele depositadas.

Quando ele mandava, ele mandava pra todo mundo! Só não fazia porque não queria. Tem gente que não gosta, vestido dá trabalho. Tem gente que não gosta muito não, outra, acha que vai ganhar dinheiro, mas pra ganhar dinheiro, vê tem que trabalhar, né? Diz que vai ter outro projeto, falou que vai (MCP).

É porque o Ronaldo é contratado pela Renova, né? E ganha, né? Mas acabou que até hoje eu não vi mais vestido pra bordar não. E nem pagou. O trato não foi pra pagar. Não é que deu o cano não, entendeu? O trato foi pra fazer, pra ir lá tipo mostruário do projeto, e depois, se tivesse encomenda, viria pra nós entendeu? E não teve encomenda. Quando a gente tava entrando no projeto e achando que ia ser uma coisa muito boa, aí eu peguei esse vestido, a minha amiga também pegou, algumas pessoas aqui também pegaram. Foi até pouco tempo, a gente bordou também umas bonecas, como que chama? Eles falam, esqueci o nome é... namoradeira, eles falam assim, eu tô fazendo uma. (DFFB).

Tem até a foto do vestido que a mamãe bordou sabe, saiu até no jornal da Renova. Eu não sei se eu até apaguei porque como tava só com aquele telefone e fez a entrevista, eu mandei a foto das meninas na entrevista e aí o moço mandou pelo jornal para mim pelo Zap. Então, eu não sei se eu apaguei, se eu não apaguei, eu vou pegar meu celular. Ah, aqui, ó! O jornal que saiu, eu e mãe bordando o vestido pro Ronaldo (DFFB).

Com ou sem remuneração, indiscutivelmente, as meninas foram vistas, através de seus bordados, com novos olhares, inclusive em nível mundial.

A lama levou quase tudo, mas não levou a esperança de dias melhores, que pôde ser vista através da manutenção na qualidade e na alegria do bordar. A tragédia ambiental ganha uma vitrine e apresenta, por meio da arte e da cultura, uma realidade vivida e imposta às “meninas” bordadeiras, que fizeram renascer da lama a valorização desse saber precioso que é o bordado. Numa associação harmônica de linhas, agulhas e cores, o bordado faz nascer, ritmicamente, o tecer artístico. Silenciosamente, a agulha perfura o tecido e o risco ganha contornos coloridos. Traços perfeitos dão arte à vida e vida à arte, cujo resultado final é a beleza talhada em tecidos.

6 CONCLUSÃO

Realizar esta pesquisa permitiu trazer à luz experiências por meio do entrelaçar de agulhas e linhas coloridas no tecido da vida. O foco deste trabalho são os bordados repletos de memórias, histórias e alegrias, que resistem às dores e aos sofrimentos causados pela tragédia em Barra Longa. O mar de lama despejado sobre a referida cidade alterou as nuances das linhas dos tecidos da vida, tingindo-as de marrom-alaranjadas. A dinâmica desse contexto, revelada através dos discursos das bordadeiras, evidenciou a amplitude do problema instaurado e suas possíveis consequências e desdobramentos. Portanto, esta pesquisa não tem a pretensão de fechar questões, mas apenas oferecer contribuições para a compreensão dos fatos e fomentar futuros debates relacionados aos temas abordados. Para ingressar nesta jornada, foram traçados objetivos e escolhido um percurso metodológico que viabilizou as descobertas e tramas da história dessas mulheres.

O início desta trajetória se deu pautada sobre questionamentos, na busca de compreender as transformações ocorridas no ato de bordar, no lazer e na vida das “meninas” bordadeiras. Neste ponto, optei por tentar compreender o que significa para elas o ato de bordar e se o bordar também é lazer. Foi fundamental ouvir suas histórias e memórias relacionadas ao bordado, após o rompimento da barragem de Fundão, bem como os desdobramentos desse desastre em suas vidas.

Os encontros com as bordadeiras trouxeram facetas importantes e relatos surpreendentes e reveladores. O fluxo das conversas se deu obedecendo à reação e à necessidade de cada uma em revelar suas histórias e experiências, de acordo com as marcas que foram deixadas ao longo de cada trajeto individual e coletivo.

Diante de uma tragédia da natureza de Fundão, o bordado aparece como uma força de superação e manutenção da estrutura psíquica e física dessas “meninas”, assim como um elemento vital para sequenciar a vida com um mínimo de prazer. Os relatos emocionados demonstram essa força do bordar como elemento transformador que, como experiência estética, resgata memórias, fortalece o senso comunitário e cultural de uma sociedade e sobrevive há gerações.

Numa conexão com o gênero feminino, o bordado oferece uma representação de traços identitários, onde a feminilidade e a velada discriminação a essa arte nos convida a reflexões sobre a tradição e a modernidade, uma vez que o bordado permanece, ainda, nas mãos somente das mulheres. A mulher, idealizada pela

delicadeza que apresenta na qualidade dos acabamentos do bordado, entra em conflito com a mulher que não se domestica, que busca constantemente encontrar o seu espaço na sociedade.

A trama de fios e agulhas relaciona o ato de bordar com o tempo dedicado a esse trabalho, dando a ele significados mais profundos, enriquecidos de familiaridade, culturalidade e historicidade, num verdadeiro ciclo de crescimento coletivo. O bordado e a costura são partes desse significado e fazem emergir memórias familiares, trazendo lembranças da infância. Avós e mães são o elo que sequenciam esse aprendizado, que é passado para as gerações seguintes. O bordar, que mais tarde passa a ser trabalho, continua pertencendo ao feminino e preservando sua qualidade.

O bordado, colocado à borda pelo desastre de Fundão, funcionou como instrumento de luta e deu visibilidade ao caos vivenciado pelos moradores da cidade de Barra Longa. O Brasil e o mundo puderam conhecer de perto a destruição e a dor, por meio da proposta de Ronaldo Fraga que, no desfile ocorrido na SPFW, mostrou a arte em forma de lama. Devolver a essas artistas bordadeiras a estima e a visibilidade foi essencial para o resgate da identidade e do sentimento de pertencimento desse grupo, que construiu sua importância ao longo de várias décadas.

As bordadeiras reconhecem as perdas sofridas durante e após o rompimento da barragem e trazem, na memória e em seus relatos, detalhes do ocorrido. Foram perdas materiais, emocionais, na saúde, na dignidade e na esperança de serem minimamente ressarcidas. Dentre essas perdas estão as dos locais onde gostavam de bordar, que foram ocupados pelos trabalhadores das empresas responsáveis pela destruição da cidade. Os espaços públicos, como praças e portas de casas, que antes eram utilizados por elas para encontros de linhas e agulhas e como espaços de lazer no qual vidas e histórias eram partilhadas, transformaram-se em espaço de reconstrução da cidade, com a intensa circulação de trabalhadores.

Após essa tragédia, o ambiente integral foi comprometido, afetando a qualidade de vida e o bem viver; as relações sociais deixaram de acontecer com a intensidade e qualidade de outrora. Tudo isso abalou o emocional, o psicológico e trouxe um adoecimento coletivo.

A ilusão de terem suas vidas e seus bens devolvidos tornou-se vã expectativa, pois a Samarco e a Renova não deram voz aos apelos e às reivindicações feitas pelos atingidos. O sentimento coletivo foi, e ainda é, de desamparo. A Samarco, a Vale e a BHP-Billiton, que teriam que se responsabilizar pelos estragos que fizeram,

tiveram atitude negligentes, foram injustas e parciais, visto que beneficiaram alguns em detrimento de outros. O sentimento de abandono fez as pessoas se silenciarem para tentar viver, minimamente, com dignidade, não mais confiando no ressarcimento de suas perdas e na garantia de seus direitos.

Como alento, Ronaldo Fraga propõe que a tragédia seja exposta em forma de bordados, na Exposição da SPFW de 2018. Uma vez mais, o coração das meninas se encheu de esperança, pois seus bordados foram vistos mundialmente, porém, novamente, suas expectativas foram frustradas, porque o trabalho não teve o retorno desejado e prometido. Parece que a lama levou consigo as respostas e as soluções que os atingidos necessitam.

A barragem se tornou conhecida para as bordadeiras após o seu rompimento. Elas viviam em um território em que a natureza coexistia com a cultura tradicional, permitindo-lhes a vivência de modos de socialização e práticas de lazer considerados interioranos. As empresas supracitadas não faziam parte do universo de Barra Longa, nem mesmo como empregadoras. Os relatos das bordadeiras indicam que tais empresas nunca trouxeram, de fato, nenhum desenvolvimento para a vida cotidiana da cidade. Viver em Barra longa, na fase anterior ao rompimento, era viver em um ambiente integrador entre natureza e humanos. Para se reconstruir a cidade, os saberes ali existentes devem ser considerados, buscando autonomia do território com suas identidades culturais. Compensação e reparação devem considerar o lazer e o bem viver como uma prática integrada, capaz de construir subjetividades locais com sentido para a vida em sociedade. As tendências uniformizantes, advindas do desenvolvimento proposto pelo sistema ao qual sociedade ainda está submetida, não é capaz de proporcionar o bem viver preexistente na vida dessas mulheres.

REFERÊNCIAS

- ABBA. **Associação Barralouguense de bordadeiras e artesãos**. 2021. Disponível em: <https://www.pousoeprosa.com.br/publico/artesao/visualiza /3340>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Elefante, 2016. Disponível em: <https://rosalux.org.br/wp-content/uploads/2017/06/Bemviver.pdf>. Acesso em: 17 set. 2020.
- A GABIROBA. **História das indumentárias**. 2014. Disponível em: [agulha de osso | \(wordpress.com\)](http://www.agabiropa.com.br/wordpress.com). Acesso em: 9 jun. 2021.
- AMORIM, Maria Cristina Sanches; FREDERICO, Ronaldo. Criatividade, Inovação e Controle nas Organizações. ENCONTRO DA ANPAD, 32. Rio de Janeiro, 6 a 10 de dezembro de 2008. **Anais...** Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EOR-C1399.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2021.
- AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 479-500, set. 2007.
- ARTESOL. **Artesanato Solidário**. 2021. Disponível em: <https://www.artesol.org.br/tecnicas/visualizar/Bordado>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- BBC BRASIL. **Ronaldo Fraga e as mudas de um verão que virá**. 2018. Disponível em: <https://www.portalecoera.com.br/moda/ronaldo-fraga-e-as-mudas-de-um-verao-que-vira/>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- BIAZON, Tássia. Impactos ambientais. *In*: CALDAS, Graça (org). **Vozes e Silenciamentos em Mariana: Crime ou Desastre Ambiental**. 2 ed. Campinas, SP: BCCL/UNICAMP, 2018. p.158-172. Disponível em: http://www.labjor.unicamp.br/wpcontent/uploads/2018/04/2a_edicao_digital_vozes_e_silenciamentos_em_Mariana_06042018_LABJOR_09-04.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.
- BORDEIRAS de Barra Longa ganham projeção na passarela do São Paulo Fashion Week. Fundação Renova. 2018. Disponível em: <https://www.fundacaorenova.org/release/bordadeiras-de-barra-longa-ganham-projecao-na-passarela-do-sao-paulo-fashion-week-2018/>. Acesso em: 08 jun. 2021.
- BORDADOS UNIVERSAL. **História do bordado**. 2021. Disponível em: <https://www.sites.google.com/site/bordadosuniversal/a-historia-do-bordado>. Acesso em: 9 jun. 2021.
- BORGES, Katia Nogueira; BRITTO, Milena Borges; BAUTISTA, Hortênsia Pousada. Políticas Públicas e Proteção dos Saberes das Comunidades Tradicionais. **RDE – Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v. 10, n. 8, dez. 2008. Disponível em:

<https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1041/819>. Acesso em: 28 out. 2019.

BRASIL. **Lei nº 6.938**, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. 1981. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/L6938.HTM>. Acesso em: 22 out. 2019.

BRASIL. Ministério Especial de Desenvolvimento Social. Ministério da Cidadania. **Decreto nº 6.040**, de 07 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades **Tradicionais**. 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 04 abr. 2019.

BRASIL. Senado Federal. **PEC 65**. Proposta de Emenda à Constituição nº 65 de 2012. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=3499849&ts=1594004378568&disposition=inline>. Acesso em: 20 jan. 2019.

BRÍGIDO, Edimar Inocência. Michel Foucault: uma análise do poder michel Foucault. **Revista de Direito Econômico e Socioambiental**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 56-75, 2013. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/direito-economico/article/view/6098>. Acesso em: 13 abr. 2021.

BRITO, Thaís Fernanda Salves de. **Bordados e bordadeiras: um estudo etnográfico sobre a produção artesanal de bordados em Caicó/RN**. 2010. 285f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-15122011175001/publico/2010_ThaisFernandaSalvesdeBrito.pdf. Acesso em: 08 jun. 2021.

CARNEIRO, Érica Mariosa Moreira. Linha do tempo: as primeiras 26 horas. *In*: CALDAS, Graça (org). **Vozes e Silenciamentos em Mariana: Crime ou Desastre Ambiental**. 2 ed. Campinas, SP: BCCL/UNICAMP, 2018. p.72-123. Disponível em: http://www.labjor.unicamp.br/wpcontent/uploads/2018/04/2a_edicao_digital_vozes_e_silenciamentos_em_Mariana_06042018_LABJOR_09-04.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

CAIXA. Caixa Econômica Federal. **Auxílio Emergencial**. 2021. Disponível em: <https://www.caixa.gov.br/auxilio/auxilio2021/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 10 jun. 2021.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Comissão de Direitos Humanos e Minorias. **Diligência a comunidades no Espírito Santo atingidas pelo Rompimento da Barragem de Mariana**. Relatório. 2019. Disponível em: [file:///C:/Users/Notebook/Downloads/Relatorio%20diligencia%20Rio%20Doce%20-%20%20v2%20-%20depois%20AP%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Notebook/Downloads/Relatorio%20diligencia%20Rio%20Doce%20-%20%20v2%20-%20depois%20AP%20(1).pdf). Acesso em: 9 de jan. 2021.

CANEDO, Daniele. “Cultura é o quê?” - Reflexões sobre o Conceito de Cultura e a Atuação dos Poderes Públicos. ENECULT - ENCONTRO DE ESTUDOS

MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5. 27 a 29 de maio de 2009. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. **Anais...** Salvador, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2020.

CARVALHO, Júnia. Bordadeiras na passarela. **Jornal Terra da Gente**, Gesteira e Barreto, n. 3, ago. 2018a. Disponível em: https://www.fundacaorenova.org/wp-content/uploads/2018/08/jornal_terra-da-gente.v3_barra-longa.pdf. Acesso em: 08 jun. 2021.

CARVALHO, Júnia. Precisamos falar sobre moradia. **Jornal Terra da Gente**, Gesteira e Barreto, n. 4, nov. 2018b. Disponível em https://www.fundacaorenova.org/wpcontent/uploads/2018/11/terra_da_gente_e4_web.pdf. Acesso em: 08 jun. 2021.

CARVALHO, Júnia. Integrantes do projeto “O Futuro do Rio Doce Somos Nós” participam de oficinas de memória, fotografia e audiovisual em Barra Longa. **Jornal Terra da Gente**, Gesteira e Barreto, n. 8, jul. 2019. Disponível e <https://www.fundacaorenova.org/wpcontent/uploads/2019/07/terradagente088.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2021

CEFEM. **Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais**. Estudos Técnicos. 2012. Disponível em: https://www.cnm.org.br/cms/biblioteca_antiga/ET%20Vol%205%20%2014.%20Entenda%20a%20CFEM.pdf. Acesso em: 12 jan. 2021.

CERTEAU, de Michel. **A invenção do cotidiano**: morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/450279/mod_resource/content/1/CARTEU%2C%20inven%C3%A7%C3%A3o%20do%20cotidiano%2017.03%20p234-249.pdf. Acesso em: 8 jun. 2021.

CEXBARRA. Comissão externa do Rompimento de Barragem na Região de Mariana - MG. Câmara dos Deputados. **Relatório final**. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Notebook/Desktop/Relatório%20Câmara%20dos%20Deputados%20-%20Relatorio%20final%20rompimento%20inteiro%20Teor-1457004.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

CHAGAS, Claudia Regina Ribeiro Pinheiro das. **Memórias bordadas nos cotidianos e nos currículos**. 2007. 98f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de educação e humanidades, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CHAGAS, Claudia Regina Ribeiro Pinheiro das. **O bordado no currículo como espaço-tempo/fazer educativo**. 2010. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-1967--Int.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2019.

CHRISTOFOLETTI, Sérgio Ricardo; AZEVEDO SOBRINHO, José Maria; SOUZA, Marcos Henrique Oliveira; MORENO, Maria Margarita Torres. Impactos Positivos e Negativos da Atividade Minerária no “APL” de Santa Gertrudes. **Cerâmica Industrial**, São Paulo, v. 17, n. 4, jul-ago. 2012. Disponível em:

<https://www.ceramicaindustrial.org.br/article/5876574d7f8c9d6e028b47cd/pdf/ci-17-4-5876574d7f8c9d6e028b47cd.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2021.

CONTALDO, Sílvia Maria. Agostinho: a fé tem olhos próprios. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 42, p. 115-134, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/trans/v42nspe/0101-3173-trans-42-spe-0115.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2021.

COSTA, Karla Tereza Ocelli; SOARES, Khellen Cristina Pires C.; DEBORTOLI, José Alfredo O. Lazer e Alteridade em “Outros” Modos de Viver. **Licere**, Belo Horizonte, v.19, n.1, mar. 2016.

DEBATE deve provocar mudanças de regas. **Em discussão**, Brasília, Senado Federal, 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/emdiscussao/edicoes/privatizacao-de-presidios/licenciamento-ambiental>. Acesso em: 9 jun. 2021.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Lazer, Envelhecimento e participação social. **Licere**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, mar. 2012. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/739/540>. Acesso em: 06 mar. 2020.

DECRETOS assinados por Temer atualizam código de mineração. Rede APL Mineral. 2018. Disponível em: <http://www.redeaplmineral.org.br/noticias/decretos-assinados-temer-atualizam-codigo-mineracao>. Acesso em: jan. 2021.

DEUS, Patrícia de. Bordadologia: uma história de amor à arte de bordar. **Ideias e papéis**, Belo Horizonte, 20 ago. 2018.

DIAS, Marina de Aguiar Casali. Bordado e subjetividade: o bordado como gesto cartográfico. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 11, n. 23, p 50-61, 2019.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

EQUIPE ONB. **Organic News Brasil**. 2021. Disponível em: Lama que sufoca o Rio Doce será tema na COP-21 - Organics News Brasil. Acesso em: 9 jun. 2021.

ESPINDOLA, Haruf Salmen; NODARI, Eunice Sueli; SANTOS, Mauro Augusto dos. Rio Doce: riscos e incertezas a partir do desastre de Mariana (MG). **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 39, n. 81, p. 141-162, ago. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882019000200141&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 jan. 2021.

FEDERAÇÃO Nacional dos Engenheiros. **Metais pesados sobre Brumadinho**. 2019. Disponível em: FNE - Metais pesados sobre Brumadinho. Acesso em: 10 jun. 2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 7 ed. São Paulo: Positivo, 2000.

FERREIRA, Elaine Canisela. O silêncio que calou vidas. *In*: CALDAS, Graça (org). **Vozes e Silenciamentos em Mariana: crime ou desastre ambiental. impactos ambientais.** 2 ed. Campinas, SP: BCCL/UNICAMP, 2018. p.101-103. Disponível em: http://www.labjor.unicamp.br/wpcontent/uploads/2018/04/2a_edicao_digital_vozes_e_silenciamentos_em_Mariana_06042018_LABJOR_09-04.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

FFW. **São Paulo Fashion Week, n. 45.** 2018. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/n45/ronaldo-fraga/1692924/>. Acesso em: 10 jun 2021.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. **Por que a doença causada pelo novo coronavírus recebeu o nome de covid-19?** Rio de Janeiro, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-coronavirus-recebeu-o-nome-de-covid-19>. Acesso em 10 jun. 2021.

FOSCHIERA, Atamis Antonio; BATISTA, Lucione Sousa; THOMAZ JUNIOR, Antonio. Organização e Atuação do Movimento dos Atingidos por Barragens: o caso do MAB/TO. **Revista Pegada**, [S.l.], v. 10, n. 1, 2009. Disponível em file:///C:/Users/Notebook/Downloads/ORGANIZACAO_E_ATUACAO_DO_MOVIMENTO_DOS_ATINGIDOS_P.pdf. Acesso em 04 março 2021.

FRAGA, Ronaldo. Ronaldo Fraga emociona com desfile sobre tragédia de Mariana. [Entrevista concedida a] Maria Rita Alonso. **Jornal Estadão**, São Paulo, 26 abr. 2018. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/2884184/ronaldo-fraga-emociona-com-desfile-sobre-tragedia-de-mariana>. Acesso em: 18 nov. 2020.

FREITAS, Carlos Machado de. *et al.* Desastres naturais e saúde: uma análise da situação do Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 9, p. 3645-3656, set. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000903645&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 8 jan. 2020.

FREITAS, Carlos Machado de; BARCELLOS, Christovam; HELLER, Léo; LUZ, Zélia Maria Profeta da. Desastres em barragens de mineração: lições do passado para reduzir riscos atuais e futuros. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 28, n.1, 2019.

FREITAS, Wesley; JABBOUR, Charbel. Utilizando Estudo de Casos Como Estratégia de Pesquisa Qualitativa: Boas Práticas e Sugestões. **Revista Estudo & Debate**, Lajeado, v. 18, n. 2, dez. 2011. Disponível em: <http://www.meep.univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/560/550>. Acesso em: 08 dez. 2019.

FUNDAÇÃO RENOVA. **Renova esclarece: Barra Longa.** 2018. Disponível em: [Renova Esclarece: Barra Longa | Fundação Renova \(fundacaorenova.org\)](https://www.fundacaorenova.org). Acesso em: 10 jun. 2021.

FUNDAÇÃO RENOVA. **Relatório Anual de Atividades.** 2019. Disponível em: <https://www.fundacaorenova.org/wp-content/uploads/2019/01/renovaanual-1.pdf>. Acesso em 08 jun 2021.

FUNDAÇÃO RENOVA. **A construção de Gesteira**. 2020. Disponível em: A construção de Gesteira: Fundação Renova (fundacaorenova.org). Acesso em: 15 nov. 2020.

FUNDAÇÃO RENOVA. **Construir novos caminhos**. 2021. Disponível em: <https://www.caminhodareparacao.org/reparacao-integrada/construir-novos-caminhos/>. Acesso em: 14 jun. 2021.

GABRIEL O PENSADOR. **Cacimba de mágoa**. 2018. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/gabriel-pensador/cacimba-de-magoa.html>. Acesso em: 10 jun. 2021.

GEHA, Clélia Reis. O que você entende por leitora gendrada e leitora feminista? **Mulher e Literatura**, Salvador, 14 ago. 2011. Disponível em: <http://mulhereliteratura.blogspot.com/2011/08/>. Acesso em 10 jun. 2021.

GIACOMONI, Claudia Hofheinz. Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 12, n.1, p. 43 -50, jun. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2004000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 set. 2020.

GOMES, Christiane L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v.1, n.1, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430/279>. Acesso em: 14 jun. 2021.

GOMES, Christianne Luce. Verbetes Lazer – Concepções. In: GOMES, Christianne Luce; (Org.) **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p.119-126. Disponível em: <https://grupootium.files.wordpress.com/2011/06/lazer-concepcoes-versaofinal.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2019.

GOMES, Christianne Luce; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; SILVA, Luciano Pereira da Silva. (org.). **Lazer, práticas sociais e mediação cultural**. Campinas: Autores Associados, 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Barra Longa**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/barra-longa/historico>. Acesso em: 14 jun. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Barra Longa**. 2020. Disponível em: Barra Longa (MG) | Cidades e Estados | IBGE. Acesso em: 10 jun 2021.

INSTITUTO Elo. **Quem somos**. 2020. Disponível em: <http://www.institutoelo.org.br/site/quem-somos/>. Acesso em: nov. 2020.

JACOBI, Pedro Roberto; CIBIM, Juliana, A necessária compreensão das consequências ampliadas de um desastre. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 1-5, 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/asoc/a/LTJGqKKY63fDrkFsFtf5hyQ/?lang=pt>. Acesso em: 8 jun. 2021.

KRENAK, Ailton. Ecologia política. **Ethnoscintia**, Altamira, v. 3, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscintia/article/view/10225>. Acesso em: 8 jun. 2021.

LAVRA à céu aberto: tudo o que você precisa saber sobre a NRM 02. 2020. Disponível em: <https://www.igneabr.com/post/nrm02#:~:text=A%20lavra%20a%20c%C3%A9u%20aberto,que%20caracterizam%20a%20minera%C3%A7%C3%A3o%20subterr%C3%A2nea>. Acesso em: 9 jun. 2021.

LIMA, Bárbara. N. de. A prática do bem viver: uma alternativa decolonial do desenvolvimento moderno. *In*: ROCHA, Paulo H. B.; MAGALHÃES, José L. Q.; OLIVEIRA, Patrícia M. P. **Decolonialidade a partir do Brasil**. Belo Horizonte: Dialética, 2020. p. 247-263.

LIMA, Fernanda. **Um ano do rompimento de Fundão**. Samarco. 2016. Disponível em: https://www.samarco.com/wpcontent/uploads/2020/12/BookSamarco_final_baixa.pdf. Acesso em: 9 jan. 2021.

LOURENÇO, Leandro Dias. **Artesão de Bordado a Mão: Tipo Patwork**. Paraná: Instituto Federal do Paraná, 2012. Disponível em: <http://pronatec.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2012/07/abm1.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.

LUCE, Patrícia Campos; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; GOMES, Ana Maria Rabelo. Experiência, performance e práticas de aprendizagem: temas para pensar o lazer de forma não fragmentada. **Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/817/618>. Acesso em: 8 mar. 2020.

MAB. Movimento dos atingidos por Barragens. **Análise do MAB sobre o Crime Causado pelo Rompimento da Barragem da SAMARCO (VALE/BHP BILLITON)**. São Paulo: Secretaria Nacional, 2016. Disponível em: <https://issuu.com/mabnacional/docs/combinepdf>. Acesso em: 26 jan. 2021.

MAB. Movimento dos atingidos por Barragens. **Quem somos**. 2020. Disponível em: [Quem somos - MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens](#). Acesso em: 10 jun. 2020.

MALTA. Marize. Paninhos, agulhas e pespontos: a arte de bordar o esquecimento na história. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. LUGARES DOS HISTORIADORES VELHOS E NOVOS DESAFIOS, 17. Florianópolis -SC, jul, 2015. **Anais...** Florianópolis, Santa Catarina, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433811122_ARQUIVO_AartedebordaroesquecimentonahistoriaREVISADOMARIZEMALTA.pdf. Acesso em: 12 nov. 2019.

MARTINEZ, Beatriz. **Bordado livre (pontos e riscos)**. 2020. Disponível em: https://br.pinterest.com/soniaps_m/croch%C3%AA/. Acesso em: 14 jun. 2021.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Cultura** (Org.). Campinas, SP: Alínea, 2007.

MELO, Vitor Andrade de. **Dimensões políticas do lazer: lazer, cidade e comunidade**. Brasília: SESI/DN, 2015.

MENDES, Aline.; MARQUES, Clarissa. Direito à cidade de Ubuntu: a desafrianação das cidades brasileiras e o Bem Viver como paradigma do urbano possível. *In*: ROCHA, Paulo. H. B da; MAGALHÃES, José. L. Q.; OLIVEIRA, Patrícia. M. P. **Decolonialidade a partir do Brasil**. Belo Horizonte: Dialética, 2020. p. 229-246.

MENEZES, Adriana. Sirene: um minto para se lembrar. *In*: CALDAS. Graça. **Vozes e Silenciamentos em Mariana: crime ou desastre ambiental**. Dependência Econômica. 2 ed. Campinas, SP: BCCL/UNICAMP, 2018. p. 140-141. Disponível em: http://www.labjor.unicamp.br/wp-content/uploads/2018/04/2a_edicao_digital_vozes_e_silenciamentos_em_Mariana_06042018_LABJOR_09-04.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPx5Zr3yrMjh7tCZVk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2021.

MINAS GERAIS. **Decreto-Lei nº 148**, de 17 de dezembro de 1938. Fixa a divisão territorial do Estado, que vigorará, sem alteração, de 1º de janeiro de 1939 a 31 de dezembro de 1943, e dá outras providências. Disponível em: <https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:minas.gerais:estadual:decreto.lei:1938-12-17;148>. Acesso em: 14 jun. 2021.

MONTEIRO, Ciro do Nascimento. Comissão de atingidos de Barra Longa ingressa com ação para a adesão ao processo de indenização simplificado. **Jornal A Sirene**, [S.], n. 59, mar. 2021. Disponível em: https://issuu.com/jornalasirene/docs/edi_o_59_-_mar_o_de_2021_-_jornal_a_sirene__corri. Acesso em: 14 jun. 2021.

NAKANO, Viviane; CAMPOS, Mário Júlio Avila. **Metais Pesados: um perigo eminente**. Instituto de Ciências Biomédicas, Universidade de São Paulo. [entre 2002 e 2021]. Disponível em: <http://www.icb.usp.br/~mariojac/links.html>. Acesso em: 19 fev. 2021.

NUVENS, Eduardo. WhatsApp: história, dicas e tudo que você precisa saber sobre o app. **Olhar Digital**, [online], 3 mar. 2021. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2018/12/20/noticias/whatsapp-historia-dicas-e-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-o-app/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

OLIVEIRA, Clara Costa. Para compreender o sofrimento humano. **Rev. Biot.**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 225-234, ago. 2016. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198380422016000200225&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 jan. 2021.

PADILHA, Tita. **A invisibilidade do bordado e a poética do avesso no trabalho de Cayce**. 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/38015595/RECTO_VERSO_A_INVISIBILIDADE_DO_BORDADO. Acesso em: 23 fev. 2021.

PASSOS, Flora Lopes; COELHO, Polyana; DIAS, Adelaide. (Des)Territórios da mineração: planejamento territorial a partir do rompimento em Mariana, MG. **Caderno Metr pole**, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 269-297, jan-abr. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cm/a/rP7sQjdcbrFKJNdGw56J_Dz/?lang=pt. Acesso em: 14 jun. 2021.

PEREIRA, Suellen Silva; CURI, Rosires Catão. Meio ambiente, impacto ambiental e desenvolvimento sustentável: conceitua es teóricas sobre o despertar da consciência ambiental. **Reunir - Revista de Administra o, Contabilidade e Sustentabilidade**, [S.l.], v. 2, n. 4, p. 35-57, set-dez. 2012. ISSN: 2237-3667. Disponível em: <https://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/pdf/meio-ambiente-impacto-ambiental-e-desenvolvimento-sustentavel-conceituacoes-teoricas-sobre-o-despertar-da-consciencia-ambiental.pdf>> Acesso em: 08 jan. 2021.

PESSOA, Vitor Lucas de Faria. Lazer, natureza e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 99-113, mai./ago. 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/Notebook/Downloads/21910-Texto%20do%20artigo-80390-1-10-20201202%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Notebook/Downloads/21910-Texto%20do%20artigo-80390-1-10-20201202%20(1).pdf). Acesso em: 11 jan. 2021.

PINHEIRO, Tarcísio Márcio Magalhães; POLIGNANO, Marcus Vinícius; GOULART, Eug nio Marcos Andrade; PROCÓPIO, José de castro (orgs). **Mar de lama da Samarco na bacia do rio Doce**: em busca de respostas. Belo Horizonte: Instituto Guaicuy, 2019. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/livro-busca-respostas-para-o-mar-de-lama-da-samarco>. Acesso em: 23 jun 2020.

PIRES, Everton de Oliveira; TOZATO, Heloísa de Camargo. **Saúde e Meio Ambiente**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2012.

PROJETO Empoderar exibe o trabalho de bordadeiras e quitadeiras de Barra Longa (MG). Funda o Renova. 2019. Disponível em: <https://www.fundacaorenova.org/noticia/projeto-empoderar-exibe-o-trabalho-das-bordadeiras-e-quitadeiras-de-barra-longa-mg/>. Acesso em: 08 jun. 2021.

PROSDOCIMI, Rafael. Desastres socioambientais em comunidades ocupadas por mineradoras: qual o impacto dos conflitos na vida dos jovens? Entrevista concedida a Célia Dias. **Espaço Aberto**, [S.l.], v. 10, ano 4, mar. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Notebook/Downloads/3153-6901-1-PB.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2020.

ROSA, Débora Diana. **Impactos do rompimento da Barragem da Samarco/Vale e BHP Billiton**: sobre a vida das mulheres atingidas em Mariana/MG. 2019. 331f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,

Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SAMARCO. **Relatório Bienal 2015-2016**. 2016. Disponível em: https://www.samarco.com/wpcontent/uploads/2020/12/Samarco_Relatorio-Bienal-2015_16-08092017.pdf Acesso em: 9 jun 2021.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; SOUSA, Ioranny Raquel Castro de; FARIA, Gislene Moreira Nogueira; SANTOS, Roberta de Jesus dos; LOPES, Monaiza Lima; NASCIMENTO, Mirelle Pereira do; SILVA, Junior Vagner Pereira da; MELO, Gislane Ferreira de. A Experiência das “Oficinas”: encontros de lazer. *In*: SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; SILVA, Junior Vagner Pereira da. (org). **Lazer e cidadania: horizontes de uma construção coletiva**. 2011. p. 97-146. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/127713/Lazer%20e%20cidadania%20%20horizontes%20de%20uma%20constru%C3%A7%C3%A3o%20coletiva.pdf?sequence=1>. Acesso em: 06 out. 2019.

SANDEVILLE, Isabela; MAKARON, Andreia. “**Ó Os da Lama**”: impactos nas relações sociais e identidade dos indivíduos atingidos. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2017.

SANTOS, Joice. A responsabilidade da Samarco. *In*: CALDAS, Graça (org). **Vozes e silenciamentos em Mariana: crime ou desastre ambiental?** 2 ed. Campinas, SP: BCCL/UNICAMP, 2017. p. 62-67. Disponível em: http://www.labjor.unicamp.br/wpcontent/uploads/2018/04/2a_edicao_digital_vozes_e_silenciamentos_em_Mariana_06042018_LABJOR_09-04.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. Desastre Ambiental em Brumadinho. **Mundo Educação**, [online], 27 fe. 2019. Disponível em: <http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/397806.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 31, n. 5, p. 538-542, out. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489101997000600016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 nov. 2019.

SIGNIFICADOS. **O que é Whatsapp**. 2020. Disponível em: Significado de Whatsapp (O que é, Conceito e Definição) - Significados. Acesso em: 10 jun. 2020

SILVA, Cristiane. Barra Longa é atingida pela lama de rompimento de barragens. **Estado de Minas**, 6 nov. 2015. Disponível em: Barra Longa é atingida pela lama de rompimento de barragens - Gerais - Estado de Minas. Acesso em: 10 jun. 2021.

SILVA, Paulo Fernando Teles de. **Bordados Tradicionais Portugueses**. [2006]. 120f. Dissertação. (Mestrado em Design e Marketing) – Departamento de Engenharia Têxtil, Universidade do Minho, Braga, [2006]. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6723>. Acesso em :12 jan. 2021.

SILVA, Luciene Ferreira da.; MORENO, José Carlos de Almeida; VERALDO, Katyucia Cardoso. Relações com o Trabalho. *In*: STOPPA, Edmur Antônio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas: Autores Associados, 2017. p.49-64.

SILVA, Marcelo J de S e.; SCHRAIBER Lilia B.; MOTA, André. O conceito de saúde na Saúde Coletiva: contribuições a partir da crítica social e histórica da produção científica. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/physis/2019.v29n1/e290102/pt>. Acesso em: 02 dez. 2020.

SIMIONI, Ana Paula. Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. **Revista Proa**, [S.l.], v. 1., n. 02, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Notebook/Downloads/237Texto%20do%20artigo-6570-1-10-20161120.pdf>. Acesso em 23 de fevereiro de 2021.

SOUSA, Juliana Padilha de. **Tramas Invisíveis**: bordado e a memória do feminino no processo criativo. 2019. 164f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará 2019.

SOUZA, Juliana; PADILHA, Janeide; OLIVEIRA, Gabriel; PAIVA, Thais; **Contaminação por metais pesados na água utilizada por agricultores familiares na Região do Rio Doce**. 2017. Disponível em: https://www.greenpeace.org/static/planet4-brasilstateless/2018/07/greenpeace_estudo_agua_riodoce-.pdf. Acesso em: 9 jan. 2021.

SOUZA, Rafaela. **Mineração**. 2020. Disponível em: [Mineração: o que é, tipos, processo, mineração no Brasil \(biologianet.com\)](http://biologianet.com). Acesso em 9 jun. 2021.

TONELLO, Josimar; SURDI, Aguinaldo César. Lazer e saúde: algumas aproximações em direção à melhoria da qualidade de vida das pessoas. **Visão Global**, Joaçaba, v. 10, n. 2, p. 201-228, jul-dez. 2007. Disponível em: http://projetoeduc.cecierj.edu.br/eja/recurso-multimedia-professor/educacao_fisica/novaeja/m1u04/2-saude-e-lazer.pdf. Acesso em: 25 out. 2019.

VALE. **Você sabe o que é pelotização?** 2017. Disponível em: <http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/news/Paginas/voce-sabe-o-que-e-pelotizacao.aspx>. Acesso em: 10 jun. 2021.

VALE. **Sobre a Vale**. 2021. Disponível em: <http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 9 jun. 2021.

VALE, João Henrique do. Praça interdita por barragem em Mariana será reinaugurada em Barra Longa. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 29 out. 2016. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/10/29/interna_gerais,819192/praca-interditada-por-lama-de-barragem-em-mariana-sera-reinaugurada-em.shtml. Acesso em: 14 jun. 2021.

VALENTE, Laura. SPFWN45: Ronaldo Fraga valoriza arte manual mineira das bordadeiras de Barra Longa em desfile. **Uai Notícias**, Minas Gerais, 26 abr. 2018. Disponível em: [SPFWN45: Ronaldo Fraga valoriza arte manual mineira das bordadeiras de Barra Longa em desfile - Uai Feminino](#). Acesso em 10 jun. 2021.

VORMITTAG, Evangelina da Motta Pacheco Alves de Araujo; OLIVEIRA, Maria Aparecida de; GLERIANO, Josué Souza. Avaliação de saúde da população de Barra Longa afetada pelo desastre de Mariana, Brasil. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 21, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/asoc/v21/pt_1809-4422-asoc-21-e01222.pdf. Acesso em: 26 jan. 2021.

WANDERLEY, Luiz Jardim; MANSUR, Maíra Sertã; MILANEZ, Bruno; PINTO, Raquel Giffoni. Desastre da Samarco/Vale/BHP no Vale do rio Doce: aspectos econômicos, políticos e socioambientais. **Cienc. Cult**, São Paulo, v. 68 n.3, jul-set. 2016. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300011. Acesso em: 18 jun. 2020.

ZANIRATO, Silvia Helena; RIBEIRO, Wagner Costa. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 251-262, jun. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882006000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 out 2020.

ZHOURI, Andréa; VALÊNCIO, Norma; OLIVEIRA, Raquel; ZUCARELLI, Marcos; LASCHEFSKI, Klemens; SANTOS, Ana Flávia. O desastre da Samarco e a política das afetações: classificações e ações que produzem o sofrimento social. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 68, n. 3, p. 36-40, set. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602016000300012>. Acesso em: 25 jun. 2020.

ZULAUF, Werner E. O meio ambiente e o futuro. **Estudos Avançados**, [S.l.], v. 14, n. 39, p. 85-100, 2000. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268332629.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2021.

APÊNDICE I

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Maira, sou mestranda da Universidade Federal de Minas Gerais no Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer.

Você está sendo convidada a participar da pesquisa: Transformações de Práticas de Lazer das Bordadeiras da Cidade de Barra Longa – Minas Gerais - Após o Rompimento da Barragem de Fundão.

Meu eu interesse, através dessa pesquisa, é estudar as bordadeiras de Barra Longa e suas práticas de bordado e lazer, após o rompimento da barragem de fundão. O interesse surgiu após uma entrevista de Ronaldo Fraga, que foi ao ar na TV Globo, no MG-TV 1ª edição, onde ele usou o bordado como uma forma de resgatar as memórias perdidas por causa do desastre.

Depois disso, o relato de uma bordadeira me chamou atenção, ela afirma que os seus hábitos de bordar foram modificados devido à grande ocupação da cidade com trabalhadores da SAMARCO. Hábitos estes que estão ligados também aos locais onde bordar. O objetivo dessa pesquisa é analisar as relações do bordado com a reconstrução do dia a dia das bordadeiras nas práticas sociais de lazer, após o rompimento da barragem de Fundão.

Para participar dessa pesquisa, entramos em contato com você para que pudéssemos agendar esse encontro, no qual está sendo convidada a responder a uma entrevista sobre o objetivo descrito acima. Esta entrevista pode acontecer no local de sua escolha e terá duração de 30 a 50 minutos.

Acredito que esta pesquisa pode trazer benefícios no sentido de auxiliá-las no clarear dos fatos e entender uma possível ligação relacionada entre as novas práticas de bordar ao rompimento da barragem e suas consequências.

Com relação aos riscos, as questões poderão abordar seu cotidiano, o que pode gerar algum tipo de situação que lhe cause algum constrangimento e, caso você sinta algum desconforto, intimidação ou constrangimento moral, terá total liberdade para não responder alguma pergunta.

1. A participação no estudo é voluntária e você tem a liberdade de se recusar a participar da pesquisa em qualquer etapa, sem prejuízo algum para a relação com o pesquisador ou o estudo.
2. As informações que serão obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação, que consistirá em responder aos questionários da pesquisa, por meio de entrevistas que serão gravadas e, após analisadas pelo pesquisador, respeitando o sigilo já mencionado, serão destruídas.
3. Ao relatar as suas experiências diárias e ou ser acompanhado em sua rotina, você poderá sentir algum desconforto. Sinta-se à vontade para conversar com

o pesquisador ou, até mesmo, para se recusar a comentar assuntos que lhe causem constrangimentos.

4. Você receberá uma cópia deste termo, onde constam o telefone e o endereço do pesquisador responsável pelo estudo, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.
5. Você não terá qualquer tipo de despesa para participar da pesquisa e não receberá remuneração por sua participação.

A pesquisa foi previamente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP/UFMG). Para obter maiores esclarecimentos sobre as questões éticas, o **COEP/UFMG está localizado em Belo Horizonte no campus UFMG Pampulha, na Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Adm. II, 2º Andar, sala 2005 – CEP:31270-901 – telefone: (31)3409-4592**. Se você entendeu a proposta do trabalho e concorda em participar como voluntário (a), solicitamos que nos conceda o seu consentimento formal.

Mestranda: Maira Elisa Cassimiro Martins Morais

Telefone: 3199726.6563

E-mail: maira.elisa@hotmail.com

Pesquisadora responsável: Cristiane Miryam Drumond de Brito

Telefone: 31 3409.4790

E-mail: cristianemdb@ufmg.br

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - Departamento de Terapia Ocupacional - Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha Belo Horizonte – MG CEP 31270-901

Profa.

Cristiane Miryam Drumond de Brito – Pesquisadora Responsável

Maira Elisa Cassimiro Martins Morais - Mestranda

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFMG¹³.

Local e Data: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE II

Roteiro da entrevista semiestruturada

Objetivo Geral: analisar se houve transformações nas práticas sociais de lazer das bordadeiras de Barra Longa, após o rompimento da Barragem de Fundão, tendo como centralidade o bordado, e procurar entender se essa prática é capaz de ressignificar locais e memórias.

- Nome:
- Idade:
- Estado civil:
- () Casado () Solteiro () Divorciado () Viúvo () Outros _____
- Tem filhos? (S) (N) Quantos: ____
- Grau de escolaridade:
- Cidade onde nasceu:
- Quantas pessoas moram na casa?
- Qual a sua principal fonte de renda?
- Caso a renda principal não venha do bordado, explorar se o bordado é um complemento dessa renda.
- Quando e como você iniciou a prática de bordado? (Historicidade).
- Como era sua prática de bordado? (Explorar se sozinho(a), coletivamente, tradição da família, se era junto com a comunidade entre outros aspectos). Oportunidade para harmonizar com a natureza, convivência em grupo, coletividade, atividade quase que rural.
- O que é lazer?
- Seu lazer se modificou depois do rompimento da barragem? (Explorar como era antes).
- O bordado é lazer para você? Se sim, por quê?
- Se não, o que você considera como lazer?

- Você tem práticas de lazer? Em caso positivo, você pode me contar como e quais são?
- Qual local e em que momentos você gosta de bordar? (Antes e depois do rompimento).
- Me fale como é o bordado no seu dia a dia. Começar do passado primeiro. (Houveram mudanças após o acidente)
- Você borda temas da cidade em que vive? Quais tipos de temas? (Memórias de sua família, da cidade, você borda o quê?) Como era o seu bordado antes do rompimento da barragem? Por que modificou?
- Para você, como foi o rompimento da barragem de fundão? Conte-me um pouco sobre isso.
- Onde você estava quando aconteceu o rompimento da barragem?
- O bordado é capaz (te ajudou ou tem ajudado a você refazer e trabalhar sua memória?) de reconstruir memórias anteriores ao acidente?
- As decisões de reconstrução da cidade, realmente, estão sendo tomadas em conjunto? (Comunidade local, técnicos, especialistas das áreas de conhecimento socioambiental e etc.)
- Você considera a Vale uma empresa importante para a cidade? (Explorar a importância da Vale, antes e depois da Vale)
- Como era a cidade antes da chegada da Vale?
- Quais foram as mudanças em seu comportamento com relação aos lugares onde bordar?
- Quais benefícios a Vale trouxe para a comunidade?